



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
(PPGHIS)**

**A FRONTEIRA VERMELHA
UMA HISTÓRIA DO MOVIMENTO COMUNISTA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (1917-73)**

GABRIEL OBERLEITNER

Foz do Iguaçu

2025

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
(PPGHIS)**

A FRONTEIRA VERMELHA

UMA HISTÓRIA DO MOVIMENTO COMUNISTA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (1917-73)

GABRIEL OBERLEITNER

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Endrica Geraldo

Foz do Iguaçu

2025

GABRIEL OBERLEITNER

A FRONTEIRA VERMELHA

UMA HISTÓRIA DO MOVIMENTO COMUNISTA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (1917-73)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa.Dra Endrica Geraldo (PPGHIS - UNILA)

Prof. Dr. Felix Pablo Friggeri (PPGICAL - UNILA)

Prof. Dr. Paulo Renato da Silva (PPGHIS - UNILA)

Foz do Iguaçu, 25 de março de 2025

FICHA CATALOGRÁFICA EMITIDA PELA
BIBLIOTECA DA UNILA

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - CENTRAL

O12

Oberleitner, Gabriel.

A fronteira vermelha: uma história do movimento comunista entre Brasil e Paraguai (1917-1973) / Gabriel Oberleitner. - Foz do Iguaçu, 2025.

135 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Programa de Pós-Graduação em História. Foz do Iguaçu - PR, 2025.

Orientadora: Endrica Geraldo.

1. Brasil. 2. Paraguai. 3. Comunismo. I. Geraldo, Endrica. II. Título.

CDU 329.15(81:893)(091)"1917/1973"

Dedico este trabalho à minha mãe, cuja mente, assim como a minha, nunca fez da fronteira o fim do mundo.

AGRADECIMENTO (S)

A minha orientadora Endrica, por ter me acompanhado ao longo deste trabalho, confiado em minhas habilidades, oferecido boa ajuda com sugestões de leitura e pesquisa que enriqueceram meu trabalho.

Aos funcionários do Museu da Justiça em Asunción, especialmente a sra. Palau, que me receberam cordialmente e de braços abertos.

A meu amigo Leonardo, que me ajudou a conhecer o Paraguai.

Ao recém-falecido Martín Almada, cujo heroísmo, dedicação e intransigência na luta pela justiça aos torturados, silenciados e oprimidos, e na preservação de suas histórias, tornaram este trabalho possível.

À UNILA, símbolo de diversidade, compreensão, solidariedade e cultura, que nunca desistiu de me ajudar a compreender este mundo tão confuso.

RESUMO

Este trabalho visa elucidar e analisar a natureza da relação entre o Partido Comunista Paraguaio (PCP) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB) durante o período entre a década de 1920 e o final dos anos 1960, analisando quais contribuições tiveram os militantes de ambos os partidos para a organização, luta e formação ideológica do outro, dentro de um contexto de agudos conflitos políticos e militares, como a Guerra do Chaco (1932-5), a Guerra Civil Paraguaia (1947) e os esforços de guerrilha contra o regime de Alfredo Stroessner (1954-89). O estudo será baseado em fontes literárias, como livros e artigos, biografias e depoimentos de militantes (como *Formación Histórica de la Nación Paraguaya*, de Oscar Creydt, e *Formação do PCB*, de Atrojildo Pereira), matérias de jornais ligados aos partidos comunistas (como *A Classe Operária*, periódico do PCB entre 1925 e 1953), e documentação policial (fichas criminais, depoimentos, relatórios), extraída principalmente do *Centro de Documentación y Archivo* (CDyA), no Museu da Justiça em Asunción. Será examinada a participação de brasileiros, principalmente brasileiros comunistas, no âmbito da política comunista paraguaia, dentro deste recorte temporal, bem como as perspectivas e posições ideológicas sobre o território nacional brasileiro para a revolução comunista no Paraguai, e vice-versa, visando contribuir para a ainda escassa e recente literatura sobre o movimento comunista na dimensão paraguaia, de maneira informada pelas teorias de autores como Luca (2007) e Prado (2005).

Palavras-chave: Brasil, Comunismo, Paraguai.

ABSTRACT

This paper aims to elucidate and analyse the nature of the relationship between the Paraguayan Communist Party (PCP) and the Brazilian Communist Party (PCB) during the period between the 1920s and the late 1960s, looking at the contributions made by militants from both parties to the organization, struggle and ideological formation of the other, within a context of acute political and military conflicts, such as the Chaco War (1932-5), the Paraguayan Civil War (1947) and the guerrilla efforts against Alfredo Stroessner's regime (1954-89). The study will be based on literary sources, such as books and articles, biographies and testimonies of militants (such as Oscar Creydt's *Formación Histórica de la Nación Paraguaya* and Astrojildo Pereira's *Formação do PCB*), newspaper articles linked to the communist parties (such as *A Classe Operária*, the PCB's periodical between 1925 and 1953), and police documentation (criminal records, testimonies, reports), drawn mainly from the *Centro de Documentación y Archivo* (CDyA), at the Asunción Justice Museum. The participation of Brazilians, mainly Brazilian communists, in Paraguayan communist politics will be examined within this time frame, as well as the perspectives and ideological positions regarding the Brazilian national territory for the communist revolution in Paraguay, and vice versa, with the aim of contributing to the still scarce and recent literature on the communist movement in the Paraguayan dimension, in a manner informed by the theories of authors such as Luca (2007) and Prado (2005).

Key words: Brazil, Communism, Paraguay

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANL	Aliança Nacional Libertadora
BOC	Bloco Operário e Camponês
CDyA	<i>Centro de Documentación y Archivo</i>
CIA	<i>Central Intelligence Agency</i>
DNAT	<i>Dirección Nacional de Asuntos Técnicos</i>
EUA	Estados Unidos da América
FULNA	Frente Unida de Libertação Nacional
IC	Internacional Comunista
M-14	<i>Movimiento 14 de Mayo</i>
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PCP	Partido Comunista Paraguaio
PCUS	Partido Comunista da União Soviética
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Tema	9
1.2 Historiografia	11
1.3 Fontes e Metodologia	15
2 DA FORMAÇÃO AO GOLPE DE STROESSNER	24
2.1 Antecedentes e Formação	24
2.2 Guerra do Chaco (1932-35)	30
2.3 Pós-guerra do Chaco, Frente Popular e Guerra Civil (1936-54)	38
2.4 Os conflitos pelos olhos da imprensa comunista	44
3. O STRONATO E OS “ANOS DE CHUMBO” (1954-75)	55
3.1 A origem da guerrilha comunista no Paraguai	57
3.2 A fronteira e o Brasil no início do regime Stroessner	73
3.3 O PCB no início da década de 60 e as cisões	78
3.4 A aproximação entre Brasil e Paraguai na década de 60 e o caso da FULNA em São Paulo	81
3.5 As guerrilhas no Brasil e Paraguai após 1965	90
3.6 A dependência externa do Paraguai na obra de Creydt	105
3.7 O caso Soledad Barrett Viedma	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS.....	130

1. INTRODUÇÃO

1.1 Tema

Desde o período da independência, a visão desde fora sobre o Paraguai tem interpretado esta terra como um lugar isolado, pobre e rural, dominado por regimes autoritários. Mas ao mesmo tempo em que vários de seus chefes de estado, desde Gaspar Rodriguez de Francia, passando por Francisco Solano Lopez e, décadas mais tarde, Alfredo Stroessner, promoveram políticas a favor do isolamento comercial, midiático, cultural e político do Paraguai (Alcalá, 2007), as contradições desta política não tardaram a vir em peso.

O Paraguai nunca pôde permanecer alheio do comércio internacional, na bacia do rio da Prata e além. Após o conflito armado entre 1864 e 1870, conhecido entre brasileiros, argentinos e uruguaios como a Guerra do Paraguai e entre os paraguaios e alguns outros como a Guerra da Tríplice Aliança¹, o país, apesar de ter saído devastado, massacrado, e dominado por interesses imperialistas exteriores, viu florescer em seus poucos centros urbanos uma indústria nascente, montada para apoiar a economia de exportação de matéria-prima por meio dos portos fluviais. Em torno a essa conjuntura, surge o proletariado paraguaio, que logo estará inserido em um cenário regional internacional de greves, organizações sindicais, partidos políticos, influências do exterior, e, mais importante, solidariedade de classe através das fronteiras nacionais.

¹ A Guerra da Tríplice Aliança (1864-70) foi um conflito armado travado entre o Paraguai e uma aliança composta pelo então Império do Brasil, o Uruguai e a Argentina. Pesquisadores divergem sobre a quantidade de paraguaios mortos durante esta guerra, uma faixa de entre 15% e 75% da população pré-guerra do país (MILANESI, 2004).

Esta pesquisa busca elucidar aspectos de solidariedade, cooperação, proteção, conflito e, ocasionalmente, indiferença entre o Partido Comunista Brasileiro (PCB)² e o Partido Comunista Paraguaio (PCP) dentro de uma ótica que enquadra como chave o conceito de internacionalismo proletário. Desde os tempos de Karl Marx (1818-83) e Friedrich Engels (1820-95), a organização internacional da classe operária foi aceita como algo de suma importância para o crescente movimento comunista, como exemplificado em uma frase do Manifesto Comunista: “os trabalhadores não têm pátria (...) não podemos tomar deles aquilo que não possuem” (MARX e ENGELS, 1972, p. 50). Porém, conforme o movimento foi se espalhando ao redor do planeta, militantes e grupos foram se deparando com realidades locais que desafiaram dogmas e incentivaram flexibilidade no percurso da revolução e da mobilização de massas em países menos industrializados e urbanizados que a Europa onde Marx viveu.

Com a pressão da 1ª Guerra Mundial (1914-18), houve cisões na Segunda Internacional (1889-1916). Os membros partido Bolchevique, ativo na Rússia, criticaram os membros dos partidos social-democratas do continente europeu por renunciarem à organização solidária dos trabalhadores de todos os países. Os bolcheviques partiram à oposição à participação do proletariado russo na guerra, sentimento mais explicitamente exposto no panfleto “Tornar Guerra Imperialista em Guerra Civil” (1915).

A vitória do partido Bolchevique na Revolução Russa (novembro de 1917) e

² Criado inicialmente como Partido Comunista do Brasil, alterou o nome para Partido Comunista Brasileiro em 1961. Em fevereiro de 1962, uma cisão deu origem ao PC do B (Partido Comunista do Brasil). Este trabalho adota a nomenclatura assumida pelo partido em 1961: Partido Comunista Brasileiro (PCB).

na Guerra Civil que assolou o país (1918-1922) radicalizou o movimento comunista em escala mundial, precipitando a formação da Terceira Internacional e da União Soviética. Notícias não tardaram a chegar ao continente sul-americano, onde um movimento operário já bastante ativo em centros urbanos as recebeu com entusiasmo, apesar da distorção das informações sobre o conflito presentes na imprensa dita “burguesa” (Rivarola, 2017).

Visto que julgavam os novos comunistas da América do Sul como afetados por um baixo nível de sofisticação doutrinária, o Comintern resolveu estabelecer uma secretaria em Buenos Aires, visando intervir diretamente na constituição de novos partidos comunistas em dimensão nacional na região (Pereira, 2022). Após tentativas de constituição, o PCB foi oficialmente fundado em 1922, enquanto o PCP foi fundado seis anos mais tarde. Logo após, ambos os partidos partiram rapidamente para a ação, fundando jornais operários como meio de difundir sua propaganda entre os trabalhadores.

1.2 Historiografia

Este trabalho foi, a princípio, inspirado no livro *Sonhos revolucionários e pesadelos ardentes - El machete, a classe operária e a luta da imprensa comunista mexicana e brasileira (1920 – 1930)*, do autor Fábio da Silva Sousa, publicado em 2021. Nesta obra, o autor expõe e disserta sobre a articulação política solidária entre os militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Partido Comunista Mexicano (PCM), durante as décadas de 1920, 1930 e 1940, apesar das enormes distâncias, dificuldades e desentendimentos envolvidos, utilizando da imprensa

operária destes partidos como objeto de estudo e meio para compreender o tópico em questão.

O plano inicial desta dissertação seria uma análise em moldes metodológicos semelhantes, aplicando-lhes à relação política entre o PCB e o Partido Comunista Paraguaio (PCP) em um recorte de tempo semelhante. Contudo, o escopo deste trabalho teve que ser diversificado tendo em vista a dificuldade em acesso a documentos de imprensa, espalhados em uma multitude de arquivos ao redor do Paraguai e do Brasil. Este problema não surgiu por coincidência, visto que a situação atual da pesquisa historiográfica sobre este tópico no Paraguai permanece modesta, e que a natureza clandestina da praxe comunista no país, até o período da redemocratização após 1989, produziu dificuldades no armazenamento e preservação de documentos, de maneira semelhante ao material propagandístico do PCB durante o mesmo período, como relatado por Sousa (2021).

Apesar das dificuldades no acesso a documentos jornalísticos, esta pesquisa foi auxiliada pela leitura e estudo de biografias e artigos históricos como em Rivarola (2017), Gaona (1967), Castells (2022), Quevedo e Soler (2020). A pesquisa sobre a luta do operariado na região é pautada na obra de Oliveira (2009), na qual a luta dos trabalhadores paraguaios nos campos de erva-mate da fronteira do Brasil e nos portos e embarcações das águas da bacia do rio Prata tem destaque e abordagem detalhada, e também na obra do sindicalista paraguaio Francisco Gaona (1901-80), que, além de produzir um livro em três volumes tratando da história do movimento operário paraguaio, tem deixado um expansivo acervo de documentos, digitalizado pelo Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), mantido

pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Em geral, os autores citados têm realizado estudos sobre a história do PCP, suas figuras mais importantes, como Oscar Creydt, analisado por Nickson (2011), que, de acordo com ele, conheceu Luís Carlos Prestes no exílio no Uruguai por volta de 1931, bem como as atividades deste partido no exílio. Oliveira (2009) discorre sobre a atividade transfronteiriça do movimento operário da bacia do Prata, analisando também o movimento sindical e a movimentação dos trabalhadores contra a Guerra do Chaco (1932-35). Porém, sua análise está mais focada no eixo Paraguai-Argentina-Uruguai, com o Brasil (mais especificamente, a cidade de Corumbá, no atual Mato Grosso do Sul) exercendo papel secundário em sua pesquisa.

Uma questão de importância para a análise do tema é a dos conflitos internos e mudança de direção e estratégia nos partidos. Não é de se esperar que o movimento comunista na América do Sul, afetado por sua distância do “palco principal” da luta de classes para o Comintern na Europa e Ásia e pela origem anarquista da maior parte de seus militantes, tivesse experiência e familiaridade completa com conceitos como a Frente Popular.

Quevedo e Soler (2020) relatam uma carta enviada pelo comunista argentino Orestes Ghioldi a Moscou que denunciava que a aproximação improdutiva do PCP com o governo do coronel Rafael Franco em 1936 (que logo viria a se afastar dos comunistas mais tarde em seu breve governo) teria facilitado a introdução de “elementos trotskistas” no comunismo regional por meio da crítica. Isto, porém, deve ser analisado criticamente – durante a década de 1930, a propaganda do

Comintern, dominada pela linha estalinista, punha Leon Trotsky como chefe de uma conspiração de “sabotadores” em aliança com nazifascistas, baseando-se em alegações circunstanciais e sem evidências. O fantasma do trotskismo como conspiração não ficou alheio dos assuntos comunistas na América Latina, e chegava até as charges de jornal, como demonstrado por Sousa (2021).

O movimento operário, bem como marxismo, são fenômenos políticos de diversas vertentes, e o posicionamento de um autor sobre esta questão pode informar sua própria perspectiva, e possivelmente um viés, sobre a história do comunismo e do movimento operário na América Latina. Francisco Gaona (1901-80), por exemplo, figura simultaneamente como observador e relator dos eventos e como militante que participava dos conflitos, revoltas e levantes que caracterizam a história do movimento operário no Paraguai, e seu trabalho serve como fonte importante sobre a formação e vida do Partido Comunista Paraguai. Obras suas, como *História Gremial y Social del Paraguay*, são fontes detalhadas de informação sobre o desenvolvimento do movimento operário neste país, entre o final do século XIX e a Guerra Civil de 1947. Porém, Gaona dialogou em várias ocasiões com outros partidos e correntes do movimento operário, e foi expulso do PCP em janeiro de 1941 após 8 anos de participação, acusado de ser “reformista” (PORTAL GUARANÍ).

Por fim, utilizarei do livro *Formación Histórica de la Nación Paraguaya*, escrito por Oscar Creydt, presidente do Partido Comunista Paraguai de 1953 até sua expulsão em 1965, cuja escrita foi iniciada pelo tal em 1963 e finalizada em 1986. A versão deste trabalho é a 4ª edição revisada e ampliada da obra, publicada em 2010. Neste livro, Creydt não somente expõe e explica suas próprias visões

sobre o desenvolvimento histórico da sociedade nacional paraguaia - com seu arranjo de classes sociais, modos de produção, padrões de colonização, conflitos políticos e militares, internos e externos, e seu desenvolvimento econômico e comercial – como também deixa claro seu posicionamento acerca da situação contemporânea do Paraguai, na qual considerava que o país estava dominado pelo capital estrangeiro, não somente a serviço dos EUA, mas também da Argentina e Brasil.

Além de uma parte teórica, o livro de Creydt inclui cartas e entrevistas escritas pelo autor que remontam a sua formação política, suas viagens ao exterior (inclusive no Brasil), suas relações pessoais e políticas com militantes tanto paraguaios quanto estrangeiros, seus atos como chefe do Partido e de uma guerrilha, e sua visão de mundo sobre conflitos que se desdobravam ao redor do planeta, que lhe deram inspiração. Tal livro, sendo obra de Creydt, deve ser tomado como fonte parcial no relato dos conflitos internos e externos do Partido, tendo em vista as convicções sectárias do autor no momento de sua escrita. Mesmo assim, Creydt, tendo sido militante inserido no cerne da história do PCP e do comunismo no Paraguai, figura como fonte de várias informações sobre a História dos mesmos, e sua importância como participante e liderança em tais processos não merece ser subestimada.

1.3 Fontes e Metodologia

Entre as fontes, encontram-se os seguintes: fontes jornalísticas, retiradas de uma diversidade de títulos e fontes, como o jornal *A Classe Operária*, porta-voz do

PCB, e *Avante*, do PCP, preservados e arquivados de maneira digital; documentos policiais do Estado, como fichas criminais, boletins de ocorrência, relatos de investigação e interrogação; fontes literárias primárias, biografias de militantes envolvidos no movimento comunista, seus escritos (como *Formação do PCB*, de Astrojildo Pereira), e relatos de indivíduos presentes em momentos de relevância; fontes literárias secundárias, compostas por livros (como *Nas Águas do Prata*, de Vitor Wagner Neto de Oliveira) e artigos de internet escritos por pesquisadores e historiadores. Vale ressaltar que cada tipo de fonte merece uma abordagem e metodologia diferentes, levando em conta as parcialidades e vieses que os permeiam.

A literatura existente sobre o comunismo no Brasil e Paraguai tem elucidado questões gerais sobre a história dos partidos ali ativos durante o recorte de tempo escolhido. Sabe-se, por exemplo, da atividade política do PCP contra a Guerra do Chaco (1932-35), informada por sua perspectiva sobre o conflito, que levou os militantes deste partido a se oporem ativamente à autoridade do Estado paraguaio e suas demandas de lealdade durante o conflito armado. Quevedo e Soler (2020) explicam a organização do partido, bem como suas atividades contra a guerra, por meio de informações coletadas por informes do secretariado da Seção Sul-Americana (SSA) da Terceira Internacional.

A análise das fontes jornalísticas deve manter em mente algumas características discursivas. O jornal ou periódico é um meio de comunicação marcado por alguns fatores materiais – a tiragem da publicação, o papel e a tinta no qual está escrito, o capital que foi investido neste para sua produção etc. Jornais são frequentemente preservados em arquivos, bibliotecas, coleções privadas e

públicas, museus, e outros lugares nos quais possam ser vistos. No caso do jornal *A Classe Operária*, exemplares têm sido disponibilizados pelo Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), em Campinas, SP. O tema dos jornais comunistas será tratado em uma seção do capítulo 1 deste trabalho.

Um outro tipo de fonte são os documentos de polícia, que, por outro lado, fornecem informações críticas sobre a organização, atividade e composição de grupos comunistas pelos olhos do inimigo – o Estado e a polícia. No caso do Paraguai, fichas criminais, informes, e relatórios de espionagem foram preservados em acervos como o *Centro de Documentación y Archivo* (CDyA), coloquialmente conhecido como o “Arquivo do Terror”, guardado no Museu da Justiça em Asunción, que detalha o monitoramento, perseguição e punição de dissidentes políticos no Paraguai no período de 1930-92. Em 29 de junho de 2017, documentos do arquivo em formato digital foram entregues ao Arquivo, para o acesso livre a visitantes e pesquisadores. Os documentos digitalizados totalizam 650.124 arquivos de dados, 546 áudios, 39 pastas de fotografias, com aproximadamente 20.000 fotografias (SECRETARIA NACIONAL DE CULTURA, 2017).

Visitei pessoalmente este arquivo em abril de 2024. Em uma coleção datada de 1956, disponível no arquivo, documentos remetem a correspondências e “vários escritos” remetentes a militantes de grupos comunistas, interceptados pela polícia secreta do regime de Alfredo Stroessner (1954-89). Os documentos remetem a vários grupos políticos ativos principalmente na região da bacia do Prata (Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai), com o implícito reconhecimento, por parte das autoridades redatoras de tal documentação, da centralidade do Paraguai para a análise, vigilância, e repressão destes grupos, visto que eram tratados como

ameaça para a ordem pública não somente dentro do Paraguai como também fora deste.

Além de vários documentos preservados em microfilme, papel e fotografias disponíveis em seu arquivo digital, também estão disponíveis materiais como livros e cartas que foram apreendidos pela polícia paraguaia no processo de prisão dos dissidentes. As principais fontes utilizadas para este estudo são os documentos digitalizados – relatórios de vigilância policial, transcrições de conversas com detentos e informantes, materiais confiscados (livros, panfletos, jornais clandestinos, documentos da direção de partidos, correspondências etc.), e textos retirados de jornais. Todos são disponibilizados pelo arquivo a visitantes e pesquisadores.

A confiabilidade de tais documentos requer uma perspectiva de análise crítica e cética. Luciana Pereira (2013), em seu estudo sobre relatórios realizados pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) sobre militantes comunistas presos e interrogados durante a ditadura militar (1964-85), ressalta a necessidade de seguir as regras do ofício do historiador ao mergulhar-se neste tipo de fonte. A atitude das ditaduras do cone sul frente ao movimento comunista e suas organizações era uma de forte aversão e de extermínio. O comunismo, visto pelos aparatos repressivos como ameaça ao tecido conectivo da sociedade e veículo da desordem e da desobediência civil, era um fenômeno que, no *modus operandi* da vigilância policial, deveria ser catalogado e tratado de uma maneira específica. Palavras como “subversivo” devem ser interpretadas como elementos de linguagem que denotam mais a identidade do órgão emissor do documento do que a própria identidade do personagem ou grupo acusado.

Apesar disto, as informações reveladas pelos documentos do Arquivo do Terror que serão mencionados e discutidos são suficientes para comprovar a presença e atividade de militantes comunistas brasileiros no Paraguai durante o período em questão.

Uma análise comparada de múltiplas fontes, portanto, pode elucidar lacunas de informação que possam aparecer no curso da pesquisa. Partidos comunistas são órgãos dinâmicos, formados por uma diversidade de figuras, estas quais possuem relacionamentos variados que podem ir desde a amizade mais solidária ao desagrado e rivalidade por postos e por hegemonia dentro da organização. É preciso, portanto, abranger mais fontes no trabalho além do jornal, que, em um dado momento, é apenas a face do consenso dentro do partido, este qual pode ser delicado e meramente momentâneo.

Luca (2007) afirma:

“(…) Ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas. Estas, por sua vez, também são atravessadas por hierarquias: trata-se, por exemplo, da seção “política nacional” ou da “policia” (Já se mostrou como greves e movimentos sociais são sistematicamente alocados na última.) O assunto retorna à baila ou foi abandonado logo no dia seguinte? Em síntese, os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir” (LUCA, 2007, p. 140).

Mesmo assim, este elemento do jornal, sendo parte chave da propaganda oficial do partido, pode servir de medida para definir qual importância é dada pelos militantes dominantes dentro deste a um certo assunto. Em momentos de maior desarticulação e dificuldade para a atividade de militantes comunistas em escala internacional, por exemplo, é possível que menos informações sobre a atividade

política de partidos estrangeiros esteja disponível para o movimento em geral. Mas isto não é necessariamente inevitável, visto a possibilidade de militantes escolherem correr risco próprio para contribuir para a força do movimento.

Este trabalho será dividido em duas partes, remetentes a dois recortes temporais. O primeiro tratará do período entre 1917, data das duas Revoluções na Rússia, mas principalmente a Revolução de Outubro, até 1954, data do golpe militar no Paraguai que inaugurou a ditadura chefiada por Alfredo Stroessner. A atividade de ambos os partidos comunistas em questão, durante este período, foi marcada por uma oscilação instável entre a legalidade e a clandestinidade, exemplificada no breve período de legalidade à militância do PCP garantida por poucos meses pelo coronel Rafael Franco, que derrubou o governo anterior do Partido Liberal em 1936 e inaugurou um curto período de liberalização política. Para o caso do PCB, a situação da militância do partido é incerta desde sua fundação na década de 1920, onde sofre com a repressão das forças policiais do Estado, passando pelo primeiro governo de Getúlio Vargas, onde ajuda a constituir a Aliança Nacional Libertadora (ANL) como parte da estratégia da Frente Popular, até o ano de 1935, no qual o fracasso da Intentona Comunista força a maior parte de seus militantes à prisão ou ao exílio.

Ao final deste período, com o final da 2ª Guerra Mundial, na qual o Brasil e o Paraguai participaram como parte dos Aliados, ocorre um breve período de abertura democrática em ambos os países, com a renúncia de Getúlio Vargas e o fim do Estado Novo neste ano, bem como a inauguração de um período de reformas políticas no Paraguai sob a presidência de Higinio Morínigo (1940-48). Não obstante o retorno à legalidade de ambos o PCB e o PCP, a trégua acaba

sendo muito curta. No Paraguai, um período de crise política envolvendo a Asociación Nacional Republicana (o Partido Colorado) de um lado e uma aliança entre o Partido Liberal, os *febreristas* que seguiam Rafael Franco, e o PCP do outro acaba resultando em um conflito armado conhecido como a Guerra Civil de 1947. Os comunistas são fortemente reprimidos pelos Colorados no conflito. No Brasil, a legalidade do PCB e seu registro como partido político são cancelados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em maio do mesmo ano. Em 1954, sobe ao poder no Paraguai o militar Alfredo Stroessner, que inauguraria uma ditadura marcada pela tortura, censura, perseguição a dissidentes políticos e por abusos de direitos humanos.

O segundo período da pesquisa tratará do período entre 1954 e a primeira metade da década de 1970. No início deste período, enquanto o Brasil é governado por um regime democrático, o Paraguai passa pelos primeiros anos da ditadura de Stroessner. O PCP, após a greve geral de 1958 em Asunción e inspirado pela repercussão da Revolução Cubana no mesmo ano, que fez parecer possível a derrubada de um regime ditatorial por via armada, decide fundar a *Frente Unido de Liberación Nacional* (FULNA) em 1960 para servir como braço armado do Partido em um novo movimento de guerrilha. Como demonstrado por Silva (2017), o PCP via potencial na região fronteira Brasil-Paraguai, principalmente no estado do Mato Grosso, como espaço de refúgio e via de transmissão da guerrilha para o país, utilizando do território para montar esconderijos, acampamentos, recrutar e treinar guerrilheiros. O interesse do PCP e FULNA pela fronteira com o Brasil continua até o final da guerra de guerrilha no Paraguai, por volta de 1965, um ano após o Golpe Militar no Brasil, que inaugura um período de perseguição

intensificada contra os comunistas e outros elementos taxados de “subversivos” pelo novo regime em solo brasileiro.

Em contraste ao primeiro período, o período mais recente está marcado por uma maior abundância de fontes documentais registradas no “Arquivo do Terror”. Com a formalização do Plano Condor, passaram a colaborar de maneira mais regular e bem definida. A preocupação com a influência soviética e chinesa sobre movimentos políticos de esquerda e com a possibilidade de guerras de guerrilha, e outras possibilidades de resistência frente à repressão de uma rama de estados crescentemente repressivos sobre a vida pública política, “se traduz com clareza na organização de congressos internacionais e intercâmbios diversos para cooperação entre as polícias nos anos 1950” (PEREIRA, 2013, p. 10). Momentos como a Revolução Cubana, a Crise dos Mísseis, e a infiltração da influência política e econômica soviética sobre o continente motivaram os governos dos EUA a organizarem alianças e programas de treinamento de forças anticomunistas entre os estados latino-americanos (PEREIRA, 2013).

Um objetivo deste estudo é analisar a repercussão que eventos de importância para os comunistas em ambos os países – a Guerra do Chaco, a Intentona Comunista, a Revolução de Fevereiro de 1936, a perseguição, repressão e prisão dos comunistas brasileiros e paraguaios, a Guerra Civil Paraguuaia, o golpe de Stroessner, a guerrilha da FULNA, o Golpe Militar de 1964 – tiveram para um partido e outro. Em uma análise comparativa, levando em conta dois partidos separados por uma fronteira nacional, abrem-se diversas possibilidades de análise: expressões de aliança entre os dois, denúncias de prisões de militantes, convocações para demonstrações, convocações para a sincronia das atividades

militantes e demonstrações operárias, informes sobre congressos e reuniões, dentre outros assuntos. Um dos dois partidos pode, numa conjuntura, julgar a atividade do outro como algo de importância secundária, implicando numa relação assimétrica – o PCB, por exemplo, pode decidir tratar de assuntos no Comintern como um todo ou em países maiores da América Latina, julgando ser menos relevante para si a questão do Paraguai, enquanto que o PCP pode tratar o Brasil como território de grande importância para com o qual pressionar o governo de seu país, obter rotas de fuga ou infiltração, ou recrutar simpatizantes. Tal condição de assimetria depende da conjuntura política geral e da força relativa da militância comunista na região – certos períodos de atividade e conflito mais intensos tendem a gerar publicidade, incentivando escritores, jornais, militantes e autoridades do Estado a posicionar-se sobre eles.

Em certa medida, pode-se considerar este trabalho como sendo um de natureza histórica comparada. Neste campo, destaca-se o texto *Repensando a História Comparada da América Latina*, de Maria Ligia Coelho Prado (2005). Ao discutir obras e autores da literatura europeia e suscitar críticas sobre a influência de visões eurocêntricas sobre tal método historiográfico, a autora adverte sobre o uso generalizado de conceitos como “subdesenvolvimento” e “dependência”, dentre outras “juxtaposições e generalizações”, mas não defende a rejeição total de tais conceitos e metodologias. Em especial, uma observação que se reflete na realidade a ser apresentada neste trabalho remete às particularidades de diferentes regiões da América Latina no que tange à luta de classes em seu sentido marxista:

Relacionado a essa questão, outro problema de abordagem da história da América Latina precisa ser destacado: uma certa visão que

transportava para o cenário latino-americano modelos de interpretação histórica já estabelecidos e próprios da história europeia. Como exemplos desse período, salientamos os debates sobre a natureza das revoluções burguesas e socialistas. Outro caso emblemático, nos anos 60 e 70, refere-se aos estudos sobre o movimento operário. A historiografia esperava encontrar nas sociedades latino-americanas o mesmo comportamento político e a mesma organização sindical que haviam criada “a consciência de classe” do proletariado europeu (PRADO, 2005, p. 23).

2. DA FORMAÇÃO AO GOLPE DE STROESSNER (1928-54)

2.1. Antecedentes e Formação

A formação e fundação dos partidos comunistas na América do Sul se deu como consequência do crescimento do movimento operário na região nos anos anteriores à década de 1920. Conforme Oliveira (2009), os trabalhadores envolvidos na indústria e rede de transporte marítimo e fluvial na bacia do Prata, a partir do século XIX, organizaram-se crescentemente em sindicatos e confederações sindicais, visando defender e ampliar suas condições de trabalho e vida. Um exemplo de tal organização coletiva foi a greve que afetou a empresa de navegação fluvial Mihanovich (OLIVEIRA, 2009). Uma tendência à crescente organização e formalização dos movimentos em ligas sindicais, confederações, e congressos é notada neste período, produzindo organizações como, no Paraguai, a Liga de Operários Marítimos (LOM), formada por congresso em 1921 (GAONA, 2008).

Eventualmente, a progressão das greves e levantes operários ao longo da década de 1910 e do início da de 1920, combinada à chegada do Comintern, representante da corrente do comunismo soviético, influenciaram o surgimento de processos políticos formativos que culminaram na fundação de partidos comunistas pelos países da região, mesmo que isso não significasse a morte do anarquismo e do sindicalismo como influências. Muitos dos membros fundadores, militantes e disseminadores de propaganda destes partidos neste momento vieram das fileiras de outras correntes político-ideológicas. A princípio, a revolução armada não foi objetivo de maior parte da militância sindical operária. No caso brasileiro, Batalha (2000) identifica duas influências ideológicas que dominavam o movimento sindical: o anarco-sindicalismo, que, inspirado pela ideologia do anarquismo e da oposição ao Estado e à hierarquia, defendia a organização da sociedade por ligas e confederações sindicais organizadas de maneira horizontal; e o socialismo reformista, que defendia a maior inserção do movimento operário no funcionamento do governo e do Estado, buscando facilitar a legalização de medidas benéficas aos trabalhadores, como a redução da jornada de trabalho, a legalidade dos sindicatos, o salário-mínimo etc. (BATALHA, 2000).

Astrojildo Pereira (1890-1965) foi um militante operário brasileiro que esteve ativo nas correntes do anarquismo e, logo após, do comunismo, tendo sido membro do PCB até sua expulsão em 1930. Esteve diretamente envolvido com a militância sindical nos anos 1910, figurando como fonte primária e testemunha direta do percurso da luta operária no Brasil em seus primórdios. Em 1962, pouco antes de sua morte na prisão, Pereira publicou *Formação do PCB*, livro no qual expõe sua perspectiva não somente sobre a formação do Partido Comunista

Brasileiro, mas também sobre o movimento operário que o precedeu e forneceu suas primeiras lideranças. O livro teve uma nova edição lançada em 2022, pela editora Boitempo.

Na visão de Pereira (2022), uma série de derrotas no campo das greves, junto à influência do movimento operário em escala global, exemplificada principalmente pelo sucesso da Revolução Russa de 1917, convenceram certos militantes de que as correntes do anarquismo eram insuficientes para fornecer a doutrina e visão estratégica dos quais o movimento carecia ao longo destes anos. Em sua perspectiva, a formação de um partido comunista no Brasil constituiu-se como “uma necessidade histórica que os fatos do passado demonstraram e são confirmados pelos fatos do presente” (PEREIRA, 2022, p. 50). Seu livro pinta um processo eclético de formação para o PCB ao longo da década de 1920, que envolveu diferentes correntes ideológicas, diferentes círculos militantes e jornais políticos. Isso representa uma visão retrospectiva do autor sobre os primórdios do movimento comunista no Brasil, ou seja, informada pela própria trajetória ideológica de Pereira, uma vez anarquista antes de se tornar um comunista convicto.

A formação do PCB, ao longo da década de 1920, tomou um ritmo mais consonante com as diretrizes do Comintern, com a formalização das diretrizes doutrinárias do partido por congressos, levando em conta a situação político-econômica e social do Brasil desta época na formação de estratégias. Destacam-se os estudos do partido sobre a dominação econômica de potências imperialistas como os EUA e Inglaterra sobre a economia brasileira, a industrialização, e a situação agrária nacional (PEREIRA, 2002, p. 51-57). Por volta de 1920, o Brasil contava com aproximadamente 30 milhões de habitantes (MEMÓRIA IBGE, 2013).

Porém, a população operária industrial concentrava-se nos polos industriais nascentes do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, totalizando, aproximadamente, “uns 300 a 320 mil operários industriais” (PEREIRA, 2022, p. 53). A população total de trabalhadores assalariados sindicalizados, no ano de 1929, contabilizava, pelos dados do PCB, apenas 100.000, que se encontravam organizados em “sindicatos de ofício ou sociedades operárias mistas, sendo a maior parte daqueles no Rio de Janeiro” (PEREIRA, 2022, p. 131). O Brasil não era o único no continente a ter uma composição industrial atrasada neste período. O Paraguai tampouco era, mas, apesar do pequeno número de operários e ainda menor de operários sindicalizados, o movimento sindical exerceu forte e quase desproporcional influência sobre o rumo da política em ambos os países.

Pereira (2022) relata que, à altura da década de 1920, representantes do Comintern consideravam os quadros e grupos comunistas sul-americanos despreparados no quesito teórico e doutrinário. Além de débeis numericamente, os quadros militantes, de acordo com o autor, eram influenciados por correntes de ideologia anarco-sindicalista, que tinha influência considerável sobre o movimento operário local, da qual os próprios militantes comunistas, “vindos quase todos do anarquismo, não se haviam libertado completamente” (PEREIRA, 2022, p. 72). Não apenas influente sobre o movimento operário brasileiro, tal influência se manifestava também nas fileiras dos militantes socialistas e operários do Paraguai neste mesmo período. A história do movimento operário paraguaio conta com figuras como Oscar Creydt (1906-87), dirigente do PCP entre 1953 e 1965, Obdulio Barthe (1903-81), e o sindicalista Francisco Gaona (1901-80).

Em consonância com a realidade econômica internacional do Paraguai, a

estadia no Brasil ou contato com o cenário sociopolítico brasileiro é um elemento recorrente na história de vida de várias figuras da militância operária paraguaia. Dentre estes, destaca-se Oscar Creydt, militante em um primeiro momento anarquista envolvido com o movimento pela reforma estudantil, que depois se agrêmia com o recém-nascido Partido Comunista Paraguaio, tornando-se eventualmente seu presidente e seu nome de mais destaque (sem estar alheio de controvérsias, que culminariam na cisão do PCP nos anos 60 entre uma facção pró-China, e uma outra, pró-URSS).

Em 1930, como retaliação por sua liderança em várias revoltas estudantis e operárias, Oscar Creydt é forçado para o exílio pelo governo do Partido Liberal que neste momento controlava a política de seu país natal. É desterrado em Clorinda, na Argentina, para alguns anos depois passar por Montevideú, no Uruguai (NICKSON, 2011). Ali, conheceu Luís Carlos Prestes, importante figura do movimento tenentista brasileiro e líder da Coluna Prestes, que percorreu mais de 25.000 km em uma rota pelo interior do Brasil, chegando até o Ceará, antes de bater em retirada no conflito com tropas do governo, resultando na dispersão de seus membros no exílio, no qual figuravam territórios como a Argentina, Bolívia e Paraguai. Bermann (2023) afirma que ao menos parte dos integrantes da Coluna Prestes chegou a passar pelo Paraguai, e que seu princípio político de luta contra o latifúndio inspirou também militantes em solo paraguaio. O ato de conhecer Prestes, junto à sua trama pela Argentina e Uruguai, parece ter impactado Creydt, que em 1932 viaja a São Paulo, no Brasil, alojando-se na casa de um poeta. Monges (2021) identifica o anfitrião como o poeta, ensaísta e dramaturgo Oswald de Andrade (1890-1954), que, neste momento, estava casado com Patrícia Galvão,

escritora, dramaturga e militante do PCB (MONGES, 2021, p. 27)

Em uma época na qual os instrumentos de vigilância fronteiriça dos Estados eram menos desenvolvidos do que hoje são, o exílio e a migração entre países, principalmente na América do Sul, figuravam como parte normal da vida de várias organizações políticas. Calixto (2017), por exemplo, relata como a “República do Curvelo”, nos anos de 1930, reunia pensadores e militantes políticos brasileiros junto a exilados e imigrantes latino-americanos em sua sede no Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Tais comícios e círculos organizavam para discutir e reivindicar temas como o marxismo, o socialismo e comunismo, o anti-imperialismo, a organização política em massa da classe trabalhadora, e a oposição à guerra, que, neste período, se espalhava como fenômeno por grande parte do mundo. Figuram como exemplos frequentemente mencionados a Guerra Civil na China, a Guerra Civil Espanhola, a invasão da Etiópia pela Itália fascista, tensões crescentes entre os países da Europa como a Alemanha nazista, França, Inglaterra, Polônia, URSS etc. Tal fenômeno não deixava de envolver os países latino-americanos, originando-se primariamente ao redor de disputas sobre territórios fronteiriços não-decididos, como a região do Gran Chaco, disputada entre o Paraguai e a Bolívia.

Nos anos anteriores à Guerra do Chaco, já se agravavam ansiedades e preocupações com o estouro de um conflito sobre o território disputado, que resultaria na separação político-militar dos trabalhadores paraguaios e bolivianos. A oposição operária ao agravamento das tensões era forte, como exemplificado pelo Congresso Extraordinário de fevereiro de 1929, que reuniu várias organizações operárias como a Federação Sindical Internacional, a Internacional Sindical

Vernelha e o Comitê Pró-Confederação Sindical Latino-Americana. Tal evento, realizado em um estádio na Argentina, contou com a participação de delegados paraguaios como Francisco Gaona, que relatou que o local ficou repleto de cartazes com mensagens de irmandade entre paraguaios e bolivianos e de “guerra à guerra” (Oliveira, 2009, p. 227).

2.2. Guerra do Chaco (1932-35)

Em 1932, em decorrência de um longo conflito de jurisdição e controle sobre a região do Chaco Boreal, estoura a Guerra do Chaco (1932-35), travada entre o Paraguai e a Bolívia. O PCP, em consonância com tendências do movimento operário sul-americano a mobilizar rejeição política entre os trabalhadores contra o agravamento da guerra e da xenofobia entre os dois países, adota uma postura de oposição ao governo paraguaio e à participação do proletariado e das massas paraguaias na guerra contra a Bolívia. Nos discursos do partido, ficam claras suas posições sobre a guerra, afirmando que se tratava de um “conflito inter-imperialista”.

De acordo com Quevedo (2020), tal perspectiva se enquadrava na doutrina promovida pela IC chamada “terceiro período” e de “classe contra classe”, adotada no VI Congresso da Internacional Comunista (julho-agosto de 1928), que previa um estalo na intensidade das lutas de classes no período posterior a 1928, e exigia uma rejeição ao “reformismo” e à influência de correntes social-democráticas entre as fileiras da militância operária. A posição da IC sobre o crescente conflito sobre o Chaco Boreal entre Paraguai e Bolívia também girava em torno do que era julgado

ser uma disputa entre o imperialismo norte-americano, com suas “garras” sobre a Bolívia, e o imperialismo britânico, influente sobre o Paraguai (BERMANN, 2023).

As causas da guerra são até hoje objeto de discussão entre historiadores, mas uma explicação comum remete aos interesses de companhias petrolíferas como a Standard Oil em controlar território dotado de possíveis jazidas de petróleo. A narrativa que interpreta a Guerra do Chaco como uma “guerra por petróleo” surgiu nos anos 30 como tentativa de explicar as razões pelo estouro da guerra, e foi amplamente adotada em círculos comunistas latino-americanos de acordo com a corrente política anti-imperialista vigente na época. De acordo com Roniger e Senkman (2019), militantes como Tristán Marof, líder comunista boliviano exilado na Argentina, interpretavam o conflito pelo território do Chaco como uma disputa indireta entre duas empresas petroleiras: a Standard Oil, dos EUA, e a Royal Dutch Shell, da Grã-Bretanha, exercendo influência sobre a Bolívia e o Paraguai respectivamente, por meio de facções oligárquicas, “feudais”, comandantes de forças militares alheias à vontade dos bolivianos e paraguaios que se encontravam afora de tais círculos (RONIGER e SENKMAN, 2019).

A popularidade de tal perspectiva sobre a disputa pelo Chaco entre vários círculos e partidos sul-americanos é substanciada também ao analisarmos a edição n. 145 de A Classe Operária, publicada em novembro de 1932, dois meses após o estopim da guerra paraguaio-boliviana. Em um texto intitulado “Lutemos Contra a Guerra Inter-Imperialista e Anti-Soviética”, atribuído a um escritor chamado simplesmente “Aquino”, do Rio de Janeiro, lê-se:

“No Brasil, os elementos ligados à exploração do café, vinculados quasi em absoluto com o capital britânico, lutaram com as armas na mão contra

a tentativa do governo de Getúlio Vargas – ligado directamente ou por compromissos com o imperialismo yankee – de adaptar a economia do país aos interesses petrolíferos e os que estão em jogo na guerra pelo monopólio do Chaco, como também às necessidades da exportação para a guerra (...) (ARQUIVO MARXISTA NA INTERNET)

A estratégia da IC e da SSA, transmitida para os quadros do Partido Comunista Paraguai, frente à Guerra do Chaco envolveu o que chamavam “derrotismo revolucionário”. Inspirada na experiência da agitação antiguerra do Partido Bolchevique entre os exércitos da Rússia czarista e do Governo Provisório no final da 1ª Guerra Mundial, que resultou no colapso da disciplina e do *front*, e subsequentemente ao estabelecimento de um governo revolucionário.

O esforço em organizar e unir os grupos antiguerra ligados ao movimento operário paraguaio, por parte da IC e de seus partidos aliados na América do Sul, aparenta ter sido construído sobre uma plataforma sindical, já anos antes do estopim da guerra. Em 1930, a SSA da IC, por meio da Confederação Sindical Latino-Americana (CSLA), braço sindical da política internacional do Comintern, ordenou a integração das fileiras do PCP ao Comitê Sindical Classista (CSC), visando expandir suas atividades de militância entre os operários paraguaios (CASTELLS, 2022, p. 5).

Castells (2022), utilizando documentos policiais do *Centro de Documentación y Archivo* (CDyA), demonstra a intervenção ativa da SSA no decorrer da campanha comunista contra a guerra entre Paraguai e Bolívia. Neste conflito, a Argentina figurou como palco no qual a oposição comunista paraguaia ao conflito armado mais seriamente se organizou no exílio, com influência sobre o território do Paraguai. Segundo a documentação do PCP, existiam comitês antiguerra ativos em solo paraguaio, principalmente em Asunción, San Antonio e

Encarnación, apoiados por núcleos transfronteiriços na Argentina (Clorinda, Formosa, Resistencia, Corrientes, Villa Guillermina, Posadas, Candelaria, Barracas e Buenos Aires) e Uruguai (Montevidéo), organizados principalmente pelo delegado argentino Salvador “Oscar” Loy e pelos operários marítimos militantes Cirilo Aguayo e Perfecto Ibarra (CASTELLS, 2022, p. 6).

Não obstante os seus esforços, o desenvolvimento de tal estratégia na realidade da guerra teve resultados mistos. Castells (2023) argumenta que a posição derrotista do PCP foi marcada por contradições e conflitos internos, acentuadas por sua aceitação de quadros ligados ao Nuevo Ideario Nacional (NIN) dentro de suas próprias correntes. O NIN (no seio do qual surgiram figuras importantes para a História do PCP, como seu próprio dirigente, Oscar Creydt) se opunha ao governo do Partido Liberal utilizando-se de um discurso fortemente nacionalista, acusando-lhes de negligenciar a defesa da pátria frente à “agressão boliviana” (CASTELLS, 2003, p. 41).

Em parte, tal atitude de Creydt pode ser interpretada como resultado de sua posição profundamente nacionalista sobre a questão do Paraguai. Este autor não deixa de expressar saudosismo ... e, desde sua formação política ligada ao Nuevo Ideario Nacional (NIM) nos anos 1920, Creydt, após um breve período de ceticismo, contribuiu para o movimento revisionista que transformou o presidente Francisco Solano López em um mártir e um herói nacional. Citado por Nickson (2011), Creydt, em um texto recordatório, escreve:

“Fui en un momento antilopista, hice un trabajo con gran repercusión, señalando los aspectos negativos de López, para desenmascarar el sentido fascista que el Guión Rojo daba al lopismo. Cuando vine a Buenos Aires y tomé en mis manos un libro de un autor ruso, quien planteaba

correctamente el papel de Dr. Francia y de los López, comprendí el papel de la burguesía nacional en la revolución. Cambié de posición, no sin trabajo. Cuando volvimos en 1936 ya éramos firmes partidarios de Francia y los López en su posición proplebeo.” (NICKSON, 2011, p. 20)

Esta posição nacionalista eventualmente teria implicações para a formação doutrinária do PCP, seus discursos e atitudes frente ao cenário internacional da América do Sul, e, no futuro, informaria a posição de Creydt sobre o Brasil, Argentina, e a influência destes dois países sobre o Paraguai. A ideologia de “conspirações estrangeiras” visando manipular o povo paraguaio (classes baixas e altas) em prol de interesses que não condizem com o bem nacional do Paraguai é um conceito recorrente ao longo da história da teoria do PCP, seus membros e suas cisões. Vê-se aqui, no caso de alegações sobre interesses de companhias petrolíferas no Chaco, o início de uma posição que depois se tornaria permanente.

Apesar disto, a liderança do PCP seguiu a ordem de promover a oposição à guerra e às demandas do governo sobre a classe trabalhadora e o campesinato paraguaio. No campo, militantes comunistas promoviam a deserção, a fuga do recrutamento forçado, e a recusa em obedecer a ordens de requisição de alimentos, ferramentas, bestas de carga, e outros recursos – grupos que se opunham à autoridade do Estado e do exército neste conflito ficaram conhecidos pelo nome “montoneras” (QUEVEDO e SOLER, 2020). A capacidade do PCP em organizar e comandar tal atividade dissidente foi punida pelo governo Liberal e profundamente afetada pela prisão e exílio de militantes, pela repressão policial, censura e vigilância. Nem mesmo os quadros ativos no exílio foram capazes de escapar da perseguição, como sugere um relato de repressão da polícia argentina direcionada contra uma manifestação contra a guerra no Chaco realizada na província Argentina do Chaco, liderada por exilados paraguaios (BERMANN, 2023).

A participação do PCB nas campanhas contra a Guerra do Chaco e em favor da paz entre o Paraguai e a Bolívia, por outro lado, é extensamente discutida por Bermann (2023), que revela que, em entrevista a Edgard Carone em 1982, Luís Carlos Prestes, em sua longa jornada a Buenos Aires no exílio após a dissolução da Coluna Prestes³ (1924-27), passou pelo Chaco e se encontrou com paraguaios, a quem descreve como “muito gentis”, e onde já percebia “ameaças de guerra entre a Bolívia e o Paraguai” (BERMANN, 2023, p. 43). Prestes, eventualmente, se filiou ao PCB em 1934, tornando-se seu secretário-geral em 1943, cargo que exerceria até 1980. O prestígio de Prestes no campo internacional é notável pela importância que diversos grupos comunistas, apoiados pelo aparato propagandístico da URSS, lhe deram como porta-voz do PCB e do movimento comunista em terras brasileiras, e autor de diversos discursos relacionados à política regional da América do Sul, perspectivas exemplificadas pela documentação do CDyA.

De acordo com Bermann (2023), o PCB não esteve alheio da campanha antiguerra. Tito Batini, editor dos jornais operários Vanguarda Operária e A Luta, foi encarregado de redigir manifestos e panfletos visando expor a posição da IC aos trabalhadores e soldados bolivianos e paraguaios. Batini cooperava com marinheiros de navegação e cabotagem para a distribuição destes materiais, e relata episódios de confraternização entre os trabalhadores dos países envolvidos (BATINI, 1992, apud BERMANN, 2023, p. 113). A propaganda do PCB proscovia

³ A “Coluna Prestes” foi um movimento de rebeldia composto por militares amotinados que percorreu uma vasta região do interior brasileiro entre 1925 e 1927. Sua nomenclatura expressa variação na memória e historiografia; seus integrantes se autodenominavam como a “1ª Divisão Revolucionária”. Seu comando unificado era exercido pelo general Miguel Costa, enquanto as tropas paulistas eram comandadas pelo tenente-coronel Juarez Távora e as gaúchas eram comandadas pelo então tenente Luís Carlos Prestes (SOUZA, 2018, p. 337)

certa importância à Guerra do Chaco, não somente por solidariedade aos trabalhadores do Paraguai e da Bolívia, mas também em julgar o conflito como presságio de uma possível intensificação da guerra e do militarismo “até envolver todo o continente” (BERMANN, 2023, p. 120). Por não ter sido exposto à influência de correntes revisionistas e pró-nacionalistas no Paraguai, principalmente o Nuevo Ideário Nacional, como foi o caso do PCP, o PCB, possivelmente, manteve-se mais ou menos neutro frente aos embates e controvérsias que dividiam o comunismo paraguaio nesta época, e permaneceu mais fiel às diretrizes da IC como resultado, concordando com a importância de organizar os trabalhadores e camponeses bolivianos tanto quanto os paraguaios.

Percebe-se, portanto, dando credibilidade à tese de Oliveira (2009), que a bacia navegável do Rio da Prata configurou-se como tecido conectivo da militância sindical entre Paraguai, Argentina, Brasil e Uruguai durante este período. Aproveitando-se do alto nível de agitação e organização sindical militante dos trabalhadores da região, os comunistas encontraram terreno para a propagação de sua propaganda oposta à guerra, não somente entre o Paraguai e Bolívia, como também entre todos os países da América. O protagonismo de tais militantes presentes no ramo da navegação, cabotagem, pilotagem e na indústria naval como um todo serve de evidência para a influência que a posição antiguerra exercia sobre os trabalhadores deste setor neste território. A natureza internacional, transfronteiriça e migratória do trabalho na bacia do Prata, artéria para a circulação de pessoas, mercadorias e ideias, facilitou a penetração da ideologia militante operária por este trajeto, bem como a integração das populações e públicos culturais e políticos desta região da América Latina com o contexto militante

operário da Europa, algo influenciado também pelas árduas condições de vida e trabalho vivenciadas pelos trabalhadores deste setor em ambos os continentes durante a época (OLIVEIRA, 2009, p. 35).

Neste período, a interação e cooperação entre os comunistas brasileiros e paraguaios se deu, em sua maior parte, por intermédio e com a participação dos outros partidos comunistas da América do Sul, membros da IC. Uma possível razão para isso é a geografia. A falta de infraestrutura na fronteira Brasil-Paraguai, durante esta época, significou a predominância da rota marítimo-fluvial na correspondência e transporte de bens e pessoas neste período. Seria somente no final da década de 1950 que o consenso pela construção de uma rota alternativa, passando pela região oriental do Paraguai e pelo estado brasileiro do Paraná, seria consolidado, com a assinatura do tratado da construção da Ponte da Amizade em 1956 e com a inauguração de obras para rotas rodoviárias. No período anterior, a mais viável rota pela qual os comunistas brasileiros e paraguaios pudessem visitar uns aos outros, enviar correspondências, bens financeiros, recursos e pessoal, e organizar-se no exílio era o Rio da Prata, o que garantia a presença de militantes argentinos e uruguaios neste processo, e a importância destes dois países para a organização de atividades que envolvessem o eixo Brasil-Paraguai no comunismo sul-americano.

Uma controvérsia se desenvolveu no campo anti-guerra, no quesito da estratégia a ser seguida. Houve um conflito entre duas correntes, uma defendendo a deserção do *front* e a fuga de trabalhadores do serviço militar obrigatório, de um lado, e outra defendendo a inserção de militantes comunistas entre as fileiras dos recrutas para a distribuição de propaganda antiguerra, de outro. Percebe-se, aqui,

o jeito como a posição antimilitarista da IC influenciou o trabalho político dos comunistas no Paraguai. Considerando-se a forte e violenta repressão do governo paraguaio frente aos militantes comunistas, a capacidade destes últimos em exercer seu trabalho de propaganda entre as fileiras dos trabalhadores e soldados envolvidos com a guerra foi duramente desafiada. Bermann (2023) relata prisões arbitrárias, exílios forçados, fuzilamentos, e até o recrutamento forçado de militantes antiguerra em esquadrões punitivos enviados em missões suicidas na frente de batalha (BERMANN, 2023, p. 114).

Apesar de tal violência, e da subsequente desarticulação das *montoneras* e das células revolucionárias em solo paraguaio, foi mantido um compromisso por parte do PCP com a missão de organizar oposição à guerra, principalmente no exílio. Enquanto os comunistas brasileiros trataram de promover a linha do derrotismo com entusiasmo aos paraguaios, o trabalho de organização ativa dos grupos antiguerra paraguaios ficou, julgando pela documentação, majoritariamente a cargo dos comunistas argentinos, que interviram em vários momentos na organização, composição partidária e direção da luta antiguerra dos comunistas paraguaios, se comparados aos brasileiros, que, pelo que é relatado, permaneceram restritos à distribuição de propaganda, de acordo com as diretrizes já estabelecidas pela IC - possivelmente por fatores como a proximidade linguística e a facilidade de acesso geográfico ao Paraguai desde a Argentina, comparado ao Brasil.

2.3. Pós-guerra do Chaco, Frente Popular e Guerra Civil (1936-54)

Ao final do conflito, não somente em decorrência deste, mas também de uma mudança na estratégia política da Internacional em solo sul-americano, houve outra cisão no movimento que girava em torno da questão da Frente Popular. Tal controvérsia envolvia um debate sobre o papel das classes médias, da pequena-burguesia, da “burguesia revolucionária” e do campesinato no planejamento e curso de revoluções nacionais: os partidários da Frente Popular defendiam a inclusão de elementos não-proletários nas fileiras dos partidos comunistas e nos esforços de mobilização destes, enquanto seus opositores, em sua maioria ligados à corrente do trotskismo, criticavam a diluição da força proletária implicada por esta proposta e acusavam seus apoiadores de “separar a luta contra o imperialismo da luta contra o capitalismo” (Cf. ALMEIDA, 2005, apud BERMANN, 2023, p. 119).

Não obstante, a estratégia Frente Única estritamente proletária passava por dificuldades e duras críticas nos congressos da IC, e a Frente Popular, ao abrir a possibilidade da atividade legalizada e não-clandestina aos partidos comunistas, e de adesão a movimentos não comunistas que estavam ascendentes em popularidade, cresceu em adoção (BERMANN, 2023, p. 119; CASTELLS, 2020, p. 45). No Paraguai, a Frente Única foi adotada pelo PCP como princípio guiador de suas atividades dentro do breve governo do col. Rafael Franco (fevereiro de 1936 a agosto de 1937), que implementou medidas amplamente apoiadas pelo movimento operário até então, como a legalização de sindicatos, a redução legal da jornada de trabalho etc. O estouro da chamada “Revolução de Fevereiro”, que derrubou o governo do Partido Liberal, encorajou a radicalização do movimento sindical paraguaio, propiciando a reorganização dos grupos existentes e a formação de novos.

Franco teve uma relação turbulenta com o PCP; logo após o estopim do golpe, a CNT, liderada pelos comunistas, emitiu uma declaração no segundo mês de seu governo, apoiando o governo de Franco. Porém, no mês seguinte, o governo impôs uma “trégua política”, proibindo os comunistas de disseminarem sua propaganda. Ao longo do governo Franco, a repressão contra os militantes comunistas e anarquistas se acirrou, resultando na prisão e exílio de grande parte das lideranças sindicais, especialmente após uma greve em maio de 1936, que foi violentamente reprimida pelas tropas do governo. Tais ações alienaram Franco de sua base de apoio entre as camadas baixas da população, facilitando, de acordo com Castells (2020), sua queda frente a um novo golpe militar em agosto de 1937 (CASTELLS, 2020, p. 11-12).

No Brasil, durante o longo período da primeira presidência de Getúlio Vargas (1930-45), o Partido Comunista Brasileiro foi duramente perseguido. Sousa (2021) relata o tratamento negativo que era dado a Vargas na imprensa do partido, *A Classe Operária*, acusando o presidente e seus apoiadores entre a burguesia, a imprensa e a administração do Estado de serem “fascistas” e “falsos revolucionários” (SOUSA, 2021, p. 299). Não obstante, militantes e editores do jornal discutiam a possível natureza revolucionária do movimento que alavancou Vargas ao poder em 1930, e fizeram comparações entre sua situação frente a Vargas e a relação, na República da China, entre o partido dominante, o Kuomintang, e o Partido Comunista Chinês, que outrora aliado a este primeiro na década de 1920, entrou em conflito após o massacre de Xangai em 1927, desencadeando a Longa Marcha do PCC, liderada por Mao Tsé-tung. Antonio Carlos Mazzeo, citado pelo mesmo autor, alega que havia um projeto encabeçado

por Octavio Brandão e Astrojildo Pereira de criar um “Kuomintang Brasileiro”, mas não entra em detalhes sobre tal alegação (MAZZEO, 2011, p. 248, apud SOUSA, 2021, p. 300).

Percebe-se, aqui, a presença já notável do conceito da revolução burguesa. Desde a década de 1920, dentro dos partidos comunistas nascentes existia uma corrente analítica que julgava os países latino-americanos como subdesenvolvidos e dominados pelo capital imperialista estrangeiro, e, portanto, incapazes de realizar o “salto” necessário do capitalismo industrial plenamente desenvolvido ao comunismo. Tal noção já está presente em *Formação do PCB*, de Astrojildo Pereira (2022), no qual um capítulo inteiro é dedicado à discussão sobre a questão, baseada em dados econômicos expostos pelo autor, concluindo que o Brasil passava por um período de industrialização inicial ainda frágil e dominado pelo capital estrangeiro, com o proletariado estando concentrado em poucos núcleos urbanos, constituindo uma minoria da população se comparado ao campesinato e outras classes (PEREIRA, 2022, p. 51-59).

No Paraguai, tal perspectiva já informou em grande parte a formação ideológica dos quadros que compuseram o PCP ao longo da década de 1930. Enquanto a política adotada pelo partido durante seus primeiros anos e durante sua atividade política durante a Guerra do Chaco fora definida pela política do Comintern de “classe contra classe” (“*klasse gegen klasse*”, no alemão), a infiltração de uma perspectiva nacionalista, que prezava pelo desenvolvimento de um capitalismo doméstico industrial, em aliança com setores da pequena e alta burguesia vistos como opostos à dominação imperialista e semicolonial, já estava em pleno curso, como resultado da cooperação entre os primeiros quadros do PCP

e setores ligados à classe média e intelectual na década anterior, como o Novo Ideário Nacional (NIN), manifesto publicado em 1929 e assinado por vários intelectuais e figuras políticas, dentre eles Oscar Creydt e Obdulio Barthe, que, na década seguinte, se juntariam ao PCP. O manifesto rejeitava o socialismo marxista e reivindicava a tradição de um “socialismo latino”. Francisco Gaona atribuiu a este manifesto a ideologia de um “socialismo nacional”, e o próprio Oscar Creydt descreveu tal movimento como “pequeno-burguês, revolucionário, agrarista e anti-imperialista” (CASTELLS, 2021, p. 14).

Vê-se que o partido, contemporaneamente a esta situação, não estava alheio da influência do nacionalismo e do patriotismo. Nesta lógica, defender a deserção do *front* e a derrota de seu próprio país contra os bolivianos entrava em choque com a identidade implícita, de um partido que jurava defender a pátria paraguaia da “agressão imperialista”. Oscar Creydt, por exemplo, julgava insuficiente a perspectiva da disputa sobre o Chaco como uma disputa inter-imperialista, e este considerava o papel e o interesse dos “governos burgueses nacionais” como sendo “de primeira importância para sua ocorrência” (BERMANN, 2023, p. 112).

Assim como o PCP, o PCB adotou francamente a diretriz da Frente Popular nos anos 1930. Na prática, como resposta à pressão da perseguição policial e política, isso se traduziu na participação de quadros do partido no processo de composição e organização da Aliança Nacional Libertadora (ANL), uma frente composta por várias organizações de esquerda, partidos, sindicatos, e membros independentes, fundada oficialmente em 1934. Em seu programa estavam incluídas demandas como a suspensão do pagamento da dívida externa, a

nacionalização de empresas estrangeiras, a expropriação de grandes propriedades de terra e sua redistribuição aos “camponeses e trabalhadores”, o “gozo das mais amplas liberdades” pelo povo, nele incluídos “os estrangeiros que aqui trabalhavam e eram tão explorados quanto os brasileiros”, e a constituição de um “governo popular” nacional (SOUSA, 2021, p. 100).

A política externa dos partidos comunistas na América Latina sofreu graves oscilações e reviravoltas conforme mudavam as diretrizes da IC e, após sua dissolução em 1943, do Kremlin. Com o acirramento da 2ª Guerra Mundial e a entrada do Brasil ao lado dos Aliados em 1942, o PCB, dominado então pela facção liderada por Luís Carlos Prestes, defendeu a doutrina Marshall como instrumento de combate à influência do nazifascismo na América Latina (BERMANN, 2023). O fim da guerra e a queda do regime ditatorial de Getúlio Vargas desencadearia um breve processo de democratização, que para o PCB culminou em sua volta à legalidade em 1946 (PEREIRA, 2022).

Um processo semelhante foi visto brevemente no Paraguai, que, pela maioria da década de 1940, foi governado por Higínio Morinigo, um regime que era criticado pela propaganda do PCP como ditatorial e inclinado ao nazifascismo (CASAS et al., 2011). Com o fim da 2ª Guerra Mundial e crescentes pressões pela classe política e sociedade civil paraguaia por uma abertura democrática, o cenário político e militar paraguaio se desestabiliza, desencadeando a Guerra Civil de 1947, travada entre uma aliança composta pelo Partido Liberal, os Febreristas (adeptos da “Revolução de Fevereiro” de 1936 e seguidores do ex-presidente Rafael Franco), e o PCP de um lado, e o Partido Colorado reunindo as forças conservadoras de outro (CASTELLS, 2022).

A Guerra Civil Paraguaia terminou com a derrota da aliança Febrerista-Comunista-Liberal e a vitória do Partido Colorado, este último qual empoderou unidades paramilitares conhecidas como “Guiones Rojos” visando esmagar militarmente o inimigo. Estima-se que 30 mil pessoas tenham morrido nesta guerra, com uma quantidade incerta, porém provavelmente bastante alta, de exilados. A violenta repressão deste período, inclusive os sete anos de intervalo entre a guerra e o golpe de maio de 1954 que impulsionou Alfredo Stroessner ao poder, calcaram a base para o regime ditatorial de repressão, silenciamento, vigilância e uniformidade que controlaria o Paraguai por 35 anos, enviando milhares de paraguaios à cadeia e às salas de tortura e assediando inclusive os exilados no exterior (SILVA, 2021b, p. 41-56).

2.4. Os conflitos pelos olhos da imprensa comunista

Os jornais comunistas a serem tratados são os jornais do PCP e do PCB. Pela maior parte da vida de ambos estes partidos, seus jornais eram editados e impressos em situação de clandestinidade e perseguição. Raramente os governos do Paraguai e Brasil, por todo o período entre os anos 1920 e 1980, davam trégua aos integrantes dos partidos para produzirem seus jornais, e quaisquer concessões de legalidade tendiam à brevidade.

A imprensa do PCB no período anterior a 1953, por outro lado, é comparavelmente mais bem preservada e acessível. Exemplares digitalizados do *A Classe Operária* estão disponíveis na internet, acessíveis por sites como o Arquivo

Edgar Leuenroth (AEL), que disponibiliza um acervo de vários exemplares deste jornal, e o Marxists Internet Archive (MIA).

A pesquisa sobre a imprensa do PCP, por outro lado, é severamente limitada pela falta de exemplares digitalizados. Alguns documentos fotografados estão disponíveis no *Centro de Documentación y Archivo (CDyA)*, mas estes datam do período posterior a 1956, já em plena ditadura *Stronista*. Não obstante, uma análise da imprensa paraguaia e de círculos da esquerda política nacional no final da década de 1910 e 1920, dos quais participaram vários membros fundadores do partido, foi realizado por Rivarola (2017). Um dos jornais analisados se intitula *Bandera Roja*. Outros jornais estão disponíveis no arquivo do militante Francisco Gaona.

Nem sempre toda a tiragem ou todas as publicações de um jornal estarão preservadas para a análise futura, tendo sido perdidos muitos exemplares. Não somente isso, mas deve manter-se em mente o estado de conservação de um jornal em arquivo, com a possibilidade de rasuras, páginas rasgadas ou ausentes, borrões, e outros fatores que possam danificar o material e torná-lo ilegível. De certa forma, porém, o estado de conservação de um jornal pode ser evidência histórica, sugerindo um transporte inadequado, uma falta de dinheiro para uma impressão de qualidade, ou uma fuga da polícia.

Tendo em vista estes fatores, o jornal, como objeto de estudo, também possui outras características além do seu material – o discurso que quer passar, os interesses dos autores por trás deste, o público-alvo que gostaria de alcançar, seu simbolismo e identidade, que podem estar em constante transformação, sua

história, seu contexto social, sua relação com outros jornais e meios de comunicação, dentre uma enorme dimensão de outros elementos a se considerar.

De acordo com Luca (2007):

“Dados acerca das formas de associação e composição do operariado, correntes ideológicas e cisões internas, greves, mobilizações e conflitos, condições de vida e trabalho, repressão e relacionamento com empregadores e poderes estabelecidos, intercâmbios entre lideranças nacionais e internacionais, enfim, respostas para as mais diversas questões acerca dos segmentos militantes puderam ser encontradas nas páginas de jornais, panfletos e revistas, que se constituíam em instrumento essencial de politização e arregimentação” (LUCA, 2007, p. 119).

A publicação e circulação da prensa operária não deve ser interpretada sem levar em conta seu contexto social. Jornais comunistas nem sempre eram vendidos diretamente às mãos do consumidor, mas frequentemente eram acompanhados por militantes organizados em comícios, passeatas, e piquetes, visando conectar-se com a classe operária de maneira interpessoal, inteirar-se com disputas sindicais e suas figuras, explicar o conteúdo de forma didática para analfabetos, relatar o fluxo da luta de classes para o partido etc. Visto a complexidade de informações envolvidas neste campo, há a necessidade de buscar fontes adicionais sobre a relação entre os comunistas no Brasil e no Paraguai nesta época serem descobertas, para fundamentar assim a pesquisa sobre o conteúdo dos jornais com informações secundárias que tornem os resultados mais abrangentes e precisos.

No caso da imprensa operária militante, o discurso calca-se na linguagem da luta de classes, da luta contra a desigualdade social, da revolução política, e da crítica às autoridades dominantes do Estado burguês. Isso, claramente, tem posicionado a imprensa operária em uma posição de dissidência e marginalidade

frente à mídia dominante, propiciando a repressão policial, a censura, a perseguição dos militantes e a violência de Estado. Sousa (2021) relata como a imprensa operária, discutindo os casos do PCB e do Partido Comunista Mexicano (PCM), operava em situações de semilegalidade e ilegalidade, com militantes operando prensas em sigilo em porções de prédios, com um esforço arriscado de organização logística para levar o jornal ao chão de fábrica, sempre sob o espectro da perseguição policial, esta qual costumava destruir o equipamento e atear fogo ao papel da imprensa comunista.

É preciso também salientar que, nesta época, a informação midiática era de mais difícil acesso do que é hoje com meios mais extensos de pesquisa como a internet. Buscar informações sobre o que ocorria em outros países traria o pesquisador a mídias oficiais, como o rádio, ou a leitura de jornais reconhecidos pelo Estado e em ampla circulação comercial, com secções sobre notícias do estrangeiro, mas a natureza política destes meios oficiais em uma época na qual a política sobre a censura costumava ser mais branda do que é hoje trazia complicações para a coleta de informações e dados imparciais. Em certa medida, conhecer um estrangeiro em viagem era uma forma de conectar-se a seu país de origem, e a perda de camaradas estrangeiros, para um partido, frequentemente caracterizava uma perda de um meio de comunicação com o exterior.

Não obstante, tais fatores de pressão sobre os escritores da imprensa operária, apesar de unirem os militantes em prol da defesa de sua organização, não eliminaram conflitos internos ou dissidências sobre a direção da militância e do partido. A pressão por órgãos superiores vinculados à 3ª Internacional (e, portanto, à política externa soviética), por exemplo, foi chave para decidir a direção política

de diversos partidos, propiciando rupturas organizacionais, cisões, e fortes conflitos faccionais de liderança, que viriam a desarticular o movimento comunista em décadas mais à frente e formar novas correntes.

A princípio, o conhecimento dos militantes sul-americanos sobre o que acontecia na Rússia durante os primeiros anos da Revolução Russa e da URSS era distorcido pela distância e pela cobertura enviesada das imprensas nesta região, e não houve escassez de militantes que, a princípio, pensaram que o movimento liderado pelos Bolcheviques se tratava de uma espécie de levante anarquista (RIVAROLA, 2017). As atividades do Comintern na América do Sul eram organizadas por sua seção de Buenos Aires, capital da Argentina, uma cidade portuária e polo industrial que reunia grandes massas operárias, com vínculos políticos e culturais que se estendiam até a Europa, continente então afetado pelo crescimento do movimento comunista.

O Partido Comunista Paraguaio teve um período turbulento de formação, tendo sofrido várias intervenções pelo Secretariado Sul-Americano da 3ª Internacional, desde Buenos Aires, ao longo dos anos 1920 e 1930. O PCP foi fundado oficialmente pela primeira vez em 1928, mas o fracasso na resolução de um conflito doutrinário resultou em sua dissolução em 1933 pelo Secretariado e na expulsão de Lucas Ibarrola. O “segundo” PCP, formado de um círculo diferente de militantes que se articulou durante a década de 1920, seria oficializado por Buenos Aires e encarregado de levar a cabo o programa de mobilização da classe operária no Paraguai contra as crescentes tensões envolvendo a Guerra do Chaco, com uma perspectiva de fraternidade internacional (RIVAROLA, 2017).

Durante o período de formação partidária, a produção e distribuição de jornais que pudessem servir de porta-vozes para os partidos e método de transmissão de propaganda às massas foi, geralmente, tomada como prioridade para os militantes fundadores. *A Classe Operária*, jornal partidário do PCB, teve seus primeiros exemplares produzidos em 1925, e o II Congresso do partido ressalta a importância dada a tal instrumento por seus integrantes:

A aceitação geral com que foi recebido, no seio do proletariado, o nosso jornal, cuja tiragem vai progressivamente aumentando de número para número, bem comprova a importância imensa da imprensa comunista na obra de penetração e influência entre as mais largas massas. O II Congresso indica, desde logo, como meio prático de ajuda ao jornal, que por toda a parte, nas oficinas e fábricas das cidades, como nas pequenas cidades e fazendas e usinas do interior, se constituam comitês pró-*A Classe Operária*, dedicados especialmente à propaganda e divulgação do nosso órgão (PEREIRA, 2022, p. 85-86)

Assim como no Paraguai, a consolidação de *A Classe Operária* como único órgão oficial do Partido Comunista Brasileiro foi precedida por um processo no qual tal jornal coexistia entre outros que pretendiam seguir a mesma missão e representar, ao menos no papel, o mesmo grupo, como *Movimento Comunista*, fundado em 1922, e *A Nação*, que teve curta vida durante o ano de 1927 (PEREIRA, 2022).

Na maioria de seus exemplares, a estrutura dos exemplares do *A Classe Operária* não costumava seguir uma estrutura regularmente definida. Não há separação entre seções como “política externa”, “política doméstica”, “cultura” e outros, e o jornal parece organizar a inserção de assuntos na primeira página de acordo com a importância dada aos textos pelos editores, ou pela relevância de tal assunto dentro da conjuntura temporal-histórica de publicação, como, por exemplo, o no. 68, de 25 de abril de 1947, que, em antecipação à chegada do Dia

Internacional do Trabalhador naquele ano, incluiu textos discursando sobre a necessidade da defesa dos direitos sindicais, da “constituição e de luta pela paz” (ARQUIVO MARXISTA NA INTERNET).

Foi com este instrumento que o PCB, na década de 1930, expôs sua posição sobre a Guerra do Chaco a seu público leitor. As palavras de ordem da IC e de sua Seção Sul-Americana (SSA), como visto anteriormente, exaltavam a necessidade de promover a “fraternidade” entre os povos e nações da América em contraposto à guerra e ao imperialismo. A influência de tal posição é perceptível no discurso do *A Classe Operária*, tal como exposto na edição 1ª de julho de 1934, dotada de um tom profético e alarmista que prevê a intensificação e alastramento da guerra como fenômeno mundial:

As possibilidades de vida neste regime diminuem cada vez mais. Sangrentas guerras imperialistas se realizam já no Chaco, no Extremo Oriente, Marrocos etc. A disputa em Letícia não terminou; a preparação da guerra em todo o continente e com a guerra do Pacífico, mundial e antissoviética. Estamos a poucos passos da guerra imperialista mundial e antissoviética. (ARQUIVO MARXISTA NA INTERNET)

A Guerra do Chaco, porém, não figura como única preocupação dos parágrafos do *A Classe Operária*, e as páginas do jornal durante este período também cobriram outros conflitos no âmbito internacional, como a disputa pelo território de Letícia, entre Colômbia e Peru (1932-33), as ambições de expansão territorial da Alemanha Nazista e Itália Fascista, a invasão da Manchúria pelo Império japonês (1931), e outros. Ironicamente, a crescente militarização da URSS durante este período era vista positivamente pelo PCB, como exposto pela edição n. 164, de 1º de agosto de 1934, onde Prestes dedica uma página inteira a descrever o complexo industrial, a doutrina, disciplina e organização do Exército Vermelho, descrito como “glorioso” e como “a brigada de choque da revolução

mundial”. O mesmo exemplar interpretava a guerra no Chaco como parte de um plano de rapinagem e dominação industrial-financeira do território por parte de “bandos imperialistas” (ARQUIVO MARXISTA NA INTERNET).

Não obstante a comparavelmente baixa escala dos conflitos militares na América Latina durante os anos 1930 e 1940, a perspectiva de uma generalização do conflito armado e seu alastramento pelo continente continuou a pautar as posições do PCB, notavelmente durante a Guerra Civil Paraguaia de 1947. Na edição n. 56 do jornal *A Classe Operária*, datada de 15 de março daquele ano, lê-se uma declaração, escrita por Luís Carlos Prestes, com o título “A Luta do Povo Paraguaio é a Nossa Luta”, inserida logo na primeira página do exemplar, ressaltando a urgência da declaração para o partido:

“Repercute pelo Continente neste momento a luta contra a ditadura sanguinária de Morínigo. Todos nós latino-americanos, que participamos dessa mesma luta contra a exploração de nossos povos pelo capital monopolista e colonizador, todos nós que lutamos contra os restos do fascismo (...)” (PRESTES, 1947)

O argumento do texto de Prestes é pautado em uma equivalência entre o Partido Colorado, que neste momento combatia a coalizão Febrerista-Comunista-Liberal, o nazifascismo, que havia sido recentemente derrotado na Segunda Guerra Mundial (1939-45), mas que não é apontado por Prestes como um elemento organizado em um partido, e o imperialismo norte-americano. Prestes afirma que “não nos cabe analisar a atividade do Partido Comunista do Paraguai, nem criticar sua orientação política”, e diz ser certo que “não conseguiram os comunistas paraguaios alertar suficientemente o povo contra as provocações do inimigo” (PRESTES, 1947). Apesar de tais comentários (que poderiam ser interpretados como sinais de frustração pelo PCB com a direção de seus vizinhos no outro lado

do rio Paraná), Prestes insiste em ligar a luta do PCP à luta do PCB e de “todos os que resistem à exploração do capital monopolista norte-americano”, atribuindo uma intenção de alastramento da guerra e da dominação de tal capital pelo território da América Latina. Os riscos trazidos pelo conflito são bem enunciados:

“A derrota do povo paraguaio seria mais um passo na colonização de nossos povos, viria tornar mais perigosa ainda a ameaça do Plano Truman contra a independência das nações latino-americanas, criaria no Continente mais uma base ou ponto de partida para as aventuras guerreiras do imperialismo. Do Paraguai, subjugado, seria mais fácil aos agentes de Truman e de Braden dar um sentido mais prático às suas provocações guerreiras contra a Argentina e os povos vizinhos.” (PRESTES, 1947)

O texto termina com um chamado a manifestações de apoio à oposição a Morínigo no Paraguai, insistindo que o desfecho da guerra dependeria “da solidariedade organizada de todos os povos do Continente”, e afirma que a intercessão do PCP por meio de sua suposta influência nos meios diplomáticos brasileiros poderia apaziguar o conflito e forçar Morínigo a respeitar “as vidas dos heróis da independência paraguaia”. Prestes defende pressionar o Governo brasileiro a intervir no conflito (PRESTES, 1947).

Parece que os quadros do PCP no Paraguai, já antes do estouro da Guerra Civil, tinham conhecimento da figura de Prestes e demonstravam respeito pelo brasileiro, como se pode ver na existência de uma célula do Partido denominada “Luis Carlos Prestes”, cujo plano de trabalho no primeiro trimestre de 1947 foi interceptado pela polícia de Asunción e registrado em um documento:



0235F 1030

(PLAN DE TRABAJO DE LA CÉLULA "LUIS CARLOS PRESTES")
(Se cumple el 15 de Febrero de 1.947).-

POLICIA DE LA CAPITAL

Siendo necesario tomar de inmediato medidas de organización que aseguren el cumplimiento de las Resoluciones del Comité Central de nuestro Partido que ha resuelto emprender una vigorosa campaña de 3 meses, hasta la inauguración del 2º Congreso Nacional del Partido, por la construcción del Gran Partido Comunista de la clase obrera y el pueblo, la Dirección de nuestra Célula ha visto necesario elaborar un Plan de Trabajo, para el mejor desarrollo de los compañeros de Base.

El Plan consiste en los siguientes puntos:

1º).-Organizar un movimiento de opinión y de acción en el barrio por el mantenimiento de las libertades públicas, para asegurar elecciones libres para la Asamblea Nacional Constituyente. En este sentido, denunciar las actividades de los elementos conspiradores (los restos de la dictadura y el "Guión Rojo"). Y para obtener esto, organizar actos unitarios en el barrio, hacer firmar peticiones y organizar delegaciones de los vecinos ante los Ministros, el Pte. de la República, para reclamar el mantenimiento del Gobierno de coalición civil militar, contra todo intento de destruirlo para restaurar la dictadura.-Tratar de formar de una Junta de Defensa de la democracia en el barrio para luchar por estos reclamos y contra el Guión Rojo.

2º).-Organizar un poderoso movimiento de los vecinos del barrio contra el peligro del desalojo de la tierra, por apertura de calle, por apertura de la Escuela Nocturna, por pozos con agua potable para la población.-Para el efecto, nombrar Comisiones con Miembros de la Célula para interesar a los vecinos por este movimiento. Invitarlos casa por casa, y así encabezar la lucha, reforzando la Comisión contra el desalojo que funciona en el Barrio.

3º).-RECLUTAMIENTO .-A través del cumplimiento de las dos tareas anteriores mencionadas más arriba, todos los miembros de la célula tienen la tarea específica de afiliar como mínimo a 2 nuevos para el 15 de Febrero -47. Además, la célula organizará reuniones quincenales de conferencias a los amigos y simpatizantes del Partido y lectores de "Adelante".-Total la Célula afiliará para la fecha indicada a 250 nuevos afiliados.

4º).-Para el 30 de Enero, estar completamente al día con "Adelante" y otros materiales del Partido.-Para el efecto, nombrar Comisiones.

5º).-Para el 30 de Enero, poner totalmente al día nuestras organizaciones. Para el efecto nombrar Comisiones de Finanza y fiestas para reunir fondos. Hacer reuniones especiales para tratar sobre Finanza.

6º).-Para el 15 de Febrero de 1.947, hacer un gran baile en honor de los nuevos afiliados y de los camaradas que más hayan afiliado. En dicha fiesta se entregará tres premios sorpresas a los camaradas de cada Grupo que más hayan afiliado.

EN VISTA DE QUE LOS CAMARADAS HAN APROBADOS ESTE PLAN, entra a regir desde esta fecha.-Asunción, 20 de Diciembre de 1.946 .-

JOSE NOGUER
SECRETARIO

AGUSTINA ARCE.-
ORGANIZACION.-

ES COPIA.-

Figura 1 – Cópia de plano de trabalho da célula "Luis Carlos Prestes", do PCP, redigida pela polícia de Asunción em 1947. Código de registro: R235F1030

No Brasil, a produção do jornal *A Classe Operária* sofreu devido à perseguição contra o PCB, acarretada pelo cancelamento do registro do partido pelo STF em maio de 1947. O jornal continuou a ser produzido na clandestinidade até ser descontinuado em 1949, sendo substituído por um tempo por *A Voz Operária*. Em 1951, *A Classe Operária* foi refundado, desta vez com novo subtítulo: *Órgão central do Partido Comunista do Brasil*, e produziria exemplares até 1952. O conteúdo do jornal, porém, abandonou sua tradição de expor noticiários e discutir o cotidiano da classe operária no Brasil e afora, focando-se mais na formação teórico-doutrinária de membros do partido. Em 1962, dois anos após uma cisão dentro do PCB envolvendo uma disputa sobre a linha do maoísmo e a relação do partido com a cisão sino-soviética, um novo jornal intitulado *A Classe Operária* viria a ser visto em circulação, pertencente à linha do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), cisão da vertente maoísta desde o PCB (BRASIL, 2014). Os comunistas que editaram o jornal do partido, neste íterim, perderam a chance de comentar sobre o golpe de 1954 no Paraguai.

3. O STRONATO E OS “ANOS DE CHUMBO” (1954-75)

Pretendo desde aqui analisar as atividades do Partido Comunista Paraguaio e seus militantes entre os anos 1954 e 1975, com enfoque na organização de atividades de resistência armada (guerrilha), militância política, e suas numerosas tentativas de desestabilização do regime Stroessner, com enfoque na participação de brasileiros neste processo. A principal referência são os documentos arquivados no CDyA, muitos dos quais remetem a relatórios de vigilância, espionagem, delação e interrogação, que revelam a preocupação das autoridades stronistas com a “infiltração” de militantes políticos brasileiros no Paraguai, sua possível cooperação com dissidentes domésticos, e a vigilância da fronteira com o Brasil. Mesmo se delações possam ser comprometidas pela prática da tortura, que tende a induzir vítimas a dar testemunhos falsos, as informações que documentos policiais pretendem expor, bem como a linguagem carregada de tais fontes, revela, ao mínimo, a preocupação de agentes do Estado sobre uma suposta ameaça à ordem política e social que pretendem defender (PEREIRA, 2013).

A partir da década de 1960, o sistema de vigilância, espionagem, repressão e prisão de militantes do regime paraguaio esteve crescentemente integrado e organizado em um sistema formal, o punho-de-ferro da autoridade do Estado por mais de 35 anos. A coleta de informações sobre dissidentes políticos, principalmente os do PCP, foi regularizada e intensificada, com o emprego de informantes, gravação clandestina de chamadas telefônicas, interceptação de cartas e correspondências, e apreensão de material de teor político ligado a quaisquer suspeitos de militância comunista. A polícia secreta de Stroessner tornou-se ávida colecionadora de livros, panfletos, cartas e discursos comunistas,

adicionando tais materiais a seus arquivos e explorando-os como fonte de saber sobre seus inimigos (PAZ et al, 2014, p. 122-123).

Em meio a este frenesi de espionagem generalizada, a vigilância de estrangeiros politicamente suspeitos entrando no país foi parte do repertório da polícia secreta de Stroessner. Não era fácil entrar e sair pelas fronteiras paraguaias, e no aeroporto “Presidente Stroessner”, na capital, foram instaladas brigadas policiais para registrar, vigiar e controlar o fluxo de viajantes, tanto dissidentes paraguaios, muitos dos quais viviam no exílio, quanto “qualquer pessoa cuja nacionalidade, ocupação ou aspecto pudesse constituir um perigo à estabilidade do país” (PAZ et al, 2014, p. 125).

A manutenção de tal sistema pelo regime se viu justificada, aos olhos de autoridades anticomunistas tanto no Paraguai tanto em países de governos simpáticos a Stroessner, como ferramenta para resistir a infiltração de comunistas e guerrilheiros que pudessem ameaçar a ordem estabelecida. Neste período, a Revolução Cubana (1958-59) foi tomada pelas autoridades paraguaias como ameaça à estabilidade do regime tanto dentro quanto fora das fronteiras nacionais, e termos como “castrista”, “pró-Castro” e “pró-Cuba” aparecem com mais frequência nos relatórios policiais do regime, especialmente na implicância de grupos de guerrilha que, em certos momentos, infiltraram o território paraguaio pelas fronteiras com a Argentina e Brasil.

De fato, durante o período da ditadura de Stroessner, o Brasil era tratado como território estratégico para a oposição comunista paraguaia. Um episódio da guerrilha da Frente Unido de Liberación Nacional (FULNA), no qual quadros do

PCP prepararam ações de treinamento e preparação militar em território brasileiro visando fomentar uma guerra de guerrilha em seu país natal, foi narrado e analisado por Montero (2022), envolvendo acampamentos, depósitos de armas e equipamentos, e campos de treinamento militar montados em Itapecerica da Serra (SP) e Ponte do Grego (MS) entre 1961 e 1965.

A documentação do CDyA revela, em várias ocasiões, a presença de indivíduos de origem brasileira intimidados pela polícia paraguaia e acusados de serem “comunistas” ou de terem intenções de auxiliarem elementos comunistas dentro do Paraguai. Sendo a convicção comunista de tais vítimas estrangeiras do *stionismo* verdadeira ou não, pretendo analisar a atitude e a repressão de brasileiros no Paraguai durante este período, em conexão com o comunismo, abrangendo mais possíveis organizações que o PCB, como o PCdoB.

3.1 A origem da guerrilha comunista no Paraguai

Entre 1947 e 1956, foi publicada e editada a revista *Problemas*, acessível a membros do Comitê Central (CC) do PCB. Era uma revista teórica, ligada à corrente dominante do marxismo internacional na época. O modus operandi da maioria dos partidos comunistas nacionais da época também era seguido pelo PCB, ao observar-se elementos como a exaltação de grandes líderes, dos ideais da democracia popular, da URSS como “pátria-mãe” do socialismo, e da figura de Luis Carlos Prestes, descrito de maneira bajuladora na primeira edição: “Prestes se agigantou na sua contribuição ao marxismo-leninismo-stalinismo em nosso continente, mostrando assim, na prática, que soube ser em toda a América, o mais

agudo intérprete do marxismo criador” (RODRIGUES, 2023).

Entre 7 e 11 de novembro de 1954, foi realizado o 4º Congresso do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em situação de ilegalidade. Neste evento, foi deliberado e adotado um novo programa político para reger a questão doutrinária e teórica do partido. Nele, percebe-se uma identificação direta do imperialismo norte-americano como potência agressora sobre a soberania do Brasil, mantendo tal posição por meio de investimentos estratégicos na indústria, agricultura, extração de matérias-primas e outros setores:

“Os monopólios norte-americanos, contra as próprias leis de nosso país, conseguem câmbio privilegiado, que lhes permite transferir para os Estados Unidos os fabulosos lucros obtidos no Brasil. O capital invertido no Brasil pelos monopólios dos Estados Unidos aumenta rapidamente com os lucros acumulados, o que faz crescer cada vez mais a remessa de lucros para o exterior. O capital monopolista norte-americano atua no Brasil como poderosa bomba de sucção, que absorve grande parte da renda nacional e parcela considerável do valor-ouro alcançado com as nossas exportações.” (PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO, 1954)

A denunciada influência dos EUA sobre a “soberania” do Brasil e sua economia, de acordo com o PCB, fazia parte de um plano para utilizar um Brasil dominado por ou amigável a Washington como uma plataforma para a projeção de sua influência sobre o resto da América Latina:

“Mas a guerra que os imperialistas norte-americanos preparam é uma guerra de agressão e conquista com o objetivo de dominar o mundo e escravizar os povos para obter lucros máximos. Não podendo realizar sozinhos essa tarefa sinistra, os imperialistas norte-americanos procuram fazer a guerra com as mãos alheias, à custa do sangue de outros povos. Como o Brasil é um grande país, possui numerosa população e imensos recursos, os imperialistas norte-americanos tentam arrastar nosso povo à guerra, na qualidade de fornecedor de soldados e de produtos estratégicos, e querem utilizar nosso solo como praça de armas para assegurar o completo domínio colonial do Brasil e de toda a América-Latina.” (PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO, 1954)

O 4º Congresso foi ocasião para o envio e leitura de cartas congratulatórias por outros partidos comunistas nacionais ao PCB, exaltando a fraternidade com os brasileiros. O Partido Comunista Paraguaio enviou uma saudação, redigida sob

autoria de Oscar Creydt, ao PCB, explicando sua perspectiva sobre a situação política na América Latina nesta época e trazendo à tona o golpe do general Alfredo Stroessner, acusando-o de ter simpatias nazifascistas e de ser um agente dos interesses norte-americanos. Não somente isso, Creydt também faz comparações ao caso brasileiro, mencionando a crise político-militar de 1954 que precedeu o suicídio do então presidente Getúlio Vargas:

“Pressionado pelo imenso descontentamento popular e por uma série de lutas operárias e democráticas, o governo do Partido Colorado, velho partido de grandes estancieiros, não pôde impedir que sua base de massas se estreitasse mais e mais. O ex-presidente Chaves, servidor do Departamento de Estado de Washington, foi perdendo o controle das organizações operárias na mesma medida em que conseguimos desenvolver a ação unida dos operários por suas reivindicações e pelas liberdades sindicais. Sucedeu a Chaves algo parecido ao que sucedeu a Getúlio Vargas. Quando as empresas norte-americanas e os grandes estancieiros se deram conta que Chaves, como Vargas, já não tinha forças para esmagar o amplo movimento unido da classe operária por um aumento do salário-mínimo proporcional a alta vertiginosa do custo de vida, a Embaixada norte-americana decidiu substituir o velho governo, já gasto, por um governo de aparência «forte». O golpe de Estado de 4 de maio no Paraguai corresponde ao golpe de Estado de 24 de agosto em vosso país.” (CREYDT, 1954)

O chefe do PCP já identifica uma facção política pró-americana no cerne da elite do Brasil como um ator secundário no processo de estabelecimento, consolidação e apoio à ditadura de Stroessner, ligando tais “reacionários” brasileiros aos alegados interesses dos EUA em fortalecer sua dominação sobre a América Latina:

“Tanto em nosso país como no vosso, o propósito principal dos generais golpistas é impedir que continue o desenvolvimento do movimento operário, democrático e antiimperialista. Seu propósito é intensificar a colonização do país e sua organização sistemática para uma guerra norte-americana pela dominação do mundo. O general Stroessner, chefe do governo surgido do golpe de 4 de maio, é um velho agente político dos círculos nazifascistas do exército brasileiro e, como estes, obedece às ordens de comando norte-americano da zona do Caribe.” (CREYDT, 1954)

Creydt continua a comparar eventos no Paraguai com a situação brasileira, e aponta os partidos comunistas como defensores da soberania nacional frente a

esta dita agressão imperialista:

“Os protestos e as lutas das massas, o temor de perder todo o apoio popular, obrigaram que os generais fascistas mantivessem no poder alguns homens do Partido Colorado — tipo Café Filho — com o objetivo de dissimular o golpe de força sob uma aparência legal. Mas a camarilha dos generais vende-pátria não renuncia a seu plano de restabelecer uma ditadura militar-policial-fascista aberta, parecida à que exerceu o general Higino Morinigo. O fator principal que os faz vacilar e os freia, é que a classe operária — ajudada e orientada pelos comunistas — não se deixou intimidar nem enganar, como eles esperavam.” (CREYDT, 1954)

O paraguaio enaltece o Programa adotado pelo PCB como modelo, e afirma que teve impacto sobre o público paraguaio, exaltando a unidade entre o “povo” de ambos os países:

O Comitê Central de nosso Partido considera que o Programa do Partido irmão do Brasil deve ser utilizado como um elemento judicioso e de valor extraordinário nos trabalhos de elaboração do novo programa que o Partido Comunista Paraguai decidiu apresentar à classe operária, aos camponeses, à toda a nação. Este novo Programa do Partido irmão do Brasil adquire uma importância excepcional numa situação internacional que se caracteriza, entre outras coisas, pelos esforços violentos que estão fazendo os imperialistas norte-americanos para destruir a fé dos povos latino-americanos em sua luta libertadora, para destruir sua fé na possibilidade de sacudir o jugo imperialista. (CREYDT, 1954)

Em consonância com o discurso dos partidos comunistas nacionais aliados à URSS estalinista neste período, a carta do PCP termina em um tom de otimismo, expressando esperanças de que a luta do PCB no Brasil poderia resultar numa revolução nacional-libertadora, eliminando obstáculos econômicos, materiais, estruturais e de classe, o que permitiria um melhor e mais autônomo desenvolvimento de uma economia nacional, livre da dominação do capital estrangeiro, principalmente o norte-americano:

Na medida em que ganhades o povo para o novo Programa, este Partido modificará o velho Brasil semifeudal e semicolonial, criará uma nova vida para milhões de brasileiros. Desta maneira dará um estímulo poderoso às lutas nacional-libertadoras dos povos latino-americanos. Assestará um golpe demolidor nos planos de guerra dos monopólios e governantes dos Estados Unidos. E ao fazer isto, prestará uma ajuda eficaz às forças que estão construindo, numa ampla extensão do mundo, a sociedade nova, livre de exploradores, o ideal de justiça e felicidade sonhada pela humanidade há séculos — o comunismo. (CREYDT, 1954)

Creydt (2010) afirma que, após o 4º Congresso do Partido Comunista Brasileiro, ocorreu um processo de aproximação entre o PCB e o PCP, com um consequente afastamento deste último com o Partido Comunista Argentino. Afirma que participou deste congresso, apesar da ilegalidade do PCB em solo brasileiro durante este período, ao lado de Antonio Maidana, sugerindo que, a despeito da repressão por parte do Estado brasileiro, os congressos e conferências do PCB ainda possuíam vitalidade e audiência, atraindo até visitantes estrangeiros. De acordo com Creydt, seu partido esteve na mesma linha que a estratégia adotada pelo PCB neste ano, que defendia a formação de um governo transitório, composto por uma frente ampla que “abarcasse uma parte da burguesia nacional, supostamente de forma transitória, durante a primeira etapa da revolução” (CREYDT, 2010, p. 282-283).

No ano seguinte, relata o mesmo, realizou-se, por iniciativa dos camaradas brasileiros, dois cursos, no primeiro do qual participaram vinte membros do PCP, e no segundo, “trinta quadros” (CREYDT, 2010). Os integrantes do grupo entraram no Brasil separadamente, adotando nomes e identidades falsas, protocolo comum resultante das preocupações dos partidos comunistas com a perseguição durante a época. Identificam-se sete membros do PCP que visitaram o Brasil nesta ocasião: Arturo Lopez Areco, Miguel Ángel Soler, Antonio Maidana, Julio Rojas, Sebastián Querey, Justo Ezequiel Ramírez e Wilfrido Álvarez, este último qual declarou ser comerciante (MONTERO, 2021).

Creydt acusa um membro de seu partido, Arruda Cámara, de fomentar uma cisão dentro do partido durante estes encontros, defendendo a posição de que deveria ser implantada no Paraguai uma “democracia popular”, o que afirmava ser

a posição de Josef Stalin sobre a questão. Creydt acusa Cámara de tentar travar um “golpe de estado” dentro do partido. Como se trata da perspectiva de Creydt sobre o ocorrido, ressalta-se aqui a relevância de uma possível investigação futura sobre as posições e opiniões próprias de Arruda Cámara e/ou seus apoiadores durante estes supostos encontros no Brasil.

A confiabilidade das afirmações de Creydt não pôde ser verificada com precisão. Junto ao 4º Congresso do PCB, foram compartilhadas várias cartas de partidos comunistas nacionais em saudação aos brasileiros e seu programa, e não se percebe uma resposta oficial ou menção até indireta do PCB ou de Prestes sobre a carta redigida por Creydt representando o PCP. As afirmações do ex-líder partidário paraguaio têm como fonte o livro *Formación Histórica de la Nación Paraguaya*, que, além de esquematizar o posicionamento historiográfico e sociológico do autor sobre a história do Paraguai, inclui uma série de depoimentos, recordações e comentários de Creydt sobre a vida do partido, suas cisões internas, suas relações internacionais, o decorrer do experimento das guerrilhas paraguaias etc. Tal livro foi publicado pelo autor após mais de 15 anos de sua expulsão do PCP e substituição pelo grupo liderado por Obdulio Barthe, consequente à aproximação de Creydt com a China de Mao Tsé-Tung, no decorrer da cisão sino-soviética que iniciou no final da década de 1950 e afetou vários partidos comunistas ao redor do mundo.

O posicionamento do autor sobre o nacionalismo e as relações entre o Paraguai e seus países vizinhos também deve ser levado em conta, visto que, desde seus primeiros anos de atuação política como parte do NIN, Creydt parece ter tido uma postura de oposição à infiltração de influências argentinas e brasileiras

no seio da economia e política paraguaia. Encontra-se, implicitamente, uma associação feita por Creydt do Partido Comunista da Argentina à política do governo argentino frente ao Paraguai nesta época, preocupado com a substituição de sua influência no país pelo Brasil, que, logo após o golpe de Stroessner, adotou uma postura amistosa com seu vizinho, contribuindo investimentos em infraestrutura, indústria, agropecuária e imigração (MENEZES, 1985). Pode-se, portanto, afirmar que se trata de uma cisão provocada por desconfianças de cunho conspiratório; os dirigentes do PCA não seriam tão diferentes do governo burguês argentino no que tange às relações com o Paraguai. Alegações de conspirações contra o “verdadeiro” PCP tramadas por “oportunistas” de mau caráter e outros traidores do movimento são recorrentes no pensamento de Creydt, que uma hora foi exposto aos expurgos, cisões e denúncias que caracterizam a trajetória de vários partidos comunistas.

O dito afastamento entre o Partido Comunista Argentino, liderado por Victorio Codovilla, e o PCP, ocorreu, de acordo com Creydt (2010), na metade da década de 1950 logo após a estadia dos camaradas paraguaios no Brasil. O afastamento alegado por Creydt se enquadra em sua postura de suspeita frente às intenções geopolíticas argentinas sobre o Paraguai. Acusa Victorio Codovilla, secretário-geral do PCA, de ver o acercamento PCP-PCB com “maus olhos”. De acordo com ele, o não-comparecimento de Prestes ao congresso de 1954 se deu por meio da interferência de Arruda Cámara, este qual, durante a viagem de Creydt à URSS entre 1952-53, falou do PCP e mobilizou ajuda a este (CREYDT, 2010, p. 284). Ao longo dos dois anos seguintes, foi estendido o curso dado pelo PCB aos quadros do PCP, e foi então que os militantes ficaram sabendo das resoluções

adotadas pelo 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, este qual orientou os partidos comunistas nacionais a adotarem uma postura de “caminho pacífico para a revolução”. Apesar de concordar com esta diretiva no âmbito internacional, Creydt sustenta que a posição do PCP era de recusar tal manobra no âmbito da política interna do Paraguai. Afirma o líder paraguaio:

“Nuestro partido sostuvo entonces, y esto está em los documentos, figura en el programa, que es necesario destruir el régimen militar por medio de la lucha armada y que después puede haber un camino pacífico, no vaticinamos que va a haber. Quiere decir que nuestro partido siempre estuvo con la línea de la lucha armada, como forma decisiva de lucha del pueblo por el poder, por el poder provisorio, democrático, anti-imperialista, agrario em la primera etapa de la revolución, y por el poder del proletariado aliado con los campesinos, en la segunda etapa de la revolución, siendo la primera etapa una transición hacia la segunda.” (CREYDT, 2010, p. 285)

Novamente, deve-se contextualizar o trecho do autor como uma asserção *post facto* de lealdade a suas convicções posteriores, ligadas à corrente do maoísmo. Como se pode notar nas disputas internas faccionais do PCP que se desenvolveram nas duas décadas seguintes, encabeçadas a despeito da vontade de Creydt e seus aliados, o partido não foi capaz de adotar uma doutrina e estratégia monolítica frente ao cenário político no qual esteve envolvido, ao menos não a longo prazo. A ideia de montar um esforço de guerrilha não foi aceita uniformemente pelos militantes comunistas no Paraguai, e alguns sugeriam ao invés disso preparar uma rebelião “à moda paraguaia”, ou seja, fomentando conspirações no interior das forças armadas (NICKSON, 2013).

Mesmo assim, de decisão pelo PCP em optar pela resistência armada ao regime Stroessner ao final dos anos 50 foi influenciada por novos acontecimentos e processos no âmbito nacional e internacional, que incentivariam a eventual criação da Frente Unida de Libertação Nacional (FULNA) e outros projetos de guerra de guerrilhas, inspirados por exemplos no exterior. O Brasil, maior vizinho do

Paraguai, produz uma longa sombra sobre este processo e sobre as decisões do PCP durante este período, resultado de sua aproximação com o Paraguai stronista no âmbito econômico, político, militar e de migração após o golpe militar de 1964.

Ao longo dos anos 1950, o regime de Alfredo Stroessner esteve envolvido em negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para a reestruturação da dívida do Paraguai e o corte de despesas, buscando estabilizar a situação financeira do país. Tais negociações envolviam medidas que afetariam a estabilidade salarial, a duração da jornada de trabalho, aposentadorias, subsídios etc. Em resposta a isto, em 1958, sindicatos operários, partidos políticos de oposição e grupos estudantis saíram às ruas em Asunción em protestos contra os planos econômicos do governo. O regime respondeu à chamada Greve de 1958 com dura repressão, mobilizando a polícia e o exército para conter e intimidar as manifestações. Após um episódio de violência policial contra estudantes envolvidos em uma manifestação, o congresso paraguaio vota, por pequena margem, por enviar uma declaração ao presidente Stroessner condenando tal violência e pedindo diálogo pacífico com os manifestantes. A resposta de Stroessner foi dissolver o congresso, declarar lei marcial, decretar uma nova legislação trabalhista que cortava vários direitos sindicais, e dar início a um projeto de dominação social-política sobre os sindicatos e grupos estudantis, introduzindo seus apoiadores como lideranças nestes órgãos e restringindo cargos a membros do Partido Colorado (NICKSON, 2013, p. 19-20).

O golpe de 1954 e a consolidação do que viria a ser conhecido como o *stronato*, um regime ditatorial centrado na figura do líder autoritário Alfredo Stroessner Matiauda (1912-2006), resultou em mais uma onda de exilados políticos

que migraram para países vizinhos, principalmente a Argentina. Côrtes (2014), citando uma matéria do jornal brasileiro *O Estado de São Paulo* de 1959, estima que por volta de 8 mil paraguaios entravam na Argentina por ano, e que em torno de 500 mil paraguaios, um terço da população do país, tenham fugido no total, com a maior parte destes se refugiando em Buenos Aires (CÔRTEES, 2014, p. 19). O mesmo autor afirma que tais números foram mais uma justificativa, no olhar do novo regime, para buscar uma aproximação com o Brasil, ao julgar que a Argentina não estava cumprindo com a segurança do *stronato* ao oferecer asilo à oposição política.

Em resposta à repressão da Greve de 1958, e, ao longo dos anos, à própria ditadura, paraguaios no exílio fizeram denúncias à imprensa internacional, acusando Stroessner e seu regime de graves violações de direitos humanos. Como resposta a tais denúncias, e à possibilidade de oposição internacional, o *stronato* promoveu uma “fachada democrática” e pluripartidária, utilizada pelo regime para tentar limpar sua imagem afora, permitindo certas expressões mínimas de oposição interna ao regime dentro dos parâmetros legais e parlamentares, sem ameaçar a posição de Stroessner e dos Colorados. Mesmo assim, o plano de desarmar e apaziguar a oposição com concessões políticas demorou para se materializar. Ao longo das décadas de 50, 60, 70 e 80, diversas organizações ligadas à oposição paraguaia floresceram no exílio. Destacam-se quatro agrupamentos partidário-ideológicos: o Partido Liberal; o Movimento Popular Colorado (MOPOCO), formado por membros da ala “democrática” do Partido Colorado que se opunham às medidas autoritárias adotadas por Stroessner e seus apoiadores; os febreristas, apoiadores de Rafael Franco; e, por fim, os comunistas, que, ao contrário do que

afirmava a propaganda anticomunista do *stronato*, estavam longe de dominar a oposição exilada como um todo.

Antes de 1959, as ameaças ao regime Stroessner se manifestavam principalmente na forma de conspirações e planos de golpe ou insurreição no seio das forças armadas paraguaias, ocasionalmente em colaboração com opositores exilados. Um dos eventos internacionais que mais inspiraram a oposição paraguaia em seus planos de derrubar o regime foi a Revolução Cubana (1958-59). Notícias sobre o sucesso dos guerrilheiros cubanos em introduzir-se em Cuba desde o exílio, lutar contra as forças do regime de Fulgencio Batista e sair vitoriosos em tal conflito elevaram os ânimos dos exilados militantes, legitimando assim a ideia de que a introdução de grupos guerrilheiros em solo paraguaio desde o exterior poderia ter um resultado semelhante (NICKSON, 2013, p. 22-23).

As primeiras guerrilhas anti-stronistas foram formadas naquele ano. Destaca-se o Movimento 14 de Março, mais conhecido por sua sigla M-14, liderado por membros do Partido Liberal e organizado desde o exílio na Argentina, principalmente na província de Misiones, que foi utilizada como base de operações por este grupo. Além de disputas internas, o esforço de guerrilha deste grupo sofreu com a falta de mantimentos, equipamentos, armas de qualidade, munição, preparação, medicamentos, e, crucialmente, o apoio que esperavam da população paraguaia quando entrassem no país após atravessar o rio Paraná de barco. Por semanas, os guerrilheiros do M-14 foram perseguidos pelo exército paraguaio em uma extensa e dura campanha de contra-insurreição, em uma campanha marcada por execuções, “desaparecimentos” de restos mortais dos guerrilheiros, torturas de prisioneiros e outras violações de direitos humanos cometidas pelas forças

armadas ligadas ao regime (NICKSON, 2013, p. 35-55).

Silva e Júnior (2024) traçam uma relação entre a atitude dos governos argentinos após o golpe de estado de 1955, que derrubou o governo de Juan Domingo Perón, sobre o Paraguai, e a oposição armada a Alfredo Stroessner. Perón retornou os troféus de guerra tomados pela Argentina durante a Guerra da Tríplice Aliança (1864-70) ao Paraguai, e em 1955 aproveitou de sua relação amistosa com o então recém-entronado Stroessner para exilar-se em seu país por um mês (de 2 de outubro a 2 de novembro do mesmo ano) enquanto fugia dos opositores que haviam lhe retirado do poder à força. A causa do “antiperonismo”, e a percepção de uma aliança entre Perón e Stroessner, alinhou os partidos opostos aos dois na Argentina e no Paraguai, e as tensões entre os dois países foram uma das razões pelas quais Stroessner decidiu aproximar-se do Brasil nos anos seguintes (SILVA e JÚNIOR, 2024, p. 185-188).

Os partidários do PCP foram inspirados pela experiência da Revolução Cubana (1958-59), concluindo, após observar as experiências de Che Guevara e Fidel Castro, que um pequeno grupo de guerrilheiros armados teria a capacidade de infiltrar o território do país, esquivar-se dos esforços de repressão das forças armadas nacionais mantendo uma estratégia de alta mobilidade, e influenciar a população local a pegar em armas e juntar-se ao esforço de derrubar o governo. Creydt (2010) afirma ter conversado com um membro do Partido Comunista Cubano, Carlos Rafael Rodríguez, logo após a derrota do regime de Fulgencio Batista nas mãos da guerrilha M-26-7, liderada por Fidel Castro e Che Guevara, viajando a Cuba em abril de 1959. Afirma ter presenciado acaloradas discussões no seio deste Partido sobre a natureza do novo governo liderado por Castro, com

uma “maioria” de seu comitê central opondo-se à colaboração com ele e uma “minoría” apoiando tal posição. Creydt classifica Castro como um “revolucionário pequeno-burguês”, e, refletindo suas convicções no momento de escrever sua posição, lhe critica por conceder espaço e influência ao “imperialismo revisionista russo” (CREYDT, 2010, p. 285-288). Percebe-se aqui a influência da doutrina da Frente Popular e do nacionalismo nas leituras sobre os acontecimentos pelos quais passou o velho dirigente do PCP, assim como seu crescente estranhamento frente à União Soviética. Ao classificar este último estado como “imperialista”, Creydt deixa claro seu desdém a ele, ao menos no período em que estava escrevendo tais palavras, e seu uso do adjetivo “imperialista” deixa de entender sua opinião sobre a estratégia política soviética na América Latina como girando em torno do interesse próprio deste país. Tal posição, porém, é específica à visão do autor neste período e pode não refletir como pensava no período 1959-65.

Não obstante seus questionamentos sobre o rumo da Revolução Cubana, Creydt e outros camaradas entre os comunistas paraguaios foram inspirados pela luta armada do M-26-7. Neste momento, o primeiro afirma que o PCP via a possibilidade de “acelerar” a deslegitimação e eventual queda do governo Stroessner por meio da luta armada (CREYDT, 2010, p. 288). Em decorrência destas influências, em fevereiro de 1959 foi fundada a Frente Unida para a Libertação Nacional (FULNA), um grupo político-militar, controlado pelo PCP, com o objetivo de derrubar o regime de Stroessner, fazendo uso da luta armada e da guerra de guerrilhas. De acordo com Nickson (2013), o consenso dentro do PCP era de que a estratégia da greve geral, representada para eles no caso da greve paraguaia de 1958, apesar de representar um ápice da organização militante dos

trabalhadores urbanos, havia sido um fracasso em acarretar a derrubada do regime burguês e da ditadura fascista. Tirando a conclusão de que Fidel Castro, Che Guevara e os revolucionários cubanos haviam tido êxito ao abandonar esta tática após a greve de Havana em abril de 1958 e adotar a da guerrilha armada, os membros do Partido, principalmente o então-chefe Creydt, decidiram que a atuação de colunas armadas na zona rural do Paraguai, batalhando assimetricamente contra as forças do regime Colorado, poderia, a longo prazo, mobilizar os camponeses e operários a derrubar a ditadura (NICKSON, 2013, p. 63-65).

Wilfrido Álvarez foi o membro do PCP encarregado de supervisionar e organizar as atividades da guerrilha da FULNA dentro do Paraguai, como a organização do comando civil da rebelião, com a intenção de manter contatos com as colunas guerrilheiras localizadas nas zonas rurais do departamento de Cordillera, próximo da capital Asunción. Este exercia a função de comandante enquanto Oscar Creydt e Obdulio Barthe encontravam-se em exílio, e tinha contato direto com a Coluna Mariscal López, comandada por Arturo Lopez Areco, que, assim como Álvarez, havia visitado o Brasil em 1955 (MONTERO, 2021).



Figura 2 – Mapa político da República do Paraguai. Fonte: *The CIA World Factbook for*

1998, da Agência Central de Inteligência (CIA). Encontrado em:

<https://maps.lib.utexas.edu/maps/paraguay.html>.

A organização e o decorrer da guerrilha da FULNA foram desastrosos. Os guerrilheiros careciam de armas de qualidade, tinham dificuldade em atravessar o território do Paraguai, e por todo o trajeto foram perseguidos fortemente pelas tropas do exército paraguaio, da polícia, e até de camponeses e outros cidadãos comuns que se voluntariaram para auxiliar na contra-insurreição. Os esforços de propaganda da guerrilha não tiveram o êxito que foi esperado por seus planejadores, e o comando da guerrilha viu-se truncado e dividido entre os comandantes dos destacamentos dentro do território paraguaio e a alta cúpula do PCP produzindo ordens desde o exílio na Argentina. Os guerrilheiros das colunas que eram capturados acabavam submetidos à tortura, maus-tratos, interrogatórios, e execuções sumárias (NICKSON, 2013, p. 75-86).

A guerrilha da FULNA foi dizimada pela campanha de repressão e perseguição do regime de Stroessner, e a força do PCP em solo paraguaio viu-se drasticamente enfraquecida devido à prisão, assassinato e desaparecimento forçado de seus quadros e militantes. Muitos militantes sobreviventes, não somente comunistas, buscaram o exílio, atravessando as fronteiras com a Argentina e o Brasil, adicionando à leva de exilados políticos que fugiram do Paraguai durante esta época. Em outubro de 1960, por exemplo, membros do M-14, que haviam saído da província argentina de Misiones e entrado no Paraguai com o objetivo de auxiliar a coluna Libertad, foram forçados a fugirem para o Brasil após uma série de confrontos com o exército paraguaio. Em dezembro, atravessaram a fronteira com o Brasil e ingressaram no território do estado do Mato Grosso, buscando alojar-se no país e crendo que as autoridades militares brasileiras lhes protegeriam.

Perseguidos pelas tropas do exército paraguaio, foram delatados por habitantes de ascendência paraguaia na parte brasileira da fronteira. Foram pegos de surpresa por um esquadrão da morte numa noite em Paranhos (atual município do Mato Grosso do Sul) e massacrados a tiros, com somente dois sobreviventes entre os guerrilheiros. O dito “Massacre de Nochebuena” foi um caso único nos anais das guerrilhas da América do Sul na Guerra Fria, no qual o exército de um país ingressou no território soberano de outro na perseguição de dissidentes políticos, incentivando o presidente Jânio Quadros a enviar um protesto diplomático contra o Paraguai dois meses depois (NICKSON, 2013, p. 54-55).

3.2 A fronteira e o Brasil no início do regime Stroessner

As autoridades brasileiras, principalmente o exército, exerceram um papel de colaboração com as campanhas de contrainsurgência do regime de Stroessner, com exceção da curta presidência de Jânio Quadros (janeiro a agosto de 1961), que presidiu sobre uma política externa de aproximação com a URSS e com movimentos e partidos de esquerda, o que elicitou uma reação hostil por parte do regime de Stroessner. O governo de Quadros adotou uma postura de neutralidade frente às guerrilhas anti-stroenistas, tolerando a atuação de quadros ligados ao M-14 e FULNA em seu território (MONTERO, 2022).

Documentos e informes redigidos pela polícia política do Paraguai desde 1958 até a década de 1980 exibem a preocupação que o regime Stroessner tinha para com a fronteira paraguaio-brasileira, especialmente a cidade fronteira de Foz do Iguaçu, que é mencionada frequentemente em tais fontes. Por exemplo, há uma extensa transcrição, datada de 16 de Outubro de 1959, de um diálogo com o

informante José Martinez, onde o tal recorda uma série de encontros, interações e viagens para a região de Foz do Iguaçu. Martinez recorda conversas e encontros com Augusto Cañete (quem ele diz ser membro da direção central do PCP) e um suposto membro do Partido Comunista Brasileiro referido com os pseudônimos “Francia” e “Azuaga”. Martinez, em conversa com o tal “Azuaga”, afirma ter ouvido uma proposta do último para auxiliar na montagem da imprensa partidária e propagandista do PCP em uma via clandestina entre Foz do Iguaçu e Asunción, com apoio do PCB:



0094F 2055

145

MINISTERIO DEL INTERIOR

TRANSCRIPCION LITERAL DE LA GRABACION EFECTUADA EL 16 DE OCTUBRE DE 1959, CON EL INFORMANTE JOSE MARTINEZ.-----

-----oOo-----

Agente (A)-Vamos a ir haciendo una pequeña reseña de su viaje último a Foz de Yguazú(Brasil), el motivo de su viaje y demás detalles. ¿Puede explicar como empezó el planteamiento de ese viaje quien le habló, cuando y en donde?

MARTINEZ-(M) A mí me dió una cita la Dirección del Partido Comunista Paraguayo para una entrevista, a la cual recurri, conversando preliminarmente con el compañero RUIZ DIAZ, miembro de organización de la Regional Central del Partido, en la cual me propuso que existía una designación sobre mi persona para realizar un viaje a Foz de Yguazú(Brasil) para tomar un contacto con los miembros del Partido Comunista Brasileño sobre los detalles del viaje del dirigente Internacional AUGUSTO CANETE, miembro de la Dirección Central del Partido Comunista Paraguayo, con la misión de saber una noticia de él, porque había partido hacia el Brasil sin mayor vigilancia. El Partido me propuso viajar al Brasil, un día martes con la empresa "MONDAY". En cumplimiento de esta disposición del partido me fuicón destino a Puerto Presidente Stroessner el día martes 6, tomándonos un mal tiempo a la altura de Arroyo Guazú, mas o menos a la altura del Km.160, teniendo que, por este motivo, detenernos allí hasta el día miércoles 7. Salimos del citado lugar el miércoles de mañana, a las 12 horas aproximadamente, llegando a Puerto Presidente Stroessner el mismo día hacia las 17 horas. Los representantes del Partido en Asunción me habían dado la instrucción de llegar hasta el Puente Internacional donde me aguardaría un miembro del Partido.

A- No le dijeron a Vd. quien debía esperarlo allí?-

M- En un primer momento, me dijeron que yo tenía que ir a la casa del Señor Tomas Cantero, donde me estaría esperando una persona que debía llevarlo a territorio brasileño, pero posteriormente a las 10 de la noche del día lunes 5, llegó a casa el compañero CAZAL, personalmente, llevandome un paquete, mas o menos de 1 Kg. y un fajo de apapeles, todo envuelto, recomendandome especial vigilancia, y diciendome que yo debía partir esa madrugada a las 2,15 horas, y que al llegar, no debía ir a la casa del Sr. Tomas Cantero, como anteriormente se me había indicado, sino que habría una persona que me estaría esperando en la parada del Omnibus en Puerto Presidente Stroessner. Me dijo que como señal de reconocimiento, debía tener un portafolios en la mano, al descender del omnibus en el Puente Internacional del Puerto Pte. Stroessner o en Puerto Presidente Franco. En uno de los dos lugares me debía esperar un camarada.

A- En que forma tenía que llevar el portafolios?

M- Yo tenía que bajar del omnibus con un portafolios en la mano izquierda y un periódico "La Tribuna" en la mano derecha.

A- Esa sería la señal para que lo identificara el miembro del Partido que lo aguardaba.

M- Ese era el santo y seña. Me advirtió CAZAL, que era muy probable que me esperase un camarada que me conocca personalmente. Yo cumpli exactamente todas las indicaciones recibidas. Un miembro del Partido me recibió en Puerto Presidente Franco. Casi inmediatamente este camarada me hizo pasar a FOZ DE YGUAZU, (Brasil)

A- Para pasar al Brasil cómo lo hicieron?

//.....

Figura 3 – Transcrição de depoimento realizado pelo informante José Martínez e gravado pela DNAT em 16 de outubro de 1959. Código de registro: R094F2055

A fronteira parece ter sido vista por tais autoridades como um espaço suspeito e perigoso, através da qual passavam militantes, materiais de propaganda política, armas, perseguidos e exilados. Enquanto a maior parte dos exilados políticos paraguaios preferiram estabelecer-se longe da área de fronteira, radicando-se mais ao leste em regiões como São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro e outras cidades maiores do Brasil, alguns permaneciam na região da fronteira e proximidades, como é o caso do sr. Sixto Fleitas Rios, identificado pela DNAT como “comunista”. Fleitas, em um documento datado de 16 de novembro de 1961, é acusado de ser integrante do PCP como cargo de “quadro responsável por finanças”, dependente de um núcleo regional partidário, também servindo como “enlace” entre a organização política do Partido e uma coluna de guerrilha da FULNA. Foi capturado, mas conseguiu fugir, atravessar a fronteira e esconder-se em Foz do Iguaçu:

MINISTERIO DEL INTERIOR



DIRECCION NACIONAL
DE
ASUNTOS TECNICOS

00044F 2225
C O P I A

10

Antecedentes de SIXTO FLEITAS RIOS

Nombre y Apellido: SIXTO FLEITAS RIOS
Nacionalidad: Paraguaya
Profesion: Sastre
Domicilio: General Aquino
Ideologia: Comunista

"Miembro activo de la Organizacion Subversiva Comunista (Seccion Para-
"guay) identificada como "Partido Comunista Paraguayo- P.C.P.".- En 1.961
"desempeñaba el cargo de "Cuadro Responsable de Finanzas" dependiente del
"Secretariado del Comite Regional No.4 cuyo centro operaba en la Colonia
"Gral.Elizardo Aquino y estaba a cargo del Dr.UBALDO SOLER, Secretario Po-
"lítico de la Organizacion Regional.Actuaba de enlace entre el Organismo
"Político y el Grupo de Bandoleros Armados que bajo la denominacion de
"COMUNA GUERRILLERA CURUPAYTY" del FULNA (Frente Unido de Liberacion Na-
"cional) opero en la zona de tracando la Alcaldia Policial de Itacurubi del
"Rosario y la de General Aquino en el mes de Abril del mismo año.Es sobri-
"no de PABLINO RIOS ZORRILLA, integrante del grupo de "MILICIANOS" de la
"misma organizacion subversiva, que fuera capturado por el Destacamento
"Especial de Represion.-El causante como responsable de Finanzas, depen-
"dia directamente del Dr.UBALDO SOLER y tomaba contacto con el "Comandante"
"del grupo armado ROSENDO GAONA ZARATE (Seud."Comandante PATRICIO LOPEZ -
"Cmdte."DUARTE" y Cmdte."GOMEZ").- SIXTO FLEITAS RIOS eludio su detencion
"por la fuerzas de represion, abandonando el pais y radicandose en la lo-
"calidad de FOZ DE YGUAZU (Brasil) desde 1.961.- -----
ASUNCION, 16 de Noviembre de 1.961.-



Figura 4 – Informe sobre Sixto Fleitas Rios, producido pela DNAT em 16 de novembro de 1961. Código de

registro: R044F2255

3.3 O PCB no início da década de 60 e as cisões

A presidência de João Goulart, que sucedeu Quadros após sua renúncia em 25 de agosto de 1961, foi marcada pela instabilidade política, por conspirações oriundas das forças armadas e de partidos de oposição como a União Democrática Nacional (UDN), e pelo crescente envolvimento do Brasil na Guerra Fria. Apesar de prometer políticas públicas de cunho social-democrata, o posicionamento do PCB sobre a administração de Goulart, durante o curto período parlamentarista (setembro de 1961 a janeiro de 1963), e por alguns meses de sua administração presidencialista em 1963, era marcado pela desconfiança frente a este, e Goulart e seus apoiadores, como San Tiago Dantas, também desconfiavam do PCB e da extrema-esquerda, procurando neste período articular alianças com partidos centristas e de direita para estabilizar o governo de Goulart sob uma base política de centro-esquerda (FERREIRA, 2013).

A questão da atitude do Partido sobre os governos de Kubitschek, Quadros e Goulart, somado a outros fatores como a ruptura geopolítica entre a URSS e a República Popular da China a partir do final dos anos 50, influenciou um processo de cisão dentro do Partido Comunista Brasileiro. Enquanto a ditadura de Stroessner no Paraguai se consolidava e seus instrumentos de perseguição à “ameaça comunista” se desenvolviam, no Brasil, o PCB se defrontou com um cenário político favorável para sua atuação, marcado pelas campanhas de desenvolvimento e industrialização do presidente Juscelino Kubitschek (1956-61). Na segunda metade da década de 1950, as consignas insurrecionais do PCB a

favor da derrubada violenta do regime “feudal-burguês” seriam reconsideradas a favor de uma estratégia de conciliação com a “burguesia nacional” (FIGUEIREDO, 2020, p. 3-4).

Significativas mudanças no cenário internacional também tiveram repercussões na América do Sul, principalmente no âmbito do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), realizado em 1956. Três anos após a morte de Josef Stalin, o secretário-geral da URSS, Nikita Khrushchev, divulgou relatórios sobre os alegados “crimes” de seu antecessor (FIGUEIREDO, 2020, p. 4). O abandono do culto à personalidade do velho líder da URSS pelo partido-dirigente deste estado viria a causar sérias fissões no seio dos partidos comunistas nacionais ao redor do mundo, uma cisão que seria amplificada pelo distanciamento entre a URSS e a China de Mao Tsé-tung.

Em março de 1958, o Comitê Central do PCB publicou a “Declaração Sobre a Política do PCB”, em seu jornal *Voz Operária*. A declaração viria a sintetizar e acarretar as influências da conjuntura nacional e internacional deste período sobre a estratégia política do partido. Neste documento, defende-se a aliança entre o proletariado e a “burguesia nacional” brasileira, e a constituição de uma “frente única” entre os comunistas e “todas as forças interessadas na luta contra a política de submissão ao imperialismo norte-americano”. O trabalho dos militantes comunistas seria o de divulgar posições e opiniões no seio desta plataforma democrática, na espera de sua aceitação pelas massas por meio de um processo democrático. Entre os objetivos de tal frente única, o documento sugere uma “política exterior e independente de paz”, o “desenvolvimento independente e progressista da economia nacional”, “medidas de reforma agrária em favor das

massas camponesas”, uma “elevação do nível de vida do povo” e a “consolidação e ampliação da legalidade democrática”. (VOZ OPERÁRIA, 1058).

Entre as mais controversas diretrizes do documento, estava o “caminho pacífico para a revolução”:

“O caminho pacífico significa a atuação de todas as correntes antiimperialistas dentro da legalidade democrática e constitucional, com a utilização de formas legais de luta e de organização de massas. É necessário, pois, defender esta legalidade e estendê-la, em benefício das massas. O aperfeiçoamento da legalidade, através de reformas democráticas da Constituição, deve e pode ser alcançado pacificamente, combinando a ação parlamentar e a extraparlamentar. O povo brasileiro pode resolver pacificamente os seus problemas básicos com a acumulação, gradual, mas incessante, de reformas profundas e conseqüentes na estrutura econômica e nas instituições políticas, chegando até à realização completa das transformações radicais colocadas na ordem do dia pelo próprio desenvolvimento econômico e social da nação.” (VOZ OPERÁRIA, 1958).

O aparente abandono da revolução armada e a proposta da integração do partido ao sistema democrático legal precipitou um “duelo” entre a liderança do PCB, encabeçada por Luiz Carlos Prestes, e uma nova facção que rejeitaria a estratégia formulada pela Declaração de Março de 1958 e defenderia a “via insurrecional” através do proletariado e do campesinato (FIGUEIREDO, 2020, p. 5). Tais divisões se acirriaram nos seis anos seguintes, acerca da posição do partido sobre as reformas democráticas propostas durante o governo de João Goulart (1961-64) e se ou não os comunistas deveriam cooperar com o governo.

Em fevereiro de 1962, foi fundado o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), desde o núcleo dissidente do PCB de posição pró-China, que nos anos seguintes se estranharia ainda mais de seu partido-matriz sobre o quesito da luta armada, especialmente durante os anos da ditadura militar. Sua cisão com o partido-matriz, que manteria a sigla PCB, foi finalizada por volta de 1963, especialmente após a publicação na revista soviética Pravda de uma carta-aberta do PCUS acusando o

Partido Comunista da China e seu dirigente, Mao Tsé-tung, de “fomentar a divisão dos comunistas no mundo”, sem deixar de citar o caso dos comunistas no Brasil, mencionando os nomes de João Amazonas e Maurício Grabois (FIGUEIREDO, 2020, p.5). O PCdoB manteria suas posições em defesa da via insurrecional e se alinharia à China no âmbito internacional.

3.4 A aproximação entre Brasil e Paraguai na década de 60 e o caso da FULNA em São Paulo

Após o golpe militar de abril de 1964, houve, ao longo dos anos seguintes, uma aproximação política e econômica entre o Brasil e o Paraguai de Stroessner, o que Menezes (1985) descreve como um “casamento” entre os dois países, providenciando um “segundo pulmão” à economia paraguaia ao estabelecer relações de comércio, infraestrutura e colonização do esparsamente povoado leste do Paraguai com o Brasil. Stroessner almejava desatar o Paraguai de uma situação de dependência frente à Argentina economicamente e criar um contrapeso à influência argentina por meio da influência do Brasil, estreitando laços econômicos com este último país, algo que se materializou com a expansão da malha rodoviária e ferroviária paraguaia ao leste, sua conexão com a malha brasileira através da Ponte da Amizade e até o porto de Paranaguá, PR, no Oceano Atlântico (MENEZES, 1985, p. 50-57).

Este processo foi brevemente interrompido por uma cisão entre Asunción e Brasília, em torno da questão da demarcação das fronteiras ao longo do rio Paraná. Em 1964, eclodiu uma disputa entre o governo do Paraguai e do Brasil em

torno do território limítrofe das Sete Quedas. A disputa diplomática foi acarretada pela falta de definição da região fronteira de Sete Quedas pelo tratado limítrofe brasileiro-paraguaio de 1870, firmado ao final da Guerra da Tríplice Aliança, com ambos os países reivindicando a área como parte de seu território (hoje, o território em disputa está submerso pelo reservatório da represa de Itaipu). A disputa sobre este território esteve ligada ao âmbito da exploração dos recursos hídricos do rio Paraná, que se intensificou ao longo da década de 60, com o envolvimento financeiro e técnico dos EUA, URSS e Alemanha Ocidental (MENEZES, 1985).

Incidentes diplomáticos durante esta disputa territorial envolveram pessoal militar de ambos os países, com a ocupação de ilhas na zona disputada por soldados brasileiros. A repercussão do caso impulsionou manifestações nacionalistas e irredentistas dentro do Paraguai, pressionando o governo Stroessner a adotar uma postura de firmeza frente às reivindicações brasileiras, chegando até a acarretar uma breve aproximação com a Argentina visando utilizar um contrapeso diplomático frente ao Brasil (MENEZES, 1985). A questão foi resolvida em favor do Paraguai, em 22 de junho de 1966, por meio da Ata das Cataratas.

Ao início da disputa, a indignação entre paraguaios sobre a alegada ameaça brasileira sobre as fronteiras do Paraguai também envolveu os grupos de oposição no exílio, cuja posição brevemente se aliou à do regime Stroessner em resposta à alegada agressão brasileira. Relata-se que um grupo de guerrilheiros ligados à oposição paraguaia estava planejando atacar o destacamento militar brasileiro em Porto Coronel Renato, localizado na área em disputa (BARROS, 2012, p. 117). Apesar deste incidente, a relação binacional após este ano se veria recuperada e

melhorada, e o objetivo do regime Stroessner em ganhar um contrapeso brasileiro contra a dominação do capital argentino por meio de investimento, imigração e projetos de infraestrutura seria alcançado e concretizado. Tal processo teria consequências sobre o desenvolvimento da teoria e doutrina do PCP sobre a dominação estrangeira no Paraguai, como explicado em diante.

A intensificação das relações entre Brasil e Paraguai durante esta época não se deram somente no campo diplomático e econômico, mas também ao nível da oposição política, principalmente entre os exilados políticos paraguaios no Brasil. Durante a primeira metade da década de 1960, logo após a aniquilação das colunas guerrilheiras M-14 e FULNA, o PCP passou a estabelecer-se em território brasileiro, visando utilizar das terras deste país como base para reaquecer a luta armada no futuro. Quadros ligados ao Partido, compostos por exilados e imigrantes paraguaios, estabeleceram-se nos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul. Destaca-se aqui as atividades da FULNA no município de Itapeceira da Serra, SP, buscando estabelecer campos de treinamento, recrutar integrantes, buscar armamentos e recursos para uma nova invasão ao território paraguaio desde o Brasil. A direção da FULNA buscava estabelecer-se na região de Ponte do Grego (no que era então a parte sul do estado do Mato Grosso) para formar uma rota em direção ao Paraguai pela qual guerrilheiros poderiam cruzar a fronteira e entrar no território da Serra de Amambai (MONTERO, 2022). Os guerrilheiros planejavam tomar vantagem da porosidade da fronteira e da irregularidade do terreno para nivelar sua capacidade de resistência frente ao exército paraguaio de maneira vantajosa.

O nexu administrativo deste plano de rebelião era a região do estado de São

Paulo. A partir dos anos 1950, houve um fluxo de imigrantes paraguaios à cidade capital do estado e arredores. De acordo com Côrtes (2014), a imigração de paraguaios ao Brasil era numericamente menor que o fluxo de paraguaios indo à Argentina. Em São Paulo, o perfil comum dos imigrantes paraguaios consistia em opositores políticos exilados e de técnicos, diplomatas, militares e estudantes que se instalaram na cidade como fruto da política de aproximação do *stronato* com o Brasil (CÔRTEZ, 2014, p. 20). A política de exílio e ostracismo do Paraguai durante esta época consistia não na identificação e perseguição pontual de lideranças da oposição a Stroessner, mas em uma caçada indiscriminada a qualquer paraguaio que fosse taxado como simpático à oposição, causando um fluxo massivo de exilados a outros países, inclusive o Brasil (CÔRTEZ, 2014, p. 20). Contudo, a FULNA e o PCP encontraram em solo brasileiro uma quantia significativa de exilados paraguaios que estavam dispostos a organizar um complô de rebelião contra Stroessner e seu regime desde o Brasil.

O planejamento desta frente guerrilheira esteve marcado por dificuldades advindas do financiamento, da coordenação entre as unidades da guerrilha, e do desconhecimento sobre o território-alvo. Foram estabelecidas rotinas de prática de tiro em locais escondidos, mas para os integrantes do PCP, Itapeçerica da Serra era mais “um lugar de instrução mais política do que militar” (MONTERO, 2022, p. 105).

Oscar Creydt, em uma entrevista, comenta brevemente a questão do estabelecimento de células da FULNA em território brasileiro:

“Tuvimos um campamento em Itapeçerica da Serra, desde 1964, cerca de San Paulo, ya em uma región de serranias. Allí estuve varias veces para formar los cuadros, llegamos a tener como veinte alumnos, fuimos acumulando um material,

nuestro arsenal fue muy importante, llegamos a tener diez fusiles Fal, que era lo mejor que em esse momento existía (...) Este arsenal fue trasladado, nosotros dimos la orden, a Mato Grosso para entrar al Paraguay, fue colocado em la estancia de um hombre, que tenía también algo así como uma sala de danza em Campo Grande.” (CREYDT, 2010, p. 339)

Os quadros do PCP e da FULNA, por um curto período, gozavam de um cenário mais ou menos tolerante dentro do Brasil, devido ao posicionamento geopolítico dos governos de Jânio Quadros (1961) e João Goulart (1961-64), e tais condições explicam a maior proximidade do PCP com o PCB durante esta época, enquanto a influência do Partido Comunista Argentino (PCA) sobre os comunistas no Paraguai se viu reduzida (MONTERO, 2022, p. 103).

Devido ao golpe militar que derrubou o governo de João Goulart em 1º de abril de 1964, os militantes do PCP em Itapeçerica da Serra sentiram-se pressionados, e Creydt ordenou o desmonte das células no estado de São Paulo e o traslado dos militantes do PCP para a região sul do então indiviso estado do Mato Grosso⁴ que nesta época contava com uma presença de imigrantes paraguaios que os membros da FULNA pretenderam recrutar. Os guerrilheiros instalaram-se numa chácara que era de propriedade de um ex-membro da Federação Juvenil Comunista do Paraguai, em Ponte do Grego (atual município de Terenos, MS). Outros grupos ligados ao PCP instalaram-se em Dourados e Campo Grande (MONTERO, 2022, p. 107-108).

Um documento tipo reportagem encontrado no CDyA, datado de 15-30 de abril de 1966, de uma revista intitulada *Este & Oeste* (aparentemente editada por exilados de vários países latino-americanos na Venezuela e França), remonta em

⁴ O estado do Mato Grosso foi desmembrado em duas partes em 1º de janeiro de 1979, quando foi criado o estado do Mato Grosso do Sul (MS). Todas as localidades mencionadas nas quais a FULNA esteve presente estão dentro da área do que eventualmente se tornaria o Mato Grosso do Sul.

detalhes a estrutura e organização dos quadros do PCP e da FULNA nos arredores da América do Sul. Neste documento (*“El comunismo em el Brasil em 1965”*, de um Manuel de Souza), afirma-se que o mais importante nexo (*“eslabón”*) do “dispositivo comunista” estava situado ao sul do Brasil, na região do Rio Grande do Sul, próximo ao Paraguai, Argentina e Uruguai. Em São Paulo foi detectado um “verdadeiro P.C operacional”, liderado pelo ex-militar paraguaio Lourenco Arruas. Oscar Creydt dirigia politicamente este grupo desde o exílio em Montevideú, o que pode explicar a atuação deste grupo no Rio Grande do Sul, com duas “antenas” instaladas em Porto Alegre. Também é notada a participação de um comunista chileno, José Prado León, e de alguns cidadãos brasileiros “das mais variadas camadas da sociedade” na operação, bem como a presença de armas contrabandeadas desde Cuba e Guiana Holandesa (atual Suriname) por meio dos portos de Belém e Recife:

un matrimonio más o menos real de los guerrilleros y de la población. Desde comienzos de julio se le ha visto, en las Goias, hablando varias veces ante asambleas campesinas, en compañía de varios otros dirigentes comunistas.

c) El más importante eslabón del dispositivo comunista está situado al sur, en el Estado de Río Grande del Sur y todo a lo largo de las fronteras de Paraguay y del Uruguay. La agitación en este sector no concierne solamente al Brasil, sino, asimismo, a los Estados vecinos; es muy probable que las direcciones supra-nacionales de la subversión en América Latina actúen aquí directamente.

Esto es, en todo caso, lo que se deduce de los interrogatorios de una cincuentena de miembros del "Frente Unido de Liberación Nacional" del Paraguay, detenidos en Sao Paulo. La capital económica del Brasil servía de domicilio social, desde 1961, poco después de la crisis de Janio Quadros, según el estado mayor de Brasilia, a un verdadero P.C. operacional, agrupado alrededor del ex-jefe del P.C. paraguayo, el coronel Lourenco Arruas. Las consignas políticas venían de un segundo C.G., instalado en Montevideo y dirigido por Oscar Creydt. Según el Canciller del Paraguay, Sr. Sapena Pastor, esta organización bicéfala (de la que sólo 70 personas han sido detenidas a finales de julio de 1965, en Sao Paulo), tenía antenas en toda América Latina, particularmente en Venezuela, Ecuador y Panamá. Además del cuartel general de Sao Paulo habían sido instaladas dos antenas, compuestas esencialmente de paraguayos, en Porto Alegre (capital de Río Grande del Sur).

La tarea particular de Arruas no se dirigía solo al régimen Stroessner sino, conjuntamente, al Paraguay y el Brasil por la instalación de un centro de guerrillas en las montañas Amamba, a caballo sobre la frontera entre los dos países. La captura de una parte del material en Asunción demostró que el armamento previsto era muy moderno y muy bien adaptado a la guerra de guerrillas. Algunos ciudadanos brasileños ("de las capas más variadas de la sociedad", según las autoridades

militares de Sao Paulo), participaban en la operación. Un comunista chileno, José Prado León, detenido en el Paraguay, confirmó más tarde todos los detalles de este plan y que el C.G. paulista estaba mezclado directamente en la organización de un vasto foco internacional de subversión en las regiones que se extienden a los confines de Argentina, Chile, Bolivia y Paraguay. Las autoridades argentinas habían denunciado este plan en 1964 y la detención de 70 comunistas paraguayos en el Brasil confirma la necesidad de un plan de defensa a la escala continental: el esfuerzo de coordinación de las políticas de seguridad de las diferentes repúblicas de América Latina no es el hecho, como se oye decir muy a menudo, de oligarquías militares desosadas de abolir el principio de las soberanías nacionales, para mejor asentar colectivamente su autoridad; corresponde a una política de agresión comunista cada vez más unificada.

Para concluir este capítulo se notarán tres hechos.

En primer lugar el aumento del contrabando de armas venidas de los países comunistas, vía Cuba y la Guayana holandesa por los puertos de Recife y Belén. El Brasil es, tradicionalmente, la placa giratoria de este tráfico en América Latina, pero hoy parece que las armas quedan en el país. Segundo punto: la interrupción de los atentados espectaculares desde el mes de agosto de 1965. (No está demostrado que las bombas que estallaron en Río antes del escrutinio del 3 de octubre sean de origen comunista). Interrupción ligada, probablemente, al aumento de favor de la "vía pacífica" en el momento de la elección de los gobernadores... Se trataba, en particular, de no dar argumento a la "línea dura" militar, de la que se conocía mal la influencia real. En fin, parece que Brizzola había inspirado la creación de un cierto número de células de "acción" en Río, sin que se sepa exactamente si obra en correlación directa con el P. C. Algunos de sus partidarios han sido detenidos: trataban de crear una agitación campesina orientada hacia la ocupación de las tierras en los Estados vecinos de la ex-capital federal.

III. - La Táctica de Dominación

LOS SINDICATOS OBREROS

La acción enérgica del gobierno federal para dislocar el dispositivo comunista en los sindicatos obreros, parece haber dado sus frutos. La táctica ha consistido en colocar estos sindicatos bajo tutela instalando, a su cabeza, "interventores" o dirigentes nombrados que, a menudo, ellos mismos eran obreros. La casi

totalidad de estos sindicatos ha recibido, progresivamente, la autorización de volver a un funcionamiento normal, a condición de aceptar las nuevas leyes federales: neutralidad política y procedimientos de arbitraje antes de toda huelga. No ha sido registrada, por el momento, ninguna imputación abierta de este dispositivo legal y se ha notado que varios de los "interventores" nombrados por el go-

O plano, porém, foi por água abaixo a partir do descobrimento das células por parte do exército brasileiro e a delação de um infiltrado no mês de maio de 1965. Montero (2022) diz que o primeiro impulso para a investigação por parte das autoridades brasileiras se deu pela entrega de uma informação por parte de um coronel paraguaio que servia o governo do Departamento de Amambay, na parte norte da fronteira com o Brasil (MONTERO, 2022, p. 100).

Em 11 de novembro de 1965, em Campo Grande, se iniciou um processo judicial contra os guerrilheiros paraguaios apreendidos. O caso do julgamento dos paraguaios da FULNA se destaca nos anais da perseguição aos comunistas e movimentos sociais no Brasil durante a ditadura militar (1964-85), pois envolveu um processo judicial regular no qual os acusados tiveram direito à defesa. O Ato Institucional no. 5, que deu aval às autoridades policiais e militares brasileiras para suspender os direitos políticos de suspeitos de atividades “subversivas” à ordem política, só seria decretado mais de dois anos após o encerramento do julgamento dos paraguaios.

Montero (2022) destaca, neste processo, os argumentos apresentados no julgamento. As autoridades promotoras inquiriram sobre as posições políticas e ideológicas dos réus, questionando qual seria o resultado de uma guerrilha bem-sucedida no Paraguai para o cenário político do Brasil:

Luego de dejar en claro las intenciones insurgentes de los procesados, los fiscales militares pasaron a cuestiones geopolíticas e ideológicas. Ante la posición de la defensa, basada en que los paraguayos detenidos planeaban actuar contra la dictadura del Paraguay y no contra las instituciones brasileñas, con lo cual no estaría en juego la seguridad del Brasil y por tanto no habría razones para aplicarles la Ley 1.802; respondieron: “A todas estas preguntas podemos responder con otras ¿el Comunismo tiene Patria? ¿Respetan las fronteras

nacionales? (...) Al instalarse en Paraguay, este grupo tiende a extender sus tentáculos a toda América del Sur". Para la Fiscalía, "Paraguay sería el primer paso, pero el segundo sería el Brasil, y ahora hay que preguntarse si no está en juego la seguridad nacional". (MONTERO, 2022, p. 118-119)

As preocupações das autoridades brasileiras com a presença de guerrilheiros de origem paraguaia em seu território de autoridade, organizando-se para derrubar um regime vizinho, espelhava as preocupações da ditadura de Stroessner com a agitação de exilados políticos paraguaios na vizinhança de seu país. O comando militar e policial brasileiro, aqui, demonstrava receio que a derrubada de Stroessner poderia tornar o Paraguai em base segura e QG para a infiltração de guerrilheiros de ideologias marxistas e de esquerda no solo brasileiro, tomando vantagem da porosidade das fronteiras para introduzir destacamentos de guerrilha, armamentos, materiais de propaganda e outras infraestruturas e assim fortalecer a oposição armada ao governo militar. Mesmo assim, declararam que não lhes interessava muito a situação dentro do próprio Paraguai:

Se lamentaron de que estos paraguayos hayan abusado de la hospitalidad del Brasil que los recibió como hermanos, para, bajo su protección, "preparar una invasión a su patria". Remarcaron que no les interesaba la situación interna del Paraguay y que lo censurable en este caso es como se comportó este grupo de paraguayos en el Brasil, subrayando que no les interesaba su actitud contra el Paraguay. (MONTERO, 2022, p. 119)

Um dos advogados de defesa dos réus, Cândido Fernandes, argumentou que o alvo da guerrilha não era o Brasil, e sim o Paraguai, e que, mesmo que fossem comunistas, tal coisa não era crime para a legislação brasileira, apelando ao juiz que absolvesse os réus. O argumento do advogado Nabukatsu prosseguiu sobre a base do anterior, insinuando que o sucesso dos condenados em derrubar o governo de Stroessner não resultaria necessariamente em um "regime comunista", e que tal acusação se tratava de apenas uma hipótese (MONTERO, 2022, p. 121).

Os promotores deram tréplica aos argumentos da defesa, afirmando que um

Paraguai liderado pelos comunistas se tornaria em uma “nova Cuba” na região da América do Sul, e criticou a suposição de Nabukatsu, afirmando que Fidel Castro, nos princípios da Revolução Cubana (1958-59), “também dizia que não era comunista” (MONTERO, 2022, p. 122). A defesa repetiu seus argumentos logo antes do encerramento do processo judicial.

Ao final do processo, 15 dos 21 paraguaios acusados de organizar acampamentos e atividades de guerrilha foram condenados em 3 de agosto de 1966. Surpreendentemente, os esforços de apelação em segunda instância dos advogados defensores, Higa Nabukatsu e Cândido Fernandes, foram aceitos pelo tribunal, e em 10 de outubro do mesmo ano foi reduzida a pena de todos os acusados, inclusive a do líder do agrupamento, o ex-coronel do exército paraguaio Lorenzo Abel Arrúa, que foi reduzida de sete a dois anos (MONTERO, 2022, p. 117). Não se sabe se o PCB, ou o PCdoB, formado desde uma cisão com o primeiro em 1960, tinham ciência do estabelecimento dos quadros do PCP em São Paulo e o Mato Grosso durante esta época.

3.5 As guerrilhas no Brasil e Paraguai após 1965

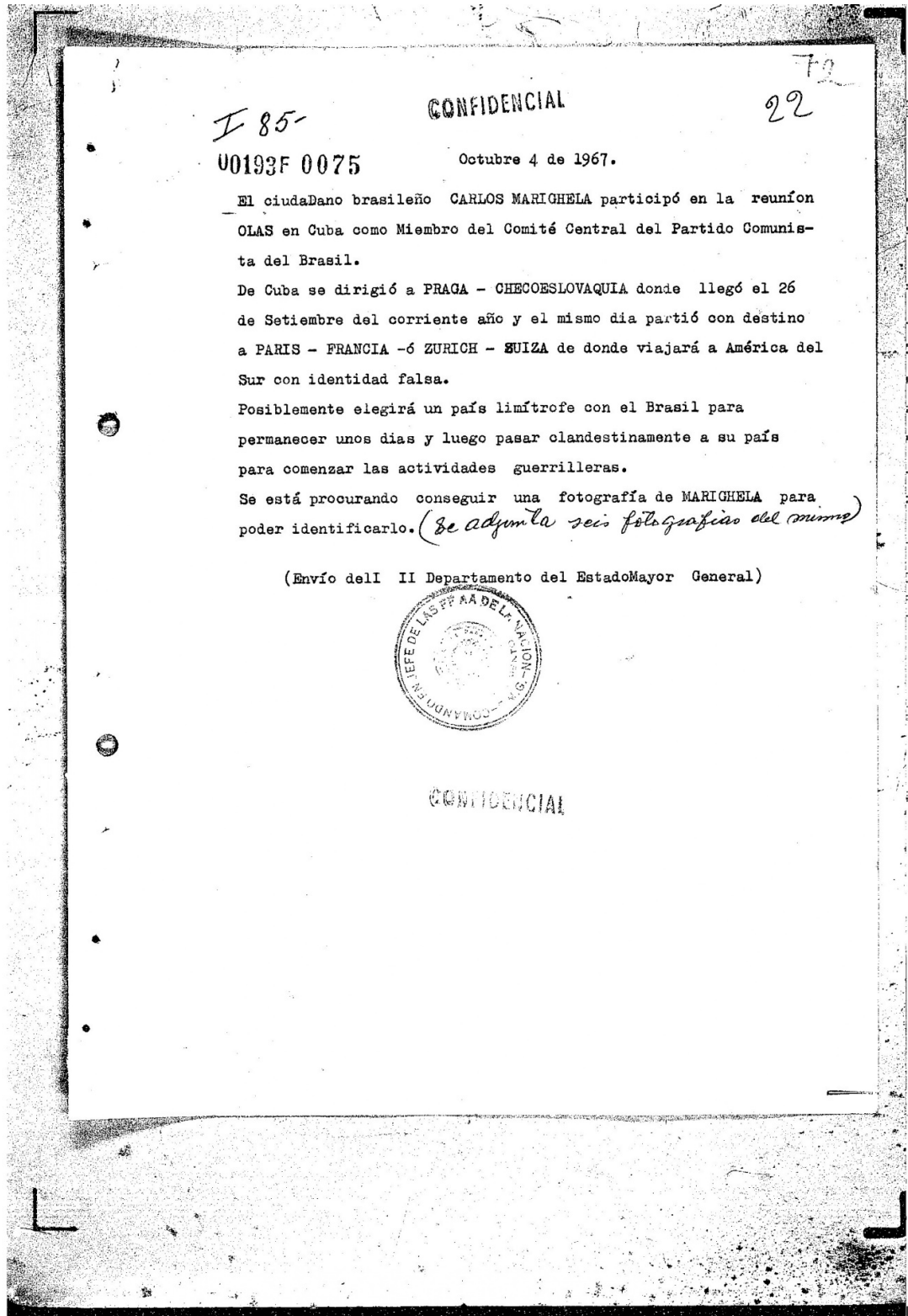
Com a derrocada do governo de João Goulart pelo golpe militar de 1964, e o subsequente endurecimento da perseguição aos comunistas e outros elementos considerados “subversivos” pelas novas autoridades militares brasileiras, os militantes comunistas no Brasil se viram pressionados pela perseguição, vigilância, pela infiltração de informantes e policiais em seus quadros, pela tortura, assédio etc. Foi durante este período entre aproximadamente 1964 e 1974 que as

guerrilhas armadas se multiplicaram em solo brasileiro, destacando-se as guerrilhas urbanas de militantes como Carlos Marighella em áreas urbanas e Carlos Lamarca e os guerrilheiros do PCdoB no Araguaia em áreas rurais.

Pode-se perceber, aqui, uma dissincronia entre a intensificação das guerrilhas comunistas no Brasil no final da década de 1960 e a situação delas no Paraguai, que, em geral, haviam sido esmagadas já antes do golpe militar no Brasil em 1964, mesmo que conspirações e planos continuariam a ocorrer até os anos 80. Destacam-se ainda alguns episódios de dissidência política, representada em pequenos incidentes de infiltração, desapego ao regime e tentativas de organização de ações de sabotagem e preparação para algum levante futuro. Tais incidentes foram registrados pela polícia secreta paraguaia, que extraía confissões e testemunhos de prisioneiros e informantes.

A preocupação da polícia secreta paraguaia com a infiltração de militantes e dissidentes desde a fronteira com o Brasil, apesar de ter sido menos acentuada do que as invasões guerrilheiras desde a fronteira Argentina, cresceu ao longo dos anos 60. Isto é perceptível em documentos registrados no CDyA. Não somente em questão da oposição paraguaia, a polícia secreta do Paraguai tinha ciência dos acontecimentos no Brasil sobre a questão das guerrilhas, e colaborava extensamente com as autoridades brasileiras na troca de informações e mobilizações sobre militantes. A DNAT, por exemplo, soube de Carlos Marighella e sua atuação como guerrilheiro em solo brasileiro, avisada sobre isto por seus equivalentes no Brasil, possivelmente como precaução para a possibilidade de tal militante ou algum associado decidir fugir para o Paraguai. Revela-se que a DNAT sabia da carreira política de Marighella e até de alguns de seus pseudônimos,

trazendo à tona a sofisticação do aparato de vigilância e espionagem do regime
stronista:



I 85-

CONFIDENCIAL

72
22

00193F 0075

Octubre 4 de 1967.

El ciudadano brasileño CARLOS MARIGHELA participó en la reunión OLAS en Cuba como Miembro del Comité Central del Partido Comunista del Brasil.

De Cuba se dirigió a PRAGA - CHECOSLOVAQUIA donde llegó el 26 de Setiembre del corriente año y el mismo día partió con destino a PARIS - FRANCIA -ó ZURICH - SUIZA de donde viajará a América del Sur con identidad falsa.

Posiblemente elegirá un país limítrofe con el Brasil para permanecer unos días y luego pasar clandestinamente a su país para comenzar las actividades guerrilleras.

Se está procurando conseguir una fotografía de MARIGHELA para poder identificarlo. *(Se adjunta seis fotografias del mismo)*

(Envío del II Departamento del Estado Mayor General)



CONFIDENCIAL

Figura. 6 – Informe da DNAT sobre o guerrilheiro brasileiro Carlos Marighella, datado de 4 de outubro de 1967, detalhando o suposto itinerário do tal, com pedido de fotografia para identificação.

Código de registro: R193F0075

Tais informes são evidências do amplo interesse, preocupação e talvez até popularidade pelo público e pela imprensa sobre a figura de Marighella, a ponto de atrair os olhos não somente das autoridades da ditadura militar brasileira, como até da DNAT no Paraguai. A posição política do redator deste informe em língua espanhola fica clara pela maneira à qual refere-se ao golpe militar de 1964: uma “revolução”, em consonância com a propaganda do regime militar brasileiro, que comemorava a data do golpe em seus discursos, rituais cívico-patrióticos, na educação e em sua narrativa política como uma irrupção de fervor popular contra uma ameaça comunista, uma “revolução democrática” (FERREIRA, 2023). Pode-se interpretar o conteúdo deste informe, tendo em vista a política de repressão massiva dos comunistas adotadas pelo regime de Stroessner, como expressão de sua “solidariedade” e aliança com o regime militar brasileiro.

Neste incidente, bem como em outros, a natureza da transnacionalidade da perseguição aos comunistas e “subversivos” nas ditaduras da América do Sul é revelada. Assim como assinalado pelo juiz brasileiro que decidiu a sentença aos quadros do FULNA em 1965, os regimes militares anticomunistas no Paraguai e no Brasil, especialmente a partir de 1964, concordavam sobre a ameaça que o comunismo, as guerrilhas e os “pró-cubanos” representavam para sua autoridade e para a ordem social. A estes elementos rebeldes, estendia-se o estado de exceção legal em ambos os lados da fronteira, cujo patrulhamento, vigilância e “defesa” passou a ser responsabilidade de ambas as partes.

Pese o desmantelamento das células do FULNA em território brasileiro pelas autoridades em 1965, as atividades de guerrilha em ambos os países não cessaram, tampouco na região da fronteira. Foz do Iguaçu, Puerto Presidente Stroessner (hoje Ciudad del Este) e arredores figuram ainda como nexos para o trânsito de foragidos, dissidentes, propaganda política, e até armamentos, com a consequente vigilância e preocupação das autoridades políticas, policiais e militares do Paraguai e Brasil, em cooperação neste quesito.

A DNAT continuou seu trabalho de espionagem entre a diáspora paraguaia e não deixou de se preocupar com a presença de “subversivos” nas fronteiras do país. Em 1966, por exemplo, o anteriormente mencionado Sixto Fleitas, que havia fugido da prisão no Paraguai e fugido para Foz do Iguaçu, ainda se encontrava na mesma cidade, como reportado por um outro informante paraguaio radicado na cidade. Não somente isso, mas Fleitas, alega o informante, estava compartilhando seu domicílio com dois outros paraguaios vindos de Havana, em Cuba, bem como o “conhecido comunista” Pablino Rios. e manuseava um rádio que, supostamente, transmitia propaganda ao Paraguai adentro. Ainda mais alarmante para os policiais, o informante alegou uma extensa conspiração envolvendo cerca de 200 “Comandos”, entre eles paraguaios, brasileiros e argentinos, que planejavam lançar uma guerrilha na região com o apoio do governo cubano:

0262F 0433

POLICIA DE LA CAPITAL
JEFATURA
Asunción - Paraguay

Al contestar

Asunción, 5 de Julio de 1966.

Citease No J-201

ASUNTO:

INFORME CONFIDENCIAL No 201

AL:

PARA EL PTE.RCA., M.I., JEFE EMG. Y JEFE O.P.

"Asunción, 12 de Julio de 1.966.-Elevar informe: Al Sr. Jefe del Dpto.de Investigaciones, Cnel.DEM.don Arsenio Martínez Yegros.-Tengo el honor de dirigirme a esa superioridad, a fin de comunicar lo siguiente:

Que en los primeros días del mes de Junio un empleado del Hotel Casino Acaray, hermano del Sgto.de Investigaciones ARNULFO MULLER, destacado con el suscripto en Puerto "Pte.Stroessner", se entrevistó en Foz de Yguazú (Brasil), con el sujeto FRANCISCO RIOS, de afiliación liberal, quien le expresó que tenía interés de conversar con su hermano ARNULFO MULLER, para informarle sobre algunas actividades de carácter comunista. Posteriormente el Sargento MULLER mantuvo entrevista con el referido Francisco Rios, en el domicilio de un tal SIXTO FLEITAS (comunista), paraguayo, radicado en Foz de Yguazú (Brasil), donde también se encuentra el conocido comunista PABLINO RIOS. En esa ocasión el citado Francisco Rios le manifestó al Sgto.MULLER, que quería entrevistarse con el suscripto, a fin de informarle algo de importancia, y para el efecto me trasladé al lugar donde se encontraba el mismo, oportunidad en que me expresó lo siguiente: Que él tenía instrucciones precisas del Directorio Central del Partido Liberal, de informar a las autoridades más cercanas, sobre cualquier actividad contra el Gobierno Nacional, especialmente contra los comunistas, informándome seguidamente que en el domicilio del comunista SIXTO FLEITAS, actualmente se encuentran dos jóvenes paraguayos que vinieron directamente de La Habana (Cuba), y además que en estos momentos se hallan dispersados por el Brasil, citando algunas de las ciudades como Curitiba y Matto Grosso, y en la Argentina la cantidad de (200) doscientos Comandos, entre ellos paraguayos, brasileños y argentinos adiestrados para guerra de guerrilla, que de un momento a otro entrarían al Paraguay, y que un tal SAMANIEGO, había viajado directamente a Cuba para traer armas, y de un momento a otro se esperaba su llegada en Foz de Yguazú (Brasil); me expresó además que ya tenía en el Paraguay una radio transmisor que se comunica directamente con La Habana (Cuba), presumiendo que se encuentre en la zona de Eusebio Ayala, y para explicar mejor en forma más detallada, le pregunté si podía entrar al país para informar a la superioridad los pormenores de estas actividades, contestándome toda vez que haya garantía para él, no tenía ningún problema en hacerlo. Para el efecto solicité la autorización correspondiente, a fin de traerlo al ciudadano FRANCISCO RIOS y luego de recibir la orden para conducirlo personalmente, le invité y viajamos juntos el día Martes 28 del mes ppdo., con el micro "Sirena del Paraná", corriendo a mi cargo el pasaje y comida del mismo, llegamos a San Lorenzo, siendo las 13 horas más o menos. Luego de llegar a dicha ciudad,

...//..

Figura 7 – Informe sobre interações realizadas entre um sargento do exército paraguaio e um suposto membro do Partido Liberal, datado de 5 de julho de 1966. Código de registro:

R262F0433

Não se sabe o que ocorreu com a planejada guerrilha encabeçada por Fleitas e companheiros em Foz do Iguaçu, mas, a julgar pelos acontecimentos seguintes, tal organização parece ter colapsado, não conseguindo executar seus planos. Supõe-se que também tivessem desconfiança da espionagem e investigação da polícia e do exército brasileiros.

Ao longo da década de 1960, foram fundados no Brasil vários grupos de esquerda desde cisões com o PCB. O desacoplamento de facções dissidentes do PCB, a formação de novos partidos e organizações de luta, e a subsequente fragmentação do movimento comunista no Brasil, como já mencionado, foi consequência de vários fatores: a dissonância entre a doutrina de “revolução pacífica” defendida pelo PCB e o ambiente de crescente repressão armada aos comunistas ao longo dos anos da ditadura militar, parecendo incentivar a luta armada; desavenças doutrinárias sobre o papel do proletariado, camponeses, classes médias e a “burguesia nacional” na revolução; desavenças acerca da natureza da revolução a ser tramada, se um salto imediato ao socialismo seria possível ou não; discordâncias entre a natureza “feudal” ou não das relações socioeconômicas no Brasil e sobre a dependência frente ao capital estrangeiro; discordâncias estratégicas sobre a luta contra a ditadura no campo e na cidade; o posicionamento dos comunistas brasileiros sobre a cisão geopolítica entre a China maoísta e a URSS, etc. (HERLER, 2013, p. 87-90). Tais debates, até certo ponto, assemelham-se aos debates e conflitos internos no comunismo paraguaio sobre temas semelhantes, que também levaram a cisões na década de 60. Creydt, em seu próprio terreno, representou a posição pró-China; os fundadores do Pcdob

também tinham uma orientação pró-chinesa ou maoísta, principalmente após 1963 (FIGUEIREDO, 2020, p. 12-14).

Dentre os grupos que surgiram deste processo, destacam-se a Aliança Libertadora Nacional (ALN), de Carlos Marighella; o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR); a Dissidência Comunista de Niterói, que depois daria origem ao Movimento 8 de Outubro (MR-8), fundada por Aluizio Palmar, Humberto Lima, Antônio Rogério Garcia da Silveira, dentre outros. Os vários grupos que compunham a dita “esquerda armada” nos anos 60 e 70 no Brasil travavam entre si disputas ideológicas, justificando suas posições utilizando de exemplos no estrangeiro, como a Revolução Cubana, o Vietnã, a Argélia, e o Partido Comunista Chinês de Mao Tsé-Tung (HERLER, 2013, p. 90-93).

Müller (1998), em seu livro *Fronteira das Emboscadas*, faz alegações sobre a atuação de guerrilhas armadas organizadas pelo MR-8 na região do Parque Nacional de Iguaçu e do município de Foz do Iguaçu entre o final dos anos 60 e meados da década de 70. O autor afirma que, durante esta época, a região da tríplice fronteira atraía o interesse das guerrilhas armadas que visavam derrubar as ditaduras militares vigentes no Cone Sul. Aluizio Ferreira Palmar, membro do MR-8, liderou um grupo de aproximadamente dez homens (um deles, Rodolfo Ramirez Villalba, sendo paraguaio) pela região do Parque Nacional do Iguaçu, por volta 1968 e 1969. Palmar manteve um diário de campanha, detalhando as dificuldades pelas quais passou o grupo, bem como as artimanhas que utilizaram para se armar e abastecer (MULLER, 1998, p. 50-68). Palmar conta que o grupo teve apoio em comprar armas no Paraguai por meio do dinheiro de um simpatizante no Banco do Brasil no Rio de Janeiro, adquirindo desta maneira “pistolas, rifles, e alguns fuzis,

inclusive dois Fa” (MULLER, 1998, p. 56).

Um extenso documento da DNAT paraguaia, intitulado “*investigaciones realizadas em motivo de presuntos brotes subversivos castro-comunistas em este sector del continente*”, datado de 15 de julho de 1969, revela as informações que a polícia secreta paraguaia havia conseguido coletar sobre Palmar e o MR-8 nas regiões brasileiras próximas ao Paraguai, principalmente no Paraná e Santa Catarina. Dentre várias outras informações, alega-se a presença do MR-8 em complôs realizados em cidades como Foz do Iguaçu, Matelândia e Cascavel:

00043F 0907

3-

///Panaderia de Mongelos en Foz do Iguazú, da la pauta que se podría estar ante trabajos que tambien estarian por concretarse en este país. En los días en que estos procedimientos se cumplían en Foz do Iguazú, se detectó una llamada telefonica desde Candelaria a Iguazú, efectuada por la señora GLADYS MEILINGER DE SANNEMANN esposa de Rodolfo Sannesmann (la nombrada médica cirujana) pidiendo a VICENTE CORTESI radicado en Iguazú, solicitandole "avisara a su esposo que regresara de inmediato, porque habian problemas", la persona que atendiera el fono pidió a la citada señora el paradero de su esposo y ésta le contestó que Cortesi sabía donde se hallaba". CORTESI es ciudadano paraguayo y sindicado como de militancia izquierdista.- Se cree que Sannesmann estuviera haciendo de correo entre extremistas de Misiones con los del Brasil y Paraguay.- A su llegada a Iguazú SANNESMANN mantuvo conversaciones con el ciudadano paraguayo CARLOS AIRALDI (villarricense de formación universitaria-contador público) este en el Paraguay está sindicado como agitador extremista en aquel país. Airdi luego viajó a Asunción por puerto falso, burlando la vigilancia que sobre él sostienen las autoridades paraguayas.- CANDIDO ROTELA actualmente detenido en el Brasil, anteriormente fue sargento en el Regimiento R.C. de caballería, teniendo conocimientos de táctica militar y de combate. Ampliando este panorama y relacionado con el foco subversivo detectado en el sud-este del estado de Paraná-Brasil- se consiguió la siguiente información dada por el Delegado Federal Brasileño con asiento en Foz do Iguazú:-
Hacen poco menos de dos años, ocho personas comenzaron a hacer reuniones para estudiar la realidad "nacional y teorías" sociales de Latinoamérica, nacía así el movimiento "revolucionario 8 de octubre-MR-8" asociación destinada a derrumbar el poder e implantar el regimen comunista en el Brasil, Paraguay y Argentina, para lograr sus objetivos los mismos venian utilizando recursos provenientes de asaltos a bancos, desfalcos, robos de automoviles, falsificación de billetes y otros delitos. Uno de los detenidos llamado ALUISIO FERREYRA PALMAR y otros integrantes del MR-8 con el dinero así obtenido compraron dos campos, uno de ellos denominado "Boipicua" en Cascabel (Brasil) y otro llamado "Ehenadac" en Matelândia. Una figura relevante de esta organización era JORGE MADEIRA VALE, Jefe de servicio en el Banco do Brasil en LEBLON (Guanavara) donde realizó un desfalco de ocho millones de cruzeiros (nuevos), dentro del Partido Comunista Brasileño esta persona era conocida como "el buen burgues", se aclara que pertenecía el Partido

Figura 8 – Informe da DNAT sobre suspeitas atividades comunistas nas proximidades da fronteira com o

Brasil, datado de 15 de julho de 1969. Código de registro: R043F0907

00043F 0908

0 66

//Comunista Revolucionario del Brasil, disidente del P.C.B.- Madeira, en el mes de febrero de este año dio al MR-8 cuarenta mil cruceiros nuevos y prometió dar doscientos mil más en julio o agosto de este año, además el mismo regaló 600 mil cruceiros nuevos al Partido Comunista Revolucionario brasileño. Este dinero es destinado a comprar campos en Santa Rosa y Santa Catalina, donde organizarían campos de adiestramiento de guerrilleros. Juntamente con estas personas fueron detenidas otras personas, entre ellas varias mujeres que se dedicaban a traducciones de textos de Mao Tse Tung y del Che Guevara, que mimeografiaban para ser utilizadas en el adoctrinamiento de la organización clandestina. Algunos de estos apuntes fueron hallados por el servicio de Inteligencia Brasileño al allanarse la Panadería El Progreso de Mongelós en Foz de Iguazú. Continuando con las mejres detenidas en el Brasil estas se hacían pasar por esposas de algunos dirigentes de la organización para legalizar las apariencias y los distintos y constantes desplazamientos de sus integrantes y miembros del MR-8 que solo aceptaban en su organización a individuos que se dispusieran a dejar todas sus actividades y ataduras sociales para dedicarse exclusivamente a la organización guerrillera. Todas los servicios de Inteligencias brasileñas y las organización de luchas antidemocráticas trabajan para desbaratar la organización, que se dice cuentan con mas de 200 dirigentes, algunos de ellos en la provincia de Misiones-Argentina, Resistencia (Chaco y Rosario) y Buenos Aires. Las autoridades brasileñas solicitaron por intermedio de la Comisaria de Iguazú, colaboración para la detención de JUA-REZ GUIMARAES BRITO y de MARIA DO CARMO o CARMEN OLIVEIRA BRITTO, acusados de integrar la organización MR-8 y de mantener ligamientos con la misma organización y sus componentes algunos de ellos detenidos en la Isla de Flores (Brasil), esta pareja fue localizada ultimamente en su apartamento de calle San Francisco Xavier 577-apartamento 302, donde fueron encontrados gran cantidad de panfletos subversivos y dinero y datos sobre el MR-8 desde donde se dieron a la fuga, siendo detectados luego en los alrededores de Foz de Iguazu, por que se presume hayan pasado a territorio argentino. Como antecedente regresivo, cabe consignar que el procedimiento que desbarató la organización comunista dio comienzo cuando el delegado policial AGOSTINHO CARDOZO NETO detuvo en Cascabel (Brasil) al sujeto ALUISIO FERREYRA PALMAR quien sufriendo un accidente automovilístico, encontrándose en el automóvil gran cantidad de armas, su acompañante MARIO FERNANDEZ SOUSA darse a la fuga, levemente

///

Figura 9 - Ibid. Código de registro: R043F0908

//4-

00043F 0909

te herido en dirección a Foz de Iguazú. Palmar en su interrogatorio dio antecedentes sobre la organización MR8-ademas confesó los lugares y contactos utilizados por los grupos en Cascabel, Curitiba y Foz de Iguazú. Como consecuencia de la detención de Palmar fueron tambien detenidos en el estado de Paraná INA DE SOBEA MADEIROS o MADEIRA, y su marido MARCOS ANTONIO FARIAS DE MADEIROS (la pareja había contraído enlace en Curitiba el 15 de marzo último) luego fueron detenidos NIELSI FERNANDEZ "Iván" ex estudiante de Niteroi y los paraguayos ALEJANDRO STUNG y MANUEL MANCELES. Tambien fue detenida la guerrillera portuguesa MARIA CANDIDA DE SOBEA GOUBEIA (a) KATIA amante esta de JOA MANUEL FERNANDEZ, considerado uno de los elementos más peligrosos. El dinero recibido por la organización era utilizado para huir de la policia y a la compra de equipos, armasropas y medicamentos. REYNALDO SILVEIRA PIMENTA (detenido) era el encargado de mantener los contactos en Guanavara y San Pablo, para reclutar personal y a la vez realizar contactos con gentes de paraguay y argentina, caso concretos los del Dr. GOIBURU en Posadas y ALVAREZ de Resistencia y en la zona de Foz de Iguazú Mongelos y Stung. Estos grupos guerrilleros estuvieron realizando ejercicios de supervivencia en la selva, habiendo estado durante varios días en bosques que rodean el Parque Nacional Iguazú-lado brasileño. Ante estas informaciones obtenidas, se efectuaron investigaciones en esta provincia, personalmente por el Jefe de la División Orden Social, Político y Gremial de la Policía de Misiones, estableciéndose, que efectivamente el Dr. AGUSTIN GOIBURU mantiene estrechos contactos con los esposos SANNEMANN, actualmente radicados en Candelaria y anteriormente en Iguazú, los que a su vez mantienen contacto con otros dirigentes paraguayos sindicados como extremistas, pertenecientes a los Movimientos 14 de Mayo-FULNA y Liberal Febreristas. Con fecha 12 de agosto último, se presenta el ciudadano argentino JUAN DE DIOS BRIZUNIA domiciliado con un tío en una chacra del paraje Matto Quemado-jurisdicción de la localidad de Caragatay, manifestando que a invitación de los hermanos PABLO y Gregorio ESTECHE domiciliados en el mismo paraje-(cinco hermanos paraguayos) quienes lo tienen como de nacionalidad paraguaya, a concurrir a una reunión de dirigentes liberales a llevarse a cabo en Piray. Concurriendo a la misma que se realizara un mes atrás, en la casa de ROMULO CABRE-RA situada en el kilometro 26 de la ruta que desde Piray se dirige

Figura 10 - Ibid. Código de registro: R043F0909

Müller (1998) não identifica a presença direta da operação de guerrilha do MR-8 em solo paraguaio, a não ser o contrabando de armas e a adesão de alguns paraguaios nos destacamentos.

Outra alegação levantada por Müller (1998) é a de que Ernesto “Che” Guevara, famoso guerrilheiro argentino envolvido com a Revolução Cubana (1958-59), esteve presente na região da tríplice fronteira e em Foz do Iguaçu nos primeiros meses de 1967, a caminho da Bolívia, onde montou seu último esforço de guerrilha até ser assassinado em outubro daquele ano (MULLER, 1998, p. 35-41). O episódio parece ser corroborado pela mesma investigação da DNAT:

00043F 0904

// en los billetes reales. Se creó que vinculados a esta falsificación esten algunos altos empleados bancarios del Brasil, cuyo seguimiento estan efectuando las autoridades brasileñas (inteligencia).--

5o) Se estima que el sistema de falsificación es similar al que en su oportunidad empleara Adolfo Hitler para financiar la campaña de contra-espionaje en los países de Europa y América del Norte. Se dice que un ciudadano Alemán, actualmente en el Brasil habría perfeccionado esta impresión, que son cuadruplicados en la impresión en su número de serie, esto hace que se necesiten ciertas sumas considerables de billetes verdaderos, por lo que se sospecha en el Brasil, que participarían altos empleados de los distintos Bancos que proveen del material para las copias, que luego de ser retirados los billetes verdaderos de los Bancos, sacados la impresión, son devueltos a las pocas horas. (los billetes falsificados fueron examinados por el Jefe de la Comisaría de Iguazú).--

6o) En uno de los apuntes y donde figura la dirección de GOIBURU se consigna "Preguntar por Aquino de parte de Miguel", al respecto se hace notar que en un procedimiento realizado por personal de la Comisaría de Iguazú (Arg) en el mes de mayo de 1967, se procedió al secuestro de un libro de pensadores paraguayos de izquierda, entre los que figuraban en primer término GOIBURU, este libro había sido entregado a ESMERALDO AQUINO quien lo utilizaba como material de adoctrinamiento en reuniones por este realizadas en Iguazú, a las que concurrían también Roberto Elio Velazquez, un tal Cortesi y un carpintero de apellido Ruiz--

Posteriormente se consiguen por intermedio del Jefe de la Comisaría de Iguazú, los siguientes antecedentes, anteriores a lo investigado actualmente, pero que podrían tener relación con ellos:

1.- Hace algún tiempo, aproximadamente unos tres años, y ya dentro de la jurisdicción de Parques Nacionales de Iguazú, una estanciera de propiedad de MANCHUR ABDALA MANFREDINI, sufrió un accidente, en circunstancias de conducir en su interior al argentino "Che Guevara", un periodista / Francés, el Ex Coronel Paraguayo NELSON ROLON y sus hijos y el hermano de JUAN JOSE ROTELA. Todos los nombrados, según se supo ahora, venían de la zona de Barracón, en el interior del auto transportaban una radio portatil, armas de gran calibre y explosivos, los que de inmedia-

Figura 11 - Informe da DNAT sobre atividades suspeitas na região da fronteira com o Brasil

no ano de 1967. Código de registro: R043F0904

00043F 0905

2-

//to fueron ocultados en el monte, juntamente con los viajeros y el Che Guevara, en ese accidente sufrió lesiones el hijo de Rolón, y el conductor del vehículo Roberto o Ricardo Abdala, a los pocos instantes se hizo presente una patrulla de Gendarmería Nacional de Iguazú, los que sin sospechar nada auxiliaron al conductor de la estanciera, se sabe que emboscados se hallaban en el monte cercano el Che Guevara y los otros acompañantes, dispuestos si así lo requerían las circunstancias a dar muerte a los gendarmes. Aquí se pierde toda hilación del hecho.-

2) Al día siguiente se presenta en la Comisaría de Iguazú MANCHUR ABDALA MANFREDINI, quien acompañaba al hijo que aquella noche había guiado el automóvil, al hacer la exposición policial, manifestó que el único que había sufrido lesiones era él y que su auto había sufrido innumerables desperfectos, desconociendo el destino tomado por los pasajeros que condujeron.-

3) Mas tarde se supo que el grupo trasladado por Manfredini (hijo) se habían alojado en la casa de la ciudadana paraguaya "TELMA CORONEL", allí convalecía el hijo del Coronel Rolón, quien había sido atendido, sin saberlo ella, por la Doctora MARTA SCHWARZ.-

4) Partido los viajeros hacia la localidad de Foz de Iguazú, encargaron a Telma Coronel la venta de doscientas camisas a un precio irrisorio. Estas prendas estaban destinadas a vestir a guerrilleros.

5) Ya en Foz de Iguazú, el grupo, falto de dinero, ideó seducir a la mujer de un cambista -Judío-Francés-La tarea enunciada estuvo a cargo del paraguayo ROTELA, el hecho no se concretó pues la presencia del grupo fue detectada por la policía brasileña, razón por la que nuevamente tuvieron que huir de esa zona.-

6) Se aclara que todo este proceso se inició en territorio Brasileño, límite con la localidad argentina de Bernardo de Irigoyen (Misiones) donde mucho antes el Che juntamente con sus acompañantes habían mantenido una refriega con tropas del Ejército Brasileño. El paso de estos por Iguazú correspondía al proceso de la fuga.-

7) Se supone con fundamento, que la presencia del Che Guevara en la zona de Iguazú y de los elementos extremistas como ROTELA, ROLÓN e HILARIO BARRETO BENITEZ, pudieron haber dejado en forma latente los aprestos y contactos que en estos días parecen volver a resurgir.-

8) Se sabe a través de una información obtenida en el Consulado Paraguayo con asiento en Foz de Iguazú que HILARIO BARRETO BENITEZ

Figura 12 - Ibid. Código de registro: R043F0905

O aparecimento de Che Guevara na região de Foz do Iguaçu, próximo à fronteira com o Paraguai, foi relatado no processo em 1966 pelo revolucionário José Dionísio Canzi, que afirma ter se encontrado com Che na região para discutir seus planos estratégicos de guerrilha na região da Tríplice Fronteira, relacionados à possibilidade de sucesso na guerrilha da Bolívia, na qual, um ano depois, Guevara foi morto. Canzi afirma que vinha um suprimento de armas desde o porto de Paranaguá, disfarçados em um contêiner de maquinários agrícolas destinados ao Paraguai. (MULLER, 1998, p. 40-41).

“Guevara iria arregimentar cerca de mil homens. Treinados, com armas sofisticadas e de precisão, visava à época, numa operação simultânea, tomar de assalto os quartéis dos Exércitos do Brasil, Paraguai e Argentina nesta fronteira, para declarar em seguida esta região de “Área Livre”, até ter o reconhecimento internacional para formação de um novo estado na América do Sul.” (MULLER, 1998, p. 40)

Alega o autor, além disso, que Che, em conversa com Canzi, relatou ter planos ainda mais ambiciosos:

“Quería ampliar este novo país, transformando-o numa federação socialista nos moldes da antiga União Soviética, com os territórios da Bolívia, Brasil, Chile, Uruguai e seu estado natal, a Argentina, abrangendo assim toda a maior Bacia Hidrográfica da América do Sul: A Bacia do Prata.” (MULLER, 1998, p. 40)

3.6 A dependência externa do Paraguai na obra de Creydt

Ao longo da década de 1960, o PCP parece ter desenvolvido uma doutrina teórica sobre a atuação do Brasil como Estado no seio do Paraguai e acerca deste. É declarada uma certa aversão e crítica à dominação brasileira sobre a política econômica – comércio, os latifúndios, recursos naturais, mão-de-obra, partidos políticos, mídias etc. – do Paraguai, qualificando este país como uma potência “imperialista” limitando o desenvolvimento interno deste país menor e arrastando-

lhe para sua órbita. O principal expoente desta posição foi Oscar Creydt. Em 1973, publica um texto intitulado “*Frente al peligro brasileiro: lucha unida de todos los patriotas, em defesa de la independencia nacional*” (CREYDT, 2010, p. 33). Seu ressentimento sobre a dominação brasileira sobre o Paraguai encontra sua personificação na figura do ditador Alfredo Stroessner, até o ponto de negar a naturalidade deste como paraguaio, alegando:

Stroessner mismo es de nacimiento brasileiro. Nació em el estado de Santa Catarina y fue inscripto em el Paraguay. etroce Policía brasileña se lo há dicho a um camarada mientras lo torturaban (CREYDT, 2010, p. 289).

Em contraposição a este jogo de propaganda do regime, percebe-se, no discurso do PCP em particular, uma estratégia discursiva na qual Stroessner era retratado não somente como tirano, mas também como um “fantoche” de outros países, buscando desqualificar a própria imagem deste como patriota. A noção de um “imperialismo bandeirante”, agindo em conivência com os interesses do imperialismo norte-americano para manter o Paraguai em condições de dependência frente a sua economia maior, é uma consigna comum da obra de Creydt, *Formación Histórica de la Nación Paraguaya*, refletindo sua visão sobre a formação histórica do Paraguai.

Tal obra constitui principalmente um ensaio historiográfico e sociológico sobre o desenvolvimento da sociedade, e do “tecido” socioeconômico, do que viria a ser a República do Paraguai, desde o período da colonização espanhola até a era Stroessner. Neste livro, Creydt cita diversos outros autores, seja como fontes de inspiração ou alvos de crítica. Esta obra pode ser comparada a outras obras no cerne da historiografia marxista latino-americana, como *Siete ensayos de interpretación de la etrocess peruana* (1928), de José Carlos Mariátegui.

Mantendo em mente o fato deste segundo ter sido escrito com a intenção de explicar a realidade peruana, um processo que se assemelha em ambos os casos do Paraguai e do Peru é o da mestiçagem entre brancos e indígenas e da exploração da mão-de-obra dos últimos pela economia colonial, na dificuldade de se estabelecer a importação massiva de colonos europeus como no caso da América do Norte (MARIÁTEGUI, 1934, p. 8; CREYDT, 2010, p. 52-67).

Creydt representa o Brasil como uma economia colonial agrária e de extração baseada na mão-de-obra escrava, que, desde a era colonial, era plataforma para invasões e saques dos territórios que viriam a se tornar parte do Paraguai após a independência, com a intenção principal de capturar escravos (CREYDT, 2010, p. 71). Após a independência, diz ele, a atitude do governo imperial do Brasil frente ao Paraguai era de forte hostilidade, e a Guerra da Tríplice Aliança, nesta visão, representou não apenas uma disputa entre governos pelo domínio das rotas comerciais da bacia do Prata, mas, principalmente, uma “guerra de destruição” e “um choque entre dois sistemas econômico-sociais”, no qual o Paraguai representava uma “economia nacional” em pleno desenvolvimento, e a Argentina uma “oligarquia de latifundiários e comerciantes” centrada em Buenos Aires, mobilizando a força do regime escravocrata no Império do Brasil e da Confederação para aniquilar a autonomia do Paraguai e abrir caminho para a maior penetração do capital britânico sobre a América do Sul. Após seis anos de combate, apesar do alto custo da guerra e da resistência dos exércitos paraguaios, o país se viu dizimado, com sua “burguesia nacional” destruída e o território dominado pelo capital brasileiro, argentino e britânico, logo vindo a intromissão dos EUA (CREYDT, 2010, p. 101-103).

O Paraguai, logo após a guerra, se viu então “recolonizado”. Creydt afirma que o sistema econômico que havia sido cuidadosamente nutrido por Francia e seus sucessores foi substituído por um sistema latifundiário, dependente do capital estrangeiro, ao molde das terras vizinhas na Argentina e Brasil, com o setor primário (agropecuária, extração de produtos florestais como madeira, tanino, erva-mate etc.) tornando-se a base da produção econômica. Ele acusa os partidos Liberal e Colorado de serem elementos facilitadores da dominação imperialista, latifundista, argentina e brasileira sobre o Paraguai, mantendo o povo “em um estado permanente de luta fanática entre dois cores com o fim de ocultar a consciência nacional dos paraguaios” (CREYDT, 2010, p. 105). Portanto, pode-se afirmar que Creydt interpreta a relação de seu país-natal com o Brasil, Argentina, e o Império Britânico como uma de subalternidade, forçado a uma condição de país vencido, conectado intrinsecamente a seus dominadores desde sua derrota na guerra e submetido a um regime de exploração (PRADO, 2005).

O problema da propriedade de terras paraguaias por empresas e imigrantes oriundos do Brasil, a divisão desigual na troca de mercadorias entre os dois países (com o Paraguai fornecendo matérias-primas e produtos primários como madeira, gado, erva-mate e outros produtos agrícolas, enquanto o Brasil fornece produtos industrializados como frigideiras, carros e outros ao Paraguai), a imigração de brasileiros com incentivo do governo paraguaio para a colonização de novas terras, e até mesmo a atitude enviesada de autoridades paraguaias frente à importação de imigrantes brasileiros ao invés do uso de mão-de-obra nativa, são discutidos em detalhe na obra de Menezes (1985), dando respaldo à tese de Creydt de que o regime de Stroessner constituía um fantoche de interesses externos brasileiros e

norte-americanos:

Para más, como acaba de señalar um patriota, 'Paraguay se convierte em chacra del Brasil', uma 'simple y vulgar chacra', donde comerciantes brasileiros compran a bajo precio com cruzeiros y se difunde el idioma portugués. El Brasil saca maderas paraguayas y luego vende al Paraguay los muebles que confecciona com ellas... Tal es el 'nacionalismo' stronista. La gente lo sabe y se indigna (CREYDT, 2010, p. 121).

O posicionamento do autor sobre a “dominação” brasileira sobre o Paraguai se estende ao campo político, afirmando estar este em colaboração com o imperialismo dos EUA:

La manifestación política de esta crisis há sido la supresión da la Constitución liberal de 1870, que nunca pudo ser aplicada, y la implantación de uma ditadura militar y policial aberta y terrorista, manejada etrocesso por los gobiernos, de los Estados Unidos y del Brasil, por los trusts norteamericanos, em particular por el Pentágono. Es um poder contrarrevolucionario, cuya misión consiste em detener a viva fuerza el proceso de la revolución de Liberación nacional. Bajo este poder Paraguay se há convertido em um Estado **intervenido** permanentemente por uma gran potencia imperialista (CREYDT, 2010, p. 114-115)

Outra questão na qual o autor revela suas posições sobre as relações Brasil-Paraguai no início dos anos 70 foi a assinatura do Tratado de Itaipu em 26 de Abril de 1973. Creydt, na ocasião, contrasta a posição da cisão do PCP independente que chefiava à do PCP “russófilo” liderado por Obdulio Barthe após sua expulsão. Menciona um panfleto escrito por um autor tcheco-russo, intitulado “Itaipu”, de dezembro de 1973, que, de acordo com ele, argumentava que a represa de Itaipu estimularia um certo desenvolvimento econômico e das forças de produção no Paraguai. Creydt afirma que tal posicionamento dos “russófilos” se dava pela razão de que a URSS estaria interessada em vender turbinas para o governo do Brasil (CREYDT, 2010, p. 120-121). Diz:

Hoy ya nadie puede discutir que Itaipú es uma entrega casi total, y que no facilita la industrialización del Paraguay, puesto que nuestro país se ve obligado a comprar retroce eléctrica al Brasil a muy alto precio. En vez de desarrollo ha habido retrocesso de las fuerzas productivas. Los problemas de la energia se han vuelto cada día más graves (CREYDT, 2010. P. 121).

Uma cópia deste panfleto foi encontrada no Centro de Documentación y Archivo, ocupando duas páginas:

SOBRE EL TRATADO

0242F 0713

El 26 de abril del corriente año, los cancilleres de las dictaduras del Paraguay y del Brasil, Raúl Sapena Pastor y Mario Gibson Barbosa, suscribieron el llamado "Tratado de Itaipú", sus Anexos y Notas reversales. Su objetivo declarado es el "aprovechamiento hidroeléctrico de los recursos hidráulicos del río Paraná, pertenecientes en condominio a los dos países, desde o inclusive el Salto del Guayrá o Salto Grande de Sete Quedas hasta la boca del río Yguazú", según reza el art. I.

En la misma fecha, los generales Alfredo Stroessner y Emilio Garrastázu Medici firmaron una "Declaración Conjunta" que constituye el establecimiento de un eje Brasilia - Asunción, conectado con La Paz y Montevideo y ahora también con Santiago, mediante el golpe de Estado militar-fascista norteamericano de Pinochet.

Contrariando la expresa voluntad de la inmensa mayoría del pueblo paraguayo, el Tratado fue ratificado servilmente por el sector stromista del Partido Colorado, que se había asegurado previamente en la Cámara de Diputados y de Senadores una mayoría de dos tercios, en elecciones fraudulentas, realizadas bajo un régimen de intimidación, persecución y proserpciones.

En vista de la importancia que este Tratado tiene para el presente y el futuro de nuestro país y para los países hermanos de la Cuenca del Plata, el Comité Central de nuestro Partido, reunido los días 18 y 19 de agosto, resolvió fijar su posición al respecto por medio de la presente declaración.

EXPECTATIVA DEFRAUDADA

Cuando comenzó a hablarse del aprovechamiento de los recursos hídricos del río Paraná, ciertos sectores sociales de nuestro país, teniendo en cuenta los grandes éxitos alcanzados en ese terreno por la Unión Soviética y otros países, así como por Egipto con la construcción de la represa de Asuán, creyeron que con la represa del Itaipú se tendrían las bases energéticas necesarias para que el Paraguay pudiera salir del subdesarrollo y la dependencia, alcanzar altos niveles de industrialización. Creían que ayudaría a terminar con la miseria creciente de los trabajadores de la ciudad y del campo, con la desnutrición crónica, con la falta de atención médica, hospitalaria, con el alto porcentaje de enfermedades, con la alarmante mortalidad infantil, con la crisis de la educación, de la vivienda etc. Muchos trabajadores, especialmente los jóvenes, creían que mediante la construcción de la represa se crearían grandes fábricas y talleres que solucionarían el drama de la desocupación y del éxodo de obreros, campesinos, profesionales y estudiantes paraguayos a la Argentina y el Brasil.

Esa falsa esperanza era y sigue siendo alentada por la propaganda imperialista a través de sus poderosos medios de publicidad y la ayuda de los escribas a sueldo de la dictadura. Pero el contenido entreguis-

ta, antiparaguayo de los artículos, anexos y notas reversales del Tratado ha caído como un balde de agua fría sobre todas esas ilusiones.

ENTREGA DE NUESTRO PATRIMONIO

El Tratado está redactado en el más típico estilo de hipocresía y doblez imperialista. Tiene la apariencia de estar basado en los principios de igualdad y equidad binacionales, pero en realidad las ventajas y posiciones dominantes quedan en manos de la dictadura del Brasil.

En la cuestión de límites es evidente que la dictadura de Stroessner renunció de antemano ante el Brasil a la determinación de nuestra frontera, aceptando de hecho la continuidad de la ocupación brasileña de esa parte del territorio paraguayo, y al firmar el Tratado le ha dado una base legal que refuerza sus pretensiones de apropiarse definitivamente de ella. La compra de tierras y el asentamiento masivo de colonos brasileños en esa área, con la complicidad del gobierno entreguista paraguayo, son otros hechos consumados que consolidan esa pretensión.

El Art. XVIII del Tratado faculta a las partes a adoptar por medio de "Actos unilaterales..." todas las medidas necesarias para el cumplimiento del presente tratado, especialmente aquellos que tengan

relación con aspectos: a) diplomáticos y consulares; b) administrativos y financieros; c) de trabajo y seguridad social; d) fiscales y aduaneros; e) de tránsito a través de la frontera internacional; f) urbanos y de vivienda; g) de policía y seguridad; h) del control del acceso a las áreas que se delimiten de conformidad con el Art. XVIII (Los subrayados son nuestros). Este Art. faculta a la dictadura del Brasil a ejercer en territorio paraguayo acciones de policía, inclusive para reprimir el movimiento obrero, campesino, etc. por sus derechos.

Nuestra soberanía también es menoscabada por la distribución de los cargos en el Directorio Ejecutivo de la Empresa, ya que los directores con puestos claves (General, Técnico y Financiero) "según nombrados por el gobierno del Brasil" durante los dos primeros períodos de cinco años (Nota Reversal 17, b y el Anexo A, desde el Art. 12 en adelante). Y no hay garantía alguna de que al cabo de esos diez años decisivos esta discriminación sea superada. Y lo más grave y peligroso es que el Director General tiene la facultad del voto de desempate o doble voto (Art. 14, párrafo 1 del Anexo A.).

En el Consejo de Administración también ha quedado afectada la soberanía y la igualdad de derechos del Paraguay. Este organismo que se dice paritario, dejará subsistir sin resolución cualquier divergencia que surja entre ambos países. Conforme al Art. XXII, "en casos de divergencia sobre la interpretación o aplicación del presente Tratado y sus Anexos, las Altas Partes Contratantes lo resolverán por los medios diplomáticos usuales, los que no retardarán o interrumpirán la construcción y/o la operación del aprovechamiento hidroeléctrico y de sus obras e instalaciones auxiliares". Así, al estilo del "gran garrote" norteamericano, mientras se discute sin término por los medios diplomáticos usuales la divergencia, el Director General Brasileño seguirá imponiendo lo resulto con su doble voto. Además, se ha descartado el recurso de recurrir a un arbitraje internacional.

En el Anexo B, bajo el inocente título de "Descripción General de las Instalaciones Destinadas a la Producción de Energía Eléctrica", somos despojados de hecho de la posesión de la obra. La presa principal se construirá en la margen izquierda, es decir, del lado brasileño (Art. III, 4) y la casa de máquinas estará ubicada al pie de la presa (Art. III, 5). La norma internacional es que deben construirse dos casas de máquinas, dado el carácter binacional de la obra. En el párrafo 6 de este mismo Anexo se estipula también que en la margen izquierda se construirá una presa que tendrá aberturas, bocanetas y conexiones, con vistas a futuras expansiones energéticas.

Pero no se dice que la potencia a adicionarse, ubicada en territorio del Brasil, beneficiará igualmente al Paraguay.

No se aclara tampoco la cuestión de las frecuencias de corriente. Es sabido que el Paraguay tiene la de 50 ciclos y el Brasil la de 60. Debería haberse establecido expresamente que los generadores del Paraguay tengan dos frecuencias, de modo que cuando suministren a nuestro país sean de 50 ciclos y de 60 cuando provean al Brasil. La imposición de 60 ciclos causará grandes perjuicios al Paraguay, pues deberían cambiarse o transformarse todos los equipos y elementos eléctricos actualmente existentes.

Por el Art. XIII se nos prohíbe vender a otros países la parte de energía que nos corresponde y no la utilizamos, de modo que tenemos que venderla por fuerza al Brasil. Es otra claudicación de nuestra soberanía e independencia y está cla-

DECLARACION

ramente dirigida contra el desarrollo argentino.

En el Anexo C se estipula que la ANDE y ELECTROBRAS contratarán con la Empresa la utilización de su potencia instalada por períodos de 20 años. Este rígido y largo plazo afectará también la libertad de decisión del Paraguay para emprender cualquier nuevo plan de desarrollo de la industria nacional, incluso en el lapso de los primeros 20 años.

SUBSIDIO PARA LAS EMPRESAS IMPERIALISTAS

El Tratado establece que el Paraguay deberá entregar energía al Brasil a precio de costo y por 50 años! Este precio de venta será de unos 14,5 céntimos de guaraní por kilowatt, mientras la energía del Acaray la ANDE la está vendiendo a los industriales subsidiando tanto a los monopolios transnacionales (compañías con ramificaciones en el exterior como a las corporaciones multinacionales (monopolios internacionales no sólo en cuanto a sus operaciones sino también a la composición de su capital y control), que se instalan en territorio del Brasil.

La construcción de la obra será dirigida por el Brasil, exclusivamente, pero el Paraguay no estará libre de los riesgos financieros que puedan resultar de esa dirección unilateral. Además, el Brasil se encargará de conseguir la financiación de la obra por bancos imperialistas, que impondrán condiciones lesivas

Figura 13 – Panfleto intitulado "Sobre el tratado de Itaipú", publicado pelo PCP em 1973,

detalhando as posições do partido sobre o tratado binacional e suas possíveis ramificações. Verso

esquerdo. Código de registro: R242F0713

ADO DE ITAIPU

0242F 0714

para la independencia y soberanía del Paraguay y del Brasil.

Del Tratado se desprende que el Paraguay recibirá del Brasil, a partir de 1985, unos 31 millones de dólares anuales, en pago del uso de las aguas y por la cesión de la parte paraguaya no utilizada de la energía producida. Esta suma solamente constituiría para entonces el 10% del total estimado de nuestras exportaciones y el equivalente apenas suficiente para cubrir el 50 por ciento del servicio de nuestra deuda externa.

Estos 31 millones de dólares nos iban a abonar en cruzeiros, signo inconvertible, que no nos serviría como divisa para hacer pagos a otros países. Pero fue tan grande la protesta popular en nuestro país, que la dictadura del Brasil tuvo que acudir en ayuda de Stroessner con una apresurada solución "salvadora" ... Nos pagarán en dólares, pero con la condición de que toda esa

energía y beneficios que les otorga la Ley 21670, un ingenio que producirá para la exportación. Lo mismo ocurre con la "Gulf and Western Co.", un consorcio yanqui que comprará tierras para la explotación agropecuaria, también para la exportación, con las mismas franquicias y beneficios de que están privados los industriales paraguayos.

Este es el "modelo" de crecimiento del Brasil. Un "milagro" de dependencia de los trusts y consorcios norteamericanos y su resultado, la superexplotación criminal de su propio pueblo, que no se rinde y lucha con heroísmo por su libertad, su bienestar y su independencia nacional.

El Tratado de Itaipú es una prueba concluyente de lo que afirmamos en los Fundamentos del Programa aprobado por nuestro Congreso Nacional Extraordinario de Unidad, realizado en enero de 1972. Demostramos allí que el Es-

tado de los López hubiese estado un gobierno patriota, que fuese realmente heredero de las tradiciones independentistas de los gobiernos de Rodríguez de Francia y de los López, en las actuales circunstancias históricas hubiese establecido relaciones diplomáticas y comerciales con la Unión Soviética y demás países socialistas y obtenido así la ayuda necesaria, para beneficio de nuestro pueblo y el progreso del país, y no para provecho de los capitalistas extranjeros, como será el Tratado de Itaipú.

Es sabido que los Estados Unidos retiraron en 1956 su ofrecimiento de "ayuda" a Egipto para construir su presa de Asuan, porque el gobierno del presidente Nasser no quiso abdicar de su independencia. La actitud de los yanquis fue seguida por Inglaterra y Francia y por la banca internacional, pero la esperanza del pueblo egipcio no fue defraudada. La Unión Soviética

El Paraguay ha sufrido y sigue sufriendo las ruinosas consecuencias de los empréstitos usurarios de los imperialistas ingleses, norteamericanos, alemanes, etc., que le han esquilimado desde 1878. Ahora debemos someternos nuevamente a la "generosidad" de la dictadura del Brasil. Nos da un préstamo de 50 millones de dólares para cubrir nuestra parte del capital para la empresa. El interés que pagaremos será del 6 por ciento anual, con capitalización de los intereses que se adeuden anualmente y su incorporación al valor principal hasta 8 años o hasta el pago de la primera utilidad. Se suman así dos estafas: una, el alto interés a pagar, y la otra, los intereses de intereses, a la manera de los usureros de la peor calaña.

Es indudable que sin el desarrollo energético no puede haber progreso económico. De allí que es legítima y patriótica la aspiración de los pueblos de nuestro país, de Argentina, Brasil, Bolivia y Uruguay de dar prioridad a la utilización de importantes caudales de energía a bajo costo, para impulsar a un ritmo rápido su industrialización y desarrollo independientes. Pero el papel dominante del imperialismo norteamericano, con la complicidad de nuestras oligarquías criollas, ha impedido hasta ahora la puesta en práctica de un plan nacional de aprovechamiento del potencial hidroeléctrico de toda la región, sobre la base de la colaboración multilateral y en el beneficio recíproco y equitativo.

La política practicada por los países socialistas demuestra que esto es perfectamente posible. En el Asia Central la utilización de las aguas del Sir-Dariá se hace en forma amigable y justa entre cuatro repúblicas soviéticas y en la Cuenca del Danubio, en Europa Oriental, los trabajos de utilización integral de los recursos hidráulicos son dirigidos por una Comisión del Danubio, integrada en un pie de igualdad por todos los Estados ribereños.

Así los ríos que en sistemas sociales anteriores, de naturaleza capitalista, fueron campo de discordias y luchas entre pueblos hermanos, son hoy modelos de confraternidad y de beneficios mutuos. Es que la naturaleza del sistema socialista, al abrir la explotación de una clase social por otra, elimina al mismo tiempo las bases del sometimiento y explotación entre las naciones.

Es todo lo contrario de lo que está ocurriendo entre nuestros países, donde los ríos comunes son motivo de presión política, rivalidades e incubadero de peligrosos focos bélicos fratricidas. Como bien le ha dicho la reciente "Declaración de los Partidos Comunistas de la Cuenca del Plata": "Las desin-

(Continúa en la pág. 6)

EL PARTIDO COMUNISTA PARAGUAYO

suma sea invertida en la compra de equipos y manufacturas del Brasil.

Por tanto, por espacio de 50 años, el Brasil nos solamamente ha impuesto un bajo precio por la energía sino que también por su importe nos venderá a precio de monopolio sus propios productos. También nos veremos obligados a comprarle al Brasil por el importe de la mano de obra y materiales paraguayos que se utilicen en la obra, puesto que los pagarán en cruzeiros. Todo esto agravará aún más la ya crítica situación por la que atraviesa nuestra industria y nuestro comercio nacionales y llevará a límites catastróficos la inflación ya desatada en nuestro país.

El rumbo que el Tratado imprimirá al Paraguay no será el de la superación del subdesarrollo y la dependencia, por el que lucha nuestro pueblo. Por el contrario, será el de un crecimiento lento, deforme y lleno de sacrificios, sufrimientos y frustraciones para los obreros, los campesinos y la juventud y una nueva ofensa a la dignidad nacional.

Ciertos sectores minoritarios y privilegiados de capitalistas paraguayos participarán como socios menores de los monopolios yanquis y empresas brasileñas, al precio de su traición a los intereses nacionales. Pero esta participación será limitada y serán a la larga arruinados por la competencia de sus prósperos "socios" extranjeros. Industriales azucareros del Paraguay ya han denunciado el caso de la "União de Empresas Brasileiras S.A.", que construirá en la zona de San Pedro, con energía de Itaipú y las franquicias

nacional ha sido colocado en situación de extrema dependencia financiera de la banca norteamericana. La dependencia financiera, acompañada de una creciente ingerencia política de los "asesores" yanquis, que ejercen control sobre órganos vitales del Estado, socavando y limitando seriamente su soberanía e independencia. El Paraguay depende fundamentalmente del imperialismo norteamericano, que le ha impuesto convenios especiales de garantías para sus capitales y leyes que conceden privilegios a los capitales extranjeros. Sobre su comercio exterior pesa la prohibición de comerciar con los países socialistas. Los empréstitos están atados a la obligación de invertirlos en la compra de productos norteamericanos y de empresas norteamericanas instaladas en el Brasil, a precios más altos que los de otros países. Los prestamistas norteamericanos deciden lo que se debe producir o dejar de producir en el Paraguay. Imponen al país de formadores "planes de desarrollo hacia afuera". Quieren convertir al Paraguay en una "gran estancia" de los Estados Unidos, productora de carne barata.

LA "AYUDA" CAPITALISTA Y LA AYUDA SOCIALISTA

Uno de los argumentos favoritos de la dictadura, para tratar de justificar la entrega de Itaipú, es que el Paraguay, por ser un país pequeño y pobre, no podría conseguir los empréstitos necesarios en ningún lado. La verdad es que si en el Pa-

is no se concretó el acuerdo por el cual el gobierno de la U.R.S.S. se comprometió a dar a la República Árabe Unida un préstamo de 400 millones de rublos (unos 440 millones de dólares) para la primera etapa de la obra. El préstamo debía ser reembolsado en 12 cuotas anuales iguales. El pago de la primera cuota comenzaría un año después de la ejecución completa de los trabajos. Los intereses fueron sólo del 2,5% anuales, a contar desde la fecha de utilización y su pago se haría en los tres primeros meses del año siguiente al de su vencimiento.

El 27 de julio de 1960 se firmó el segundo acuerdo, por el que se otorgaba otro préstamo por 900 millones de rublos (unos 990 millones de dólares). Su reembolso se haría en 12 anualidades a partir de 1970, año en que terminaría la obra y estaría ya en funcionamiento. Egipto debía pagar ese préstamo solidario con los excedentes exportables de algodón, azúcar y otros productos. A esta ayuda real debe sumarse el concurso técnico y la formación de centenares de técnicos y especialistas egipcios. Todo ello sin ninguna condición política, económica, militar ni ideológica que pudiera afectar su soberanía e independencia.

La Unión Soviética también llegó a un acuerdo reciente con el gobierno de los militares progresistas del Perú, para realizar el importante proyecto "Olivia", que prevé la construcción de obras electroenergéticas y de riego en la región.

DICIEMBRE DE 1973 PAG. 5

Figura 14 - Ibid. Verso derecho. Código de registro: R242F0714

Apesar de nutrir tal ideologia sobre a dominação dupla brasileiro-americana sobre o Paraguai, Creydt parece ter se mantido confiante sobre a importância do movimento comunista brasileiro para a libertação do Paraguai desta situação. O militante paraguaio, por sua parte, não deixa de ressaltar suas conexões com Luís Carlos Prestes, este qual é representado como uma figura de forte influência sobre os círculos comunistas sul-americanos, e com o PCB. E, como visto antes, Creydt não deixa de lançar críticas ao Estado argentino, velho dominador do Paraguai, relacionando as ambições regionais de Buenos Aires a sua influência sobre os grupos guerrilheiros opostos a Stroessner que não eram comunistas, especialmente o M-14 e o Partido Liberal. Afirma:

Los generales fascistas argentinos ayudaron con armas el movimiento 14 de Mayo desde Posadas (...) Por qué estos generales fascistas apoyaron al 14 de Mayo? Porque sabían que el gobierno de Stroessner era un gobierno pro Brasil, siempre fue y lo sigue siendo, y seguirá siendo. (CREYDT, 2010, p. 289).

Tal desconfiança por Creydt sobre os guerrilheiros apoiados pela Argentina pode ser interpretada como sua posição de que a nação paraguaia, desde a colonização espanhola, especialmente sua nascente burguesia, esteve envolvida em conflitos com a cidade portuária de Buenos Aires, numa disputa internacional pautada na livre navegação, na imposição de tarifas alfandegárias sobre os produtos paraguaios, na integração do Paraguai como uma possível província do território nacional argentino, e nas diferenças econômicas entre uma Buenos Aires dominada por interesses de comerciantes e latifundiários e uma Asunción dominada pelo minifúndio, pequeno comércio e campesinato livre, especialmente logo após a independência, com a intenção dos *porteños* (ou seja, a elite de Buenos Aires e províncias aliadas) em reestabelecer o Vice-Reinado do Rio da Prata (CREYDT, 2010, p. 75-86).

As divisões dentro do campo da oposição política a Stroessner implicadas pela acusação de Creydt de apoio argentino ao M-14 trazem à tona a falta de unidade entre os vários partidos que compunham este eclético agrupamento. Para Silva (2017), o comunismo representava, aos outros partidos políticos nacionais, uma cultura política totalmente diferente ao “individualismo” do Partido Liberal quanto ao republicanismo “caudilhista” dos Colorados (queiram estes ser opostos a Stroessner ou não), que exaltava os “pais da pátria” como Francia e Lopez. O PCP era visto como um elemento estranho e suspeito não somente por Stroessner e seus apoiadores como também por outras correntes da oposição, e esta atmosfera de desconfiança frente às intenções dos comunistas e da FULNA, de acordo com o mesmo autor, enfraqueceu a unidade dos dissidentes paraguaios ao mesmo tempo que permitiu que a propaganda stronista reduzisse toda e qualquer oposição ao líder autoritário ao “comunismo”, a uma conspiração internacional contra a soberania do Paraguai e seu povo, e que somente a liderança de Stroessner poderia proteger a nação de tais agressões (SILVA, 2017, p. 117-124).

Em 1965, Creydt fez uma extensa viagem internacional, passando por Cuba, Vietnã e URSS. Teve uma má impressão do governo revolucionário cubano, apesar de seu entusiasmo em anos anteriores pelo tal, rotulando o regime de Fidel Castro de “oligarquia militar”. No Vietnã, conheceu Ho Chih Minh, este qual teve uma impressão mais positiva sobre o exilado líder paraguaio. Ho parece ter convencido Creydt, pelas palavras do segundo, que a força dos revolucionários vietnamitas vinha de sua confiança em sua própria nação. O paraguaio chegou a ter a conclusão de que a revolução paraguaia não necessitava do apoio nem da URSS tampouco dos EUA, seguindo a alegada palavra de ordem de Gaspar de

Francia de “não mudar de amo”. Creydt também teve uma impressão positiva sobre a China de Mao Tsé-tung, apesar de suas críticas passadas a este, principalmente sobre o empenho chinês em proteger o “santuário” do Vietnã do Norte contra as agressões dos EUA (NICKSON, 2011, p. 60-62).

Logo após sua chegada à URSS, em junho de 1965, foi preso por autoridades soviéticas. Descobriu que havia sido organizada uma reunião emergencial no Comitê Central do PCUS, na qual participaram seus opositores dentro do partido, chefiados por Obdulio Barthe. Em setembro de 1965, Creydt foi deposto de seu cargo de presidente do PCP, e sua expulsão foi justificada em 1967 pela publicação do *relatorio sobre la actividad enemiga de Oscar Creydt*, no qual o ex-membro do partido, além de ser duramente culpado pelos fracassos da guerrilha da FULNA, é acusado, dentre outras coisas, de ser “trotskista”, “conspirador” e a serviço do imperialismo estadunidense. Em resposta, Creydt se desprende do Partido Comunista Paraguaio, aplicando-lhes a sigla POL – “Partido Oportunista Legionário”, em alusão aos opositores paraguaios de Francisco Solano López contemporâneos a ele que se juntaram à Tríplice Aliança – e fundando uma nova organização, o Partido Comunista do Paraguai, cuja política e doutrina se alinhava mais à República Popular da China e à doutrina de Mao (NICKSON, 2011, p. 63-70).

3.7 O caso Soledad Barrett Viedma

Por fim, a trajetória histórica do movimento operário paraguaio é bem representada na família Barrett – especialmente na figura de Soledad Barrett Viedma

(1945-73). Era neta de Rafael Barrett (1876-1910), um anarquista espanhol que migrou para a América do Sul em 1903 e se radicou no Paraguai, defensor da causa dos trabalhadores agrários ervateiros, e filha de Alejandro Rafel Barrett, militar, professor de matemática, membro do Partido Comunista Paraguaio e da Frente Única para a Libertação Nacional (FULNA), e de Deolinda Viedma, dona de casa e membra da União das Mulheres Paraguaias (MARTÍNEZ, 2020).

Soledad fugiu da perseguição política em seu país-natal, indo com sua família para o Uruguai em 1961. Em Montevideú, se envolveu fortemente com a política, tendo sido vítima de violência de motivação política em um incidente no ano seguinte, quando foi sequestrada por um grupo de neonazistas, obrigada a declarar “viva Hitler e morte a Fidel”, e estampada à força com suásticas quando se recusou a fazer isso. O “caso Soledad Barrett” mobilizou a esquerda uruguaia e foi motivo de cobertura na imprensa, rádio, TV e no parlamento, recebendo expressões de solidariedade. Não obstante isso, talvez por causa da instabilidade política e contínuas ameaças a ela e sua família, Soledad aceitou um convite do Partido Comunista Paraguaio de ir a Moscou com sua irmã Norma para receber treinamento político e militar (MARTÍNEZ, 2020).

Com seus irmãos, passou a ser parte do “Comitê Juan Carlos Rivas”, em homenagem ao secretário-geral da Juventude Comunista Paraguaia que havia sido sequestrado e desaparecido. Ao final de 1967, viajaram a Cuba para realizar treinamentos de guerrilha. Lá, conheceu o brasileiro José Maria Ferreira de Araújo (1941-1973), ex-fuzileiro naval que foi expulso da Marinha em dezembro de 1964 e condenado pouco depois pela Justiça Militar a cinco anos e um mês de prisão por violar a Lei de Segurança Nacional. Entre 1966 e 1967, Araújo tirou proveito de sua

liberdade condicional para viajar para Cuba (MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO, s.d.). Soledad se casou com Araújo, e juntos tiveram uma filha, Ñasaindy Barrett (1969-), hoje moradora de Olinda (MARTÍNEZ, 2020).

Ainda em Cuba, Soledad pediu para ser integrada à organização de seu marido, a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Nascida da junção de elementos da Organização Revolucionária Marxista Política Operária (organização extraparlamentar composta por militantes que se desacoplaram do Partido Comunista Brasileiro por controvérsias com a linha política deste após os anos 50), e de militares sobreviventes do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), a VPR era dotada de um programa compartilhado com “os cristãos e uma fração do PCB” (CASO, apud SILVA, 2021a, p. 40). A VPR planejava realizar atos insurrecionários e, para este propósito, tinham estabelecido um acampamento na região do Vale do rio Ribeira, no interior do estado de São Paulo, com a intenção de convertê-lo no foco de uma guerrilha armada. Em setembro de 1970, José Maria foi sequestrado pelo Destacamento de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) e desaparecido (MARTÍNEZ, 2020).

Em 1971, Soledad, aos 26 anos de idade e com sua filha, retornou ao Uruguai. Fez novas amizades políticas, e foi informada sobre o assassinato do líder da VPR, Carlos Lamarca. Apesar das preocupações de amigos e familiares sobre sua segurança, informadas pela onda de prisões, sequestros e assassinatos de guerrilheiros e militantes que estava ocorrendo no país vizinho, Soledad decidiu ir a São Paulo em 1972 junto a seu irmão, Jorge Areguá. Lá, conheceram o militante “Daniel”, que, de acordo com Martínez (2020), era, na verdade, o ex-marinheiro José Anselmo dos Santos (1942-2022), vulgo “Cabo Anselmo”, um agente duplo a serviço do

chefe do DOPS, Sérgio Paranhos Fleury (1933-1979). Anselmo (“Daniel”) convenceu Soledad e Jorge que deveriam mudar-se para Olinda, assumir identidades falsas como mulher e marido, e abrir uma loja de artesanatos como fachada para o financiamento da guerrilha. Um pouco mais tarde, com o auxílio financeiro de “Daniel”, se mudaram para Recife e montaram um núcleo de operações da VPR junto a cinco outros membros (MARTÍNEZ, 2020).

A pesar das desconfianças acerca de “Daniel” e sua confiabilidade expressadas por militantes da VPR no exílio, Soledad convenceu-se que tais alegações não passavam de um fruto do sectarismo que permeava todo o movimento militante. Anselmo enviou Jorge ao Chile com documentos que provariam sua inocência. O irmão de Soledad retornou a Recife com duas cartas de Onofre Pinto, membro da direção do VPR, com instruções de entregar-las a apenas alguns militantes em Recife sem avisar “Daniel”. Soledad, porém, confiante até o final, mostrou a carta a Anselmo. No dia seguinte, o DOPS pôs em marcha uma operação para destruir o núcleo do VPR em Recife, no que ficou conhecido como o Massacre da Granja São Bento Enquanto que a versão oficial difundida na imprensa e nos canais de notícia narrava uma perseguição a carro com tiroteios, testemunhas como a dona de loja Sonja Cavalcanti alegam que Soledad e Pauline foram golpeadas na cabeça e raptadas em seu estabelecimento comercial (MARTÍNEZ, 2020).

Soledad foi homenageada no Uruguai pelo poeta Mario Benedetti (1920-2009) e pelo músico Daniel Viglietti (1939-2017). Em 2009, foi lançado o livro *Soledad no Recife*, de Urariano Mota, e em setembro de 2015, foi lançada uma peça de teatro sobre sua vida, de autoria de Malú Bazán. Por mais de 40 anos, Soledad Barrett foi tida como desaparecida, até que sua morte foi comprovada pela Comissão de Anistia do

Ministério de Justiça em 11 de dezembro de 2015 (MARTÍNEZ, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Herler (2013), as circunstâncias adversas que o Partido Comunista Brasileiro se viu forçado a encarar na década de 1960 precipitaram uma “crise de representatividade” na maneira pela qual o partido interagiu com a classe operária do Brasil. Seu objetivo de existência era representar a classe, conseguir a aceitação desta para tal missão, e aproveitar o conhecimento público sobre sua existência para espalhar sua propaganda política de maneira eficaz. No momento em que o Partido adotou medidas que não eram vistas por militantes como consoantes com sua missão revolucionária - como o conceito de “revolução pacífica”, de aliança com a burguesia nacional, de participação dentro do governo democrático como partido formal – e que, em luz da repressão do governo e da “classe burguesa” no Brasil, eram vistas como uma traição de princípios revolucionários em prol da busca por vantagens momentâneas, ocorreram cisões dentro do PCB, impulsionadas também pela conjuntura em fluxo do cenário internacional, uma conjuntura na qual os militantes comunistas brasileiros, como demonstrado, sempre estiveram cientes e observantes.

Como resultado desta fragmentação do Partido Comunista Brasileiro, os vários grupos e partidos que surgiram deste processo buscaram legitimar-se frente a seu público-alvo e a possíveis recrutas por meio de suas próprias narrativas históricas, com a intenção de manter a coesão e lealdade do grupo frente a um ambiente de repressão, violações da liberdade de expressão e perseguição violenta de “subversivos”. Figueiredo (2020) argumenta que as narrativas históricas dos

partidos comunistas constituem uma espécie de memória coletiva, mantida em torno de valores comuns compartilhados pelos membros do partido, bem como em contraposição aos *oponentes* destes, dentre eles o governo burguês, os policiais e soldados que lhes perseguem, as potências imperialistas, os velhos camaradas que lhes traíram etc.:

Podemos enfatizar que a memória coletiva é a memória de um grupo que possui um *ethos* de experiência em comum, assim como vivência no mesmo lócus de atuação. Portanto, quando se fala em memória partidária reporta-se ao grupo de pessoas de uma mesma geração, a fim de recontar a sua história e com isto, necessariamente, narrar a história oficial do partido, a partir de elementos comuns, buscando tecer uma memória una e coletiva (FIGUEIREDO, 2020, p. 17)

Ao longo deste trabalho, a desigualdade entre o Paraguai e o Brasil, mesmo que ambos sejam classificados por marxistas como nações dependentes do capital estrangeiro e da dominação imperialista, se revelou a cada passo. O Brasil, mesmo que assolado por atrasos que lhe ponham em uma posição de fraqueza frente aos países do dito “Norte Global”, ainda foi terreno bastante rico para o crescimento do movimento comunista e da militância operária, produzindo uma multitude de personagens, grupos, organizações e tendências. Parece que seu vasto território e sua vasta população têm auxiliado bastante em formular o escopo do movimento comunista em solo brasileiro, em condições comparáveis às de outros países maiores da América Latina, como a Argentina, Chile e México.

No Paraguai, por outro lado, as condições de atraso econômico, as quantidades pequenas de território e população, e a dependência de tal nação frente a seus dois maiores vizinhos – Argentina e Brasil – influenciaram a formação da luta de classes e do movimento comunista no Paraguai de maneira a resultar em um cenário ideológico mais peculiar neste último. Isto não representa, de jeito nenhum, um menosprezo pela importância e riqueza do movimento operário, sindicalista e

comunista neste pequeno país. Tampouco quer dizer que os pensadores e militantes comunistas paraguaios eram incapazes de pensar por si mesmos: a obra de Oscar Creydt, por exemplo, revela uma visão quase única da formação histórica da nação paraguaia, e providencia rico material para debates futuros sobre as desigualdades internas da América Latina, o que Marini, neste mesmo período, chamaria de subimperialismo (RODRIGUES, 2024).

Para Creydt, portanto, o Paraguai figurava como vítima não somente da dominação do capital europeu ou estadunidense, mas também do brasileiro e argentino. Não é exagero afirmar que tal visão apresenta um certo desafio para a classificação do Brasil como uma economia nacional somente “dominada”. A posição de Creydt, apesar de sua hostilidade frente ao *capital* brasileiro (apelidado negativamente por ele como “bandeirante”, em alusão ao período colonial da região), mas não ao *povo* do Brasil, se junta à de escritores brasileiros como Júlio José Chiavenatto, autor de *Genocídio Americano* (1979), publicado brevemente antes da obra final do ex-presidente do PCP.

O trauma da *Guerra Guasu*, como é chamada pelos historiadores paraguaios e partidários deste país, estendeu-se às influências teóricas, políticas e *reais* do movimento comunista no Paraguai. O impacto que a condição de nação subjugada que foi imposta a este país após esta guerra teve sobre a psique política principalmente das camadas mais letradas da população não pode ser subestimado, tampouco as cicatrizes da destruição que assolou a população deste pequeno território. Em meio a estes traumas e danos, os pensadores, círculos e partidos tanto da esquerda quanto da direita paraguaia se reuniram, a partir da década de 1920, sob a bandeira da narrativa nacionalista, utilizando de um imaginário quase épico. A

importância do “culto da guerra” no nacionalismo paraguaio pode ser verificada ao longo da história não somente na exumação das ossadas de Solano Lopez e na construção do Panteão Nacional por Rafael Franco, não somente na comparação de Alfredo Stroessner a Gaspar de Francia e Lopez em sua propaganda, mas também no apego dos militantes PCP à mesma narrativa, pela influência da qual nomearam uma coluna de sua guerrilha “Mariscal Lopez”.

Outro assunto de impacto para o processo de desenvolvimento teórico-político do comunismo no Paraguai foi o estado do desenvolvimento econômico e da organização de classes neste país. O Paraguai é um país majoritariamente agrário, onde a população urbana - entre estes a classe operária, os estudantes, comerciantes, donos de fábrica, funcionários do Estado, dentre outros grupos sociais - figura apenas como uma minoria numérica. A maioria da população do Paraguai, nestes tempos, era composta por camponeses e trabalhadores rurais. O protagonismo político dos trabalhadores industriais, operários, engenheiros, pilotos, estivadores outros membros da classe operária industrial no início do séc. XX no Paraguai foi bem representado na obra de Oliveira (2009), mas deve-se ressaltar que tal classe concentrava-se numa estreita faixa de terra às margens do rio Paraguai, concentrada em Asunción, a capital, mais bem-conectada ao exterior que outras cidades e regiões deste pequeno país.

Pode-se dizer que, ao longo de seu trajeto histórico, os militantes do Partido Comunista Paraguaio, nascido no seio do movimento sindical operário em Asunción na década de 1920, se viram influenciados por várias tendências e questões sensíveis, remetentes à sua condição: eram um partido que visava fazer uma revolução proletária em um país pequeno e majoritariamente agrário e camponês. Tal situação não é única ao caso paraguaio, visto que o surgimento e desenvolvimento de vários

partidos comunistas ao redor do mundo neste mesmo século também se deu em situações semelhantes em vários países e regiões. Não é surpreendente, portanto, que os militantes do PCP tenham sido influenciados eventualmente por ideias sobre o papel de outras classes (campesinato, pequena burguesia, “burguesia nacional progressista”) na revolução, a necessidade ou não do desenvolvimento de um “capitalismo nacional” em preparo para o socialismo, e o nacionalismo, que não se condiziam com clássica de uma revolução protagonizada por operários industriais urbanos.

O caso do Partido Comunista Brasileiro, por sua vez, possui amplas similaridades com o do Paraguai. Questões levantadas anteriormente, sobre o caráter agrário da economia brasileira, a dominação do capital estrangeiro e a minoria numérica do proletariado industrial também influenciaram os comunistas do Brasil a considerarem tais condições na formação de seus programas políticos nacionais. De fato, os militantes do PCB já tinham ciência destas condições já nos anos 1920, como relatado por Astrojildo Pereira (2022). Ao início da pesquisa sobre este trabalho, esperava-se que o caso brasileiro, com a enorme variedade do território nacional em questões geográficas, naturais, populacionais, culturais e econômicas, apresentasse mais divisões e diversidade de opiniões no seio de tal partido, sem contar com discrepâncias em posições como a participação legal na política democrática, que, supostamente, não seriam percebidas no caso do PCP. A enorme dimensão da população e do território brasileiro em comparação ao Paraguai, a princípio, parece ter influído proporcionalmente à quantidade de personagens, correntes e grupos em seu caso. Porém, ao longo deste trabalho, foram reconhecidos tais elementos em tanta quantidade no caso paraguaio que tal hipótese caiu por terra; a História do comunismo no Paraguai é tão rica quanto a do Brasil e merece maior consideração por parte de

pesquisadores e acadêmicos.

No auge da Guerra Fria e da Operação Condor, o Paraguai viu-se palco de um frenesi de perseguições, conspirações e operações militares que atravessavam suas fronteiras, em busca do tão procurado “subversivo”, este qual era, ao mesmo tempo, paraguaio e não. O mesmo caso se passou no caso da ditadura militar no Brasil, especialmente nas fronteiras. No caso do Paraguai, a repressão aos comunistas durante a era Stroessner foi tão forte que os militantes se viram tão debilitados a ponto de não conseguir fazer quase nada. Como demonstram Paz et al. (2014), o esforçado e atento sistema de vigilância, censura e espionagem da DNAT e dos espões, delatores e policiais a seu serviço construíram uma sociedade marcada pelo temor e obediência a Stroessner e às autoridades. Não obstante sua vontade e determinação em resistir, a maioria dos opositores do regime que se empenhavam a lutar ou resistir se viam em quatro possíveis destinos: escondidos entre a população onde não tardariam de ser descobertos; presos nas cadeias e sujeitos às mais brutais torturas e violações; mortos, seus cadáveres desaparecidos; ou relegados ao exílio, onde nem sequer estavam totalmente salvos das garras do *stronato*.

Porém, ao analisar o caso paraguaio, seria muito fácil, porém errôneo, considerar o quadro peculiar da política deste país como representante de uma “falta” de processos histórico-políticos como a liberdade de expressão, as instituições democráticas, o pluripartidarismo e o crescimento econômico que são identificados em outros países. Como se têm notado ao longo deste trabalho, a tese do “isolamento” sociopolítico do Paraguai não resiste aos fatos. Os paraguaios, especialmente os militantes da esquerda política, estiveram não somente cientes dos acontecimentos e desdobramentos políticos em seus países vizinhos, como também participaram deles,

a exemplo das greves dos operários marítimos narradas por Oliveira (2009) nas décadas de 1910 e 1920, a participação de militantes e lideranças paraguaias em congressos, conferências e na política partidária de partidos comunistas estrangeiros, e até, num período mais tardio, o protagonismo de paraguaios nas guerrilhas da América do Sul. De acordo com Silva (2019):

A perspectiva da “falta” é intensificada no caso do Paraguai pelas assimetrias econômicas e políticas e pelas particularidades histórico-culturais em relação aos próprios vizinhos latino-americanos. Apesar das mudanças em curso, é necessário um exercício constante de (auto)crítica (...) sobre o peso da perspectiva da “falta” nas novas pesquisas. A permanência dessa perspectiva não é necessariamente um ato deliberado dos pesquisadores, mas fruto da canonização de determinados conceitos e modelos pela historiografia e da inserção social, política e cultural dos investigadores. A historiografia constrói a história e é construída por ela (SILVA, 2019).

Ao mesmo tempo, nota-se, ao longo desta pesquisa, uma certa personalidade única, uma peculiaridade, nos discursos, narrativas, símbolos e visões de mundo dos comunistas paraguaios após a década de 1940 se comparados aos comunistas brasileiros. Estes, assim como a maioria da população intelectual do Paraguai, estiveram expostos a e envolvidos em um contexto social e político de nacionalismo, que se difere, em certa medida, das narrativas nacionalistas em outros países latino-americanos como o Brasil e a Argentina. Capdevilla (2014) descreve a ideologia nacionalista paraguaia como um “regime de historicidade heroico”, no qual intelectuais paraguaios, a partir da década de 1920, revisaram a narrativa do então vigente Partido Liberal sobre a história do país antes de 1870, transformando tal período no imaginário nacional como uma “época de ouro”, na qual o país era governado por grandes líderes como Francia, Carlos António Lopez e Francisco Solano Lopez, antes do martírio deste último em Cerro Corá (CAPDEVILLA, 2014).

Como demonstrado, nem os comunistas paraguaios, apesar de seus discursos sobre a unidade dos povos latino-americanos e a revolução proletária

internacional, estiveram imunes da influência desta ideologia, ao nomear suas colunas guerrilheiras em homenagem aos Lopez, ao datar o início da “dominação” do capital estrangeiro no Paraguai à Guerra da Tríplice Aliança, ao comparar conspirações contra a “soberania nacional” dos anos 60-70 a conspirações anteriores, como o fez Creydt etc. Mesmo assim, Silva (2019) sugere cautela em fazer uma comparação direta entre o “caudillismo” do regime de Stroessner e o “caudillismo” de Creydt e do PCP. Neste último, o discurso da soberania nacional, da independência e dos heróis se mistura aos conceitos do marxismo, como o imperialismo, o colonialismo etc.

Acusações de insuficiente nacionalismo por parte do inimigo eram coisa comum dos discursos tanto de Stroessner quanto da Oposição a este. A propaganda do regime e os informes da DNAT sempre acentuavam o caráter *subversivo* e *antipatriótico* dos militantes comunistas ao redor do Paraguai, dentro do país, na diáspora paraguaia ou nas fronteiras, ao mencionar seus laços com os estrangeiros – brasileiros, argentinos, chilenos, cubanos e outros. Por outro lado, os militantes paraguaios, principalmente os comunistas, apontavam para Stroessner e sua ditadura como evidência da dominação estrangeira sobre o Paraguai. Cabe ao leitor decidir se as palavras “patriota” e “antipatriota” tenham qualquer significado neste caso, mas os dois lados deste conflito usaram da ideologia nacionalista para fins diferentes: Stroessner, para legitimar-se como “sucessor” dos três ditadores (Francia e os dois Lopez), insistindo que a soberania só poderia ser garantida pela estabilidade política e pela “paz social” e a ordem; os comunistas, para acusar Stroessner de trair o ideal que representavam ao ceder terras, tratados comerciais, influência política, investimentos, e mais – ou seja, a *soberania* do Paraguai – às classes burguesas dominantes no Brasil e nos EUA, e ao reprimir violentamente os “verdadeiros” patriotas e democratas.

Ao longo desta pesquisa, tem-se percebido uma certa assimetria entre o papel do Paraguai para os comunistas brasileiros e o papel do Brasil aos comunistas paraguaios em contrapartida. Para os primeiros, o Paraguai, especialmente durante a era Stroessner, não parece ter figurado como local de asilo ou base para a formação de guerrilhas contra o governo brasileiro, pelo motivo da força do regime stronista em reprimir a militância em seu território. Para os segundos, o Brasil, pelo menos até a metade da década de 60, figurava como uma terra onde havia a possibilidade de abrigo, de auxílio, de encontrar aliados e camaradas. Não foi à toa que brasileiros como Luís Carlos Prestes são frequentemente exaltados pelos militantes comunistas paraguaios em seus discursos de solidariedade internacional. Ao mesmo tempo que, para alguns, como o velho Creydt, o Brasil representa uma fonte de opressão e dominação colonial e sub-imperialista à nação paraguaia, a luta dos comunistas no Brasil também figurava como algo digno de admiração e inspiração por parte daqueles ao outro lado do rio Paraná. Pese a hostilidade de alguns como Creydt às classes dominantes do *Estado* brasileiro, por dominarem e explorarem o Paraguai, sua solidariedade com a classe trabalhadora, o campesinato, as “classes progressistas”, os militantes e guerrilheiros comunistas em terras tupiniquins não parece ter definhado ao longo de sua vida. Afinal, para ele e alguns paraguaios, a possibilidade de uma revolução social em seu país implicaria também na ciência e participação das classes baixas do Brasil.

Ao final, o ano de 1973 serve como ponto final para esta pesquisa, levando sua presente extensão em consideração. Os anos 1970 foram marcados por vários acontecimentos históricos ao nível global e local que influenciaram o Brasil e Paraguai, como, por exemplo, a crise do petróleo de 1973; a Revolução dos Cravos em

Portugal, em 1974; a derrota dos EUA na Guerra do Vietnã; a visita do presidente americano Richard Nixon à China e seus acordos com Mao Tsé-tung; a ascensão de Jimmy Carter à presidência dos EUA, e sua subsequente política de distanciamento frente às ditaduras militares pró-Washington na América Latina; o golpe de estado no Chile e Uruguai em 1973; a “Guerra Suja” na Argentina (1976-83); o decorrer e esmagamento da Guerrilha do Araguaia no norte do Brasil; a ascensão de Ernesto Geisel à presidência do Brasil, durante a qual houve o início do processo de redemocratização; e, mais importante em um nível local, o início da construção da represa de Itaipu, que mobilizou uma enorme massa de mão-de-obra brasileira e paraguaia e que foi palco para disputas políticas e sindicais, com subsequentes investigações históricas sobre o caso.

Outro processo que separa o período deste trabalho daquele posterior a ele é o massivo influxo de imigrantes e colonos brasileiros no Paraguai desde a década de 1970, descrito detalhadamente por Menezes (1985), política adotada intencionalmente pelo regime Stroessner. Com o crescimento do comércio, da imigração, da infraestrutura e dos meios de comunicação, a sociedade paraguaia tem sido exposta cada vez mais à influência do Brasil em seu seio. Um exemplo disto já no final da época de 70 tem sido a popularidade da TV Globo, dos maneirismos e gírias brasileiras entre paraguaios, especialmente próximos à fronteira, apoiados abertamente por oficiais e autoridades paraguaias que, na época, não viam isso como imperialismo (MENEZES, 1985, p. 153-154).

Mas, como o próprio Menezes (1985) demonstra, a “amizade” entre Brasil e Paraguai não é marcada por igualdade. Não é preciso ser comunista para perceber tal coisa – dirigentes e membros dos partidos Liberal, Democrata Cristão, Febrerista e

do MOPOCO exilados no Brasil, em uma conferência de 1979, já disseram com clareza que Stroessner estava criando demasiada dependência da economia paraguaia ao Brasil, e que, ao final “o peixe maior sempre come o menor” (MENEZES, 1985, p. 156). Não é imprudente assumir que os conflitos pela propriedade da terra entre brasiguaios e paraguaios nativos têm suas origens neste período, sendo resultado direto da aproximação de Stroessner ao Brasil, ou, como Creydt diria, da cobiça do capital agropecuário e extrativista brasileiro pelas férteis terras da república hispano-guaraníca.

Apresento este trabalho, em conclusão, aos leitores, estudantes, militantes, habitantes e viajantes de ambos os lados da Ponte da Amizade. Vale a pena descobrir, aprender e compreender informações sobre os personagens, movimentos sociais e grupos que cruzaram esta fronteira, física ou teoricamente, em busca de respostas por suas afligentes perguntas, de amigos e camaradas que também fizessem perguntas semelhantes sobre o que se passava pelo outro lado do rio Paraná. Em ambas as margens dele, foram deixadas marcas de histórias de heroísmo, de convicção política, de fúria, tristeza, dominação, traição e muito mais. Mas, acima de tudo, histórias de solidariedade, esperança e mútua curiosidade, mesmo que efêmeras e incertas, dotadas de nomes que evaporavam tão rápido quanto eram registrados nos jornais, cartas e informes.

REFERÊNCIAS

ALCALÁ, Guido Rodríguez. **Ideologia Autoritária**. Asunción: Servilibro, 2007. p. 7-78.

ARQUIVO MARXISTA NA INTERNET. 1ª Conferência Nacional do Partido Comunista do Brasil (PCB) (16 de julho de 1934). Disponível em: < 1ª Conferência Nacional do Partido Comunista do Brasil (PCB) (marxists.org)>. Acesso em: 16 maio 2024.

BASTOS, Augusto Roa. Paraguay: una isla rodeada de tierra. 1986.

BARROS, Luiz Eduardo Pinto. **Os saltos da discórdia: o impasse entre Brasil e Paraguai em torno das Sete Quedas (1962-1966)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Grande Dourados. 2012.

BATALHA, Claudio HM. O movimento operário na Primeira República. **Ed. Jorge Zahar**, 2000.

BERMANN, Marcelo Pereira da Silva. **A influência da Guerra do Chaco nas disputas político-econômicas do Brasil (1927-1938)**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2023.

BRASIL, Bruno. A Classe Operária. 2014; Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-classe-operaria/>>. Acesso em: 4 julho 2024.

CAPDEVILA, Luc. La sombra de las víctimas oscurece el busto de los héroes.. Historia del tiempo presente y construcción democrática (América Latina/Europa). **Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Nouveaux mondes mondes nouveaux-Novo Mundo Mundos Novos-New world New worlds**, 2009.

CASAS, Saúl; PONS, Adriana Sara; UNC, Javier Moyano. El Partido Comunista Paraguayo durante la década infame paraguaya (1937-1947): entre la “revolución nacional” y la lucha contra el fascismo. 2011.

CASTELLS, Carlos Roberto. Del movimiento reformista a la insurrección: la izquierda paraguaya y el Nuevo Ideario Nacional (1929-1931). 2021.

CASTELLS, Carlos. Obreros comunistas, comunistas obreros: el Partido Comunista y el

movimiento obrero en Paraguay (1930-1947). 2022.

CÔRTEZ, Tiago Rangel. Paraguaio em São Paulo: uma história e um retrato. **Travessia-revista do migrante**, n. 74, p. 13-36, 2014.

CREYDT, Oscar Adalberto Federico. Formación histórica de la nación paraguaya: pensamiento y vida del autor. Paraguai, **Ediciones Colihue Mimbipa**, 2010.

CREYDT, Oscar Adalberto Federico. **Do Partido Comunista Paraguaio ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil (1954)**. Arquivo Marxista na Internet. Disponível em: https://marxists.wikis.cc/portugues/tematica/rev_prob/64/paraguai.htm. Acesso em: 2 novembro 2024.

FERREIRA, Cristina; ZIMMERMANN, Ana Carolina. O golpe vira uma festa: o 31 de março de 1964 nos discursos e nas práticas cívico-patrióticas (1970-1971). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 23, p. e258, 2023.

FERREIRA, Jorge. O Partido Comunista Brasileiro e o governo João Goulart. **Revista Brasileira de História**, v. 33, p. 113-134, 2013.

FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo. A invenção da memória: a disputa pelo legado do comunismo no Brasil entre o PCB e o PCdoB. **Mouseion**, n. 35, p. 09-22, 2020.

GAONA, Francisco. Historia gremial y social del Paraguay. **Germinal-Arandurã**, 2007.

HERLER, Thomaz Joezer. **O MR-8 (DI-RJ) enquanto alternativa de representação da classe trabalhadora (1964-1967)**. Universidade Estadual de Londrina. 2013.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. **Fontes históricas**, v. 2, p. 111-153, 2005.

MARIÁTEGUI, José Carlos. 7 ensayos de interpretación de la realidad peruana. Librería Peruana, 1934.

MARTÍNEZ, Virginia. "Barrett, Soledad". Dicionario biográfico de las izquierdas latinoamericanas. 2020. Disponível em: <https://dicionario.cedinci.org/barrett-soledad/>. Acesso em: 6 janeiro 2025.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; MOORE, Samuel. **Manifesto of the communist party**.

Peking: Foreign Languages Press, 1972.

MEMÓRIA IBGE. Dados históricos dos censos demográficos. 2013; Disponível em: <<https://memoria.ibge.gov.br/historia-do-ibge/historico-dos-censos/dados-historicos-dos-censos-demograficos.html>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO. José Maria Ferreira de Araújo. Sem Data. Disponível em: <https://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/jose-maria-ferreira-de-araujo/>. Acesso em: 8 janeiro 2025.

MENEZES, Alfredo da Mota. **A Herança de Stroessner: Brasil-Paraguai 1955-1980**. Editora Bonecker, 1985.

MILANESI, Dálcio Aurélio. Sobre a Guerra do Paraguai. **Revista Urutágua, revista acadêmica multidisciplinar**, n. 05, 2004.

MONGES, Alma Concepcion et al. Marx em terras guaranis: a nacionalização do marxismo no pensamento de Mauricio Schwartzman. 2021.

MONTERO, Mariano Damián. “**Álvarez, Wilfrido**”. Dicionario biográfico de las izquierdas latino-americanas, 2021. Disponível em: <https://dicionario.cedinci.org/alvarez-wilfrido/>.

MONTERO, Mariano Damian. “Aunque yo los fusilaría, mi voluntad no es la Ley”. Los campamentos guerrilleros del Partido Comunista Paraguayo en Itapecerica y Ponte do Grego y la dictadura militar brasileña. Represión y legalidad, 1961-1966. **Cuadernos de Marte**, n. 22, p. 93-127, 2022.

MÜLLER, Adelmo. **Fronteira das Emboscadas**. Foz do Iguaçu, 1998.

NICKSON, Andrew; FARINA, Bernardo Neri. **Las guerrillas del alto Paraná**. El Lector, 2013.

NICKSON, Andrew. Oscar Creydt: Una biografía. **El Lector**, 2011.

OLIVEIRA, Vitor Wagner Neto de. **Nas águas do Prata: os trabalhadores da rota fluvial entre Buenos Aires e Corumbá (1910-1930)**. Unicamp., 2009.

PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO. **Programa do Partido Comunista do Brasil**

[Aprovado no IV Congresso 7 a 11 de Novembro de 1954]. Arquivo Marxista na Internet. Disponível em: https://marxists.wikis.cc/portugues/tematica/rev_prob/64/programa.htm. Acesso em: 2 novembro 2024.

PAZ, Alfredo Boccia; GONZÁLEZ, Myrian Angélica; AGUILAR, Rosa Palau. **Es mi informe: los archivos secretos de la policía de Stroessner**. CDE, 2014.

PEREIRA, Astrojildo. **Formação do PCB: 1922/1928-Notas e documentos**. Boitempo Editorial, 2022.

PEREIRA, Luciana Lombardo Costa. Algumas reflexões sobre os arquivos policiais a partir de uma trajetória de pesquisa no DOPS do Rio de Janeiro. **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, v. 27, 2013.

PORTAL GUARANÍ. Francisco Gaona. Disponível em: https://portalguarani.com/665_francisco_gaona/. Acesso em: 22 maio 2024.

PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a história comparada da América Latina. **Revista de História**, n. 153, p. 11-33, 2005.

PRESTES, Luís Carlos. A luta do povo paraguaio é a nossa luta. **A Classe Operária**, n. 56, 15 março 1947. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/tematica/jornais/classe_operaria/. Acesso em: 9 fevereiro 2024.

QUEVEDO, Charles; SOLER, Lorena. El primer Partido Comunista del Paraguay, la Internacional Comunista y la guerra del Chaco. **Avances del Cesor**, v. 17, n. 22, p. 105-125, 2020.

RIVAROLA, Milda. "Todos son maximalistas": la Revolución Rusa en el Paraguay a través de El Diario y Bandera Roja. **Prismas**, 2017, 21.2: 207-213.

RODRIGUES, Theófilo. **Problemas: a revista teórica dos comunistas entre 1947 e 1956**. Portal Grabois. Disponível em: <https://grabois.org.br/2023/08/15/problemas-a-revista-teorica-dos-comunistas-entre-1947-e-1956/>. Acesso em: 4 novembro 2024.

RODRIGUES, William Cirilo Teixeira. Imperialismo e subimperialismo em Ruy Mauro

Marini: breve análise sobre o estado da arte. Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu, 2024.

ROIZ, Diogo da Silva. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, 302p. Anos 90, v. 14, n. 26, 2007.

RONIGER, Luis; SENKMAN, Leonardo. Fuel for conspiracy: suspected imperialist plots and the Chaco War. **Journal of Politics in Latin America**, v. 11, n. 1, p. 3-22, 2019.

SECRETARIA NACIONAL DE CULTURA. **Archivo del Terror digitalizado pasa a formar parte del acervo del Archivo Nacional para su divulgación**. Disponível em: <https://cultura.gov.py/2017/06/archivo-del-terror-digitalizado-pasa-a-formar-parte-del-acervo-del-archivo-nacional-para-su-divulgacion/>. Acesso em: 17 abril 2025.

SILVA, Carla Luciana. A revolução da VPR, a Vanguarda Popular Revolucionária. Uberlândia: Navegando, 2021.

SILVA, Graziano Uchôa Pinto da et al. Repressão e resistência: o governo Stroessner e os grupos de guerrilha 14 de Mayo e FULNA (1954-1970). 2017.

SILVA, Manuella Sampaio da et al. **Memórias do Exílio na Fronteira: Trajetória e Resistência de Exilados Paraguaios em Foz do Iguaçu**. 2021.

SILVA, Paulo Renato da. Uma historiografia sobre a “falta”: a ditadura do general Alfredo Stroessner no Paraguai (1954-1989). **Revista de História (São Paulo)**, p. a01517, 2019.

SILVA, Paulo Renato da; JÚNIOR, Waldson de Almeida Dias. De “estadista” a ditador: a repercussão do exílio de Perón no Paraguai nas representações sobre Stroessner e seu governo n’o globo (1954-1955). **Tempos Históricos**, v. 28, n. 1, p. 161-193, 2024.

SOUSA, Fábio da Silva. Sonhos revolucionários e pesadelos ardentes: El machete, a classe operária e a luta da imprensa comunista mexicana e brasileira (1920–1930). **Paco e Littera**, 2021.

SOUZA, Fernando dos Anjos. Conflitos armados, encontros e combates nas fronteiras do sul de Mato Grosso, nas décadas iniciais do século xx. **Dourados: UFGD**, 2018.

VOZ OPERÁRIA. **Declaração Sobre a Política do PCB**. 1958. Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/tematica/1958/03/pcb.htm>. Acesso em: 7 janeiro 2025.